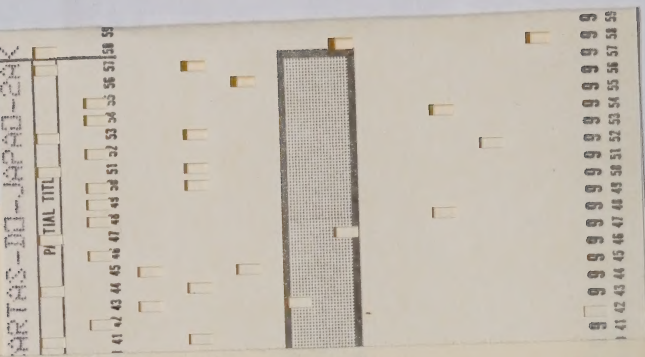

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA

LUX
LIBERTAS

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

DS837
.M68
1927
v. 3

This book is due at the LOUIS R. WILSON LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

DATE DUE	RET.	DATE DUE	RET.
Form No. 513			

WENCESLAU DE MORAES

ARTES DO JAPÃO

S. E PORTUGAL BRASIL
LISBOA

CARTAS DO JAPÃO

D'esta edição foram impressos 200 exemplares em papel couché, *numerados.*

CEREJEIRAS EM FLÔR

DS837
.M68
1927
V. 3

WENCESLAU DE MORAES

CARTAS DO JAPÃO

III

2.ª SERIE — 1911-1913

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL
SOCIEDADE EDITORA
ARTHUR BRANDÃO & C.ª
RUA DA CONDESSA, 80

Reservados todos os direitos de reprodução: em Portugal, conforme preceituam as disposições do *Código Civil Português;* no estrangeiro (países da União) em harmonia com a Convenção de Berne, a que Portugal aderiu por decreto de 18 de Março de 1911, e a que o Brasil aderiu tambem pela lei n.º 4:541, de 6 de Fevereiro de 1922, e decreto n.º 15:530, de 21 de Junho do mesmo ano.

Imprensa da PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 100 — LISBOA

I

18 de janeiro de 1911

Como principia o anno referentemente á politica extremo-oriental; boatos sinistros; a attitude aggressiva da imprensa dos Estados-Unidos contra o Japão; hypothese sobre o desejo de um rompimento; como são as coisas e como são os homens; os americanos protectores da China; a idade do dinheiro e outra força tremenda: a lucta social. — Um artigo interessante do *Japan Chronicle;* a vida modestissima dos nipponicos; dados curiosos a tal respeito sobre as refeições, usos, costumes, etc.

ACODE observar que, pelo que respeita a politica extremo-oriental, o anno de 1911 começa pouco mais ou menos como terminou o anno de 1910; propalando-se dia a dia, com crescida insistencia, sinistros boatos de um possivel (alguns dizem — provavel —) rompimento de hostilidades, n'um futuro mais ou menos proximo, entre os Estados-Unidos da America e o Japão.

E' certo que, pelos jornaes da grande republica americana, não escasseiam artigos aggressivos, no sentido que indiquei. Em conferencias, em discursos officiaes, a verbosidade americana mostra-se igualmente, por vezes, provocante. Até a attitude de alguns altos funccionarios se accusa inflammada.

Quer-me parecer que, na America, uma grande parte

(não certamente a totalidade) do elemento naval e militar, conjunctamente com os traficantes do alto commercio e da alta industria, deseja a ruptura, por motivos facilmente imaginaveis. A este estado desagradavel de coisas, os japonezes estão oppondo uma correcta frieza, uma cortez serenidade, que desarmam as arrogancias dos *yankees*.

Como são as coisas e como são os homens!... Durante a guerra russo-japoneza, os americanos esforçaram-se, em geral, por mostrar as suas sympathias pelas glorias japonezas; e foram elles proprios que provocaram as negociações de paz, em signal de estima, dizia-se, pelos nipponicos. Pois bastou que decorressem alguns annos, poucos, para que os americanos iniciassem uma contenda racial contra o Japão, contenda que já hoje reveste mui graves apparencias; e prosegue. A par d'isto, fazem-se agora amigos, protectores dos chinezes; estando em negociações adiantadas, consta, um grande emprestimo monetario, que os millionarios americanos fazem ao governo de Pekin. A realisar-se este emprestimo, não resta duvida de que a importancia politica da America subirá muito na China, com manifesta inconveniencia dos interesses japonezes.

Veremos o que sahe de tantas embrulhadas. Lembremo-nos no entretanto mais uma vez, para nos livrarmos de surprezas, de que a humanidade, havendo evolucionado pela idade da pedra, pela idade do ferro, pela idade do bronze, floresce actualmente em plena idade do dinheiro. Do dinheiro, devemos esperar uma longa série de successivas peripécias, no drama mundial. Acima do dinheiro, como instigador da lucta humana, só julgo possivel uma outra força, esta tremenda, esta medonha: —a lucta racial!...

— Um correspondente japonez do *Japan Chronicle* publicava ha dias n'aquelle jornal um interessante artigo, referente á vida modestissima da população rural, a mais numerosa, do Japão.

Segundo tal artigo, 18 yens por mez, que valem cerca de 9$000 réis, bastam para manterem, e realmente mantéem, uma familia de cinco pessoas, nos districtos agricolas do imperio.

Descendo a detalhes, o correspondente apresenta pela seguinte fórma a nota da despeza diaria: — 2 *shô* (tres litros e seis decilitros de arroz, que custam 150 réis; meio *shô* (nove decilitros) de cevada, que custam 30 réis; verduras, que custam 15 réis; 100 *momme* (375 grammas) de *misó* (conserva de feijão) para sôpa, ao custo de 50 réis; combustivel, 20 réis; azeite 7 réis; somma total, 272 réis.

Registrada esta despeza diaria de 272 réis, nota-se ainda um excedente mensal de 840 réis, que bem chega para o que poderemos chamar coisas de luxo, isto é, para saborear uma fumaça de tabaco, para alguma rara libação de *saké,* o vinho indigena, e para algum igualmente raro acepipe de peixe, geralmente sêcco ou salgado. Quanto a vestuario, é elle em regra tão modesto e tanto se remenda por annos successivos, que nem vale a pena mettel-o no orçamento; deixemos ao acaso de uma colheita mais feliz o ensejo de poder ir-se comprar na aldeia um córte de fazenda de algodão.

Estes simples numeros dão eloquente ideia da vida de miseria que leva a gente dos campos, n'este imperio. E note-se que estamos considerando uma familia privilegiada, de *morgado,* possuindo terras de cultura. Por uso muito antigo no Japão, só o primeiro filho herda do pai a propriedade, exigua de mais, em regra, para poder

soffrer partilhas. Os outros filhos, sem bens proprios, téem de viver do seu salario; nos campos, o trabalho de um homem é remunerado annualmente por 17$500 réis, com comida, e diariamente por 175 réis. Notemos ainda, como circumstancia curiosa, que toda esta gente sabe lêr e escrever, lê jornaes, todas as creanças vão á escola, recebendo uma educação incomparavelmente superior á da grande maioria do povo nos paizes europeus.

Este quadro da existencia do camponez nipponico, sustentado a punhados de arroz e de cevada, parecer-nos-ha, a nós, occidentaes, simplesmente medonho. No entretanto, convém imaginar que o desconforto não é tão cruciante como á primeira vista salta aos olhos. O mar, para as povoações costeiras, os rios, para as outras, offerecem, pela pesca, surprezas agradaveis; muitos fructos e muitos vegetaes aproveitaveis na cosinha colhem-se, não se compram; algumas fazendas de uso são tecidas em casa; as sandalias custam simples cobres; as capas de abrigo são feitas de palha, de fabrico domestico; nos infimos logarejos onde não ha banhos publicos, um dos visinhos, por turno, prepara o banho quente em certo dia, convidando gratuitamente toda a visinhança a vir banhar-se em sua casa.

Nos centros populosos, nas grandes aldeias e nas cidades, onde se exercem variadissimas industrias, onde a mão larga a enxada para empunhar de preferencia a ferramenta, claro está que o conforto da vida do povo japonez logra conforto superior á vida do camponio. Todavia, o ganho parco e a existencia humilde, muito humilde, são ainda as caracteristicas geraes. O luxo requintado é uma excepção para raros. O povo continúa comendo o seu arroz, prescindindo acaso da cevada, e adubando-o com um pedaço de nabo tirado da salmoura

e, nem sempre, com um pedacito de peixe. As libações de *saké* são mais frequentes; mas é, como bebida, o chá que predomina, ou mesmo a simples agua quente.

Apreciemos, como quizermos, e lamentemos, como entendermos, a simplicidade de costumes em que ainda se encontra, em geral, esta gente nipponica. Se a julgarmos menos feliz do que o homem do Occidente, ao qual os progressos da civilisação já amplamente alargaram a esphera de desejos e os meios de sua realisação, resta provar o argumento. Da sobriedade nipponica, o que resulta, evidentemente, é uma acuidade de apreciação, uma sensibilidade no gôzo, que nós, occidentaes, não possuimos. Sobre taes qualidades, é que eu desejo apresentar aqui uns ligeiros commentarios, tendentes a pôrem em relêvo uma feição interessante do caracter japonez.

No que respeita ás refeições, eu nunca vi um europeu saborear devidamente, com delicia, uma iguaria. Tenho visto magros famintos devorarem com ancia uma côdea de pão negro; tenho visto gordos burguezes mastigarem com enfado os mimos culinarios. Nos japonezes é outra coisa. A arte de tomar o gôsto a um repasto é exclusivamente japoneza. Os dois pausinhos, os *haski,* substituindo o nosso garfo e a nossa faca, lembrando de certo modo as duas laminas apprehensoras de um longo bico de ave, véem de molde a servirem a estes delicados, que saboreiam um pratinho de feijões, colhendo-os grão a grão, que esmiuçam lentamente no seu quinhão de peixe a parte appetecivel, que, finalmente, com uma graça toda sua, começam e terminam a sua simples refeição, sem pressas, mas tambem sem fastio, presos de um ingenuo enlêvo gustativo.

Vêde com que requintadas maneiras de conforto

aquella *musumé* se serviu do seu jantar, este um verdadeiro jantar de luxo, consistindo em alguns pedacitos de peixe crú, que ella saboreou com o acompanhamento de alvo arroz cosido; concluindo por uma ultima taça de arroz, regado com chá quente e de mistura com talhadinhas de nabos em salmoura. E reparae com que agrado, terminando, a palavra — *Oishü!* (delicioso!) — se lhe soltou dos labios, espontanea. O facto, renovado a cada instante e em cada individuo, só póde encontrar explicação na persistencia dos habitos simples, que, como que preservam n'uma emotiva virgindade as qualidades do paladar, gastas em nós pela orgia dos molhos e refugos.

Outro exemplo da modestia dos costumes. Durante os frios intensos de janeiro e de fevereiro, quando os occidentaes, aqui residentes, atafulham os seus fogões com amplos pedaços de carvão de pedra, esbrazeando dia e noite, o japonez ou japoneza dá-se por feliz se póde ter junto de si um brazeiro pequenino, com duas ou tres brazitas de carvão vegetal, a cujo calor aqueça os dedos. E pela noite, nas casinhas de madeira e de papel, mal resguardadas contra o impeto das brisas glaciaes, introduz-se então entre as colchas o brazeiro, regalando-se a gente em encostar-lhe as plantas dos pés nús e adormecendo...

E o tabaco!... A inconfundivel maneira com que o japonez ou a japoneza engole o fumo e saboreia o seu minusculo cachimbo, onde introduziu uma pitada de tabaco indigena, baratissimo, dá-nos a noção nitida de que são elles que conhecem o gôsto do tabaco, e não nós, embora avulte em cifras a verba dos soberbos havanos que compramos.

E tudo assim. Seria longo e fastidioso para o leitor enumerar aqui as mil e mil manifestações da vida sobria

d'este povo, ao qual coube em partilha um sólo gentilissimo de aspectos, mas pobre de riquezas naturaes; vida sobria tambem pela indole contemplativa da gente, facil de contentar, á qual apenas agora assomam, importados de longe, impetos de orientação moderna, creando desejos novos, ambições novas, que certamente irão modificando o primeiro caracter nacional.

Da existencia humilde e simples dos japonezes, á qual devem a sua emotividade ingenua, a sua acuidade palpitante, como acabamos de vêr nas coisas comesinhas, derivam tambem creações artisticas de alto brilhantismo esthetico; parece, com effeito, que a abundancia é inimiga da inspiração, devendo esperar-se mais do individuo humilde do que d'aquelle que vive incensado de regalos. Para não irmos mais longe, basta considerarmos a arte da jardinagem em miniatura, incluindo o tratamento das plantas anãs, a qual recebeu inspiração na circumstancia do espaço infimo de que o japonez dispõe, em regra, no seu jardim; mas fica este assumpto para outra vez.

— O imperio japonez prosegue afoitamente pela senda das ideias correntes na época, ainda as mais melindrosas e discutiveis, como a acção de conquista e o alargamento do seu sólo, o grande desenvolvimento dado ás forças militares e navaes, etc. A par d'isto, agarrado ás velhas tradições — e bem haja, — persiste, em muitas coisas, no dôce amor da chimera, perpetuando a lenda.

Informam os jornaes que a lista de contribuições para o annual certamen poetico, cujo assumpto é dictado pelo imperador, encerrou-se este anno no dia 10 do corrente mez, havendo-se recebido 33.000 poesias, *tankâ* (poemas de 31 syllabas, dispostas em cinco versos), compostas,

como é sabido, por individuos de todas as classes sociaes.

Os mesmos jornaes acrescentam ingenuamente que o numero dos contribuintes foi em 1911 inferior ao dos annos anteriores, o que se attribue á difficuldade do assumpto:—«O luar de inverno, incidindo sobre as ameixieiras em flôr.»

II

4 de Fevereiro de 1911

Julgamento de 26 criminosos — Os que soffrem de perturbações mentaes no Japão; varias considerações a este respeito — A proposito da epidemia da peste — Palestra sobre preços correntes de varios artigos — Um poema indigena em tres unicos versos.

O grande acontecimento sensacional d'estas ultimas semanas, no Japão, foi, sem duvida, o julgamento de 26 criminosos, incluindo uma mulher, professando doutrinas anarchistas, implicados n'um attentado contra as vidas do imperador e de outros membros da familia imperial. Mal se conhecem os pormenores do estranho crime — estranho sobretudo no Japão, — porque o tribunal funccionou quasi secretamente e a imprensa local poucos detalhes publicou. Vinte e quatro dos accusados foram condemnados á morte e os dois restantes a penas temporarias de prisão; o imperador commutou a pena de doze d'elles em prisão perpetua, sendo os outros doze enforcados em Tôkyô, no dia 24 do mez passado.

Não insistiremos n'este complicado e tenebroso drama, que vai buscar a sua origem ás tremendas commoções sociaes que agitam presentemente o mundo inteiro, sem excepção da Asia, sem excepção do Japão. Nós — os lei-

tores e eu – pedimos principalmente ao Japão o perfume das suas flôres – começam agora a florir as ameixieiras e a graça do seu exotismo; por isto, registrando o facto, passamos sem delongas a outro assumpto.

– Diz um jornal local que, na opinião do doutor Goto, director do hospital de doenças cerebraes, em Tôkyô, o numero de individuos soffrendo de perturbações mentaes é, no Japão, proporcionalmente superior ao que se nota em outros paizes. Na Inglaterra, a percentagem de pacientes é de 399 por 100.000 pessoas da população; em Nova York, é de 339; no Canadá, é de 238; na Suissa, é de 224; na Allemanha, é de 191; em França, é de 177; no Japão, a percentagem é de 500 pessoas por 100.000 da população.

Comquanto seja impossivel obter aproveitaveis estatisticas dos tempos anteriores, é provavel que se tenha dado um certo augmento de casos de loucura entre os japonezes, devidos á brusca mudança nas condições da vida social e politica do povo, a partir do inicio da presente evolução do imperio, isto é, ha cerca de uns cincoenta ou sessenta annos para cá.

Por muitos seculos, este povo viveu práticamente excluido do contacto do mundo inteiro; consequentemente, os seus nervos encontram-se debeis, incapazes de supportarem os impulsos da pressão exterior. Sem aviso prévio, que o preparasse para a grande transformação, eil-o envolvido de surpreza na effervescente actividade do seculo XIX. Não deve, pois, surprehender que o esforço imposto pela nova ordem de coisas haja causado muito desarranjo mental entre os nipponicos. Proporcionalmente, registram-se mais casos de insania nas classes elevadas do que nas inferiores; justamente porque as pri-

meiras offerecem menos poder de resistencia, acostumadas como estão á vida facil e ao luxo.

Alguns dos accessorios da civilisação moderna, como os caminhos de ferro, os barcos de vapor, os carros electricos, accusam uma positiva tendencia a augmentar os casos de loucura. O cinematographo, por exemplo, que se tornou tão popular, deve necessariamente exercer mui injuriosos effeitos nos cerebros infantis. Quanto ao alcoolismo, raramente figura, no Japão, como causa de loucura, contrariamente ao que succede nos paizes do Occidente; isto é devido ao diminuto grau alcoolico das bebidas indigenas, comparadas com as bebidas europeias e americanas.

Assim diz, pouco mais ou menos, o doutor Goto, ao qual devemos attribuir ampla competencia no assumpto. O phenomeno social, a que venho de alludir, deixa-nos uma impressão de dôr, de compungimento, considerando o facto da evolução moderna de um grande imperio asiatico, pagando a sua aprendizagem ao custo do equilibrio mental da população surpreza . . .

Como nos vem impressionando o espirito, o mysterio, cada vez mais obscuro, dos destinos da humanidade inteira! . . .

— Certos phenomenos naturaes encarregam-se de provar, de quando em quando, que o homem investe muitas vezes pelas sendas do progresso, com inconveniente antecipação.

Vem isto a proposito da epidemia da peste, que actualmente grassa com medonha intensidade n'uma parte da China, na Manchuria, onde estão morrendo por dia cerca de duzentos pestiferos; a cidade de Harbin, parece, é o foco da molestia. Os habitantes da Man-

churia, muitos d'elles já contaminados do flagello, fogem em massa em todas as direcções, mercê da importante rêde de linhas ferreas que já hoje cruza as planicies chinezas; em Pekin e n'outros pontos já a peste fez a sua apparição, havendo justos receios de que dentro em pouco uma grande área do imperio se encontre pestilenciada.

Estamos vendo como o caminho de ferro se transforma em terrivel agente da propagação do mal. Na Europa, ha alguns seculos, tambem rebentavam tremendas epidemias de peste, como agora rebentam na China, devido isto ás condições insalubres dos grandes centros, á ignorancia dos povos, á incuria das auctoridades, causas que então se davam na Europa, como hoje se estão dando na China. Mas então faltavam por completo na Europa as communicações rapidas e faceis, o que trazia o indiscutivel beneficio de localisar o mal, de evitar o seu alastramento. Prova esta circumstancia que as condições sociaes da China ainda não se harmonisam com as vias de communicação rapida, com os caminhos de ferro, cujo estabelecimento os occidentaes iniciaram e tratam constantemente de desenvolver.

A massa ignara da população chineza vê, nas linhas ferreas estabelecidas no seu paiz, uma criminosa monstruosidade dos *diabos-brancos,* tendente a vir irritar os deuses e desencadear longas catastrophes. E não parece que a severa philosophia dos destinos, acode, ironicamente, a dar razão á massa ignara? . . .

— Na correspondencia anterior, referi-me ás condições economicas da população rural japoneza, observando que uma familia de cinco pessoas, em condições favoraveis de conforto, mantém-se ordinariamente com um

rendimento de 9$00 réis mensaes; e da extrema simplicidade de existencia dos japonezes, não só nos campos, mas tambem nas aldeias e nas cidades, conclui a notavel agudeza da sua emotividade, exemplificada, entre outras coisas, na delicia com que o nipponico saboreia o seu modestissimo repasto ou as fumaças do minusculo cachimbinho.

Palestrando, vou hoje deter-me por alguns instantes, a proposito dos preços correntes de varios artigos de que os nipponicos se supprem.

Comecemos pelo vestuario. Sabeis quanto custa um vestido de mulher? Se se trata de uma dançarina, de uma *gheisha* de fama, de Tôkyô, de Osaca, de Kyôto, um vestido de deliciosa sêda custará dezenas de mil réis; só o *obi* (a faixa de sêda da cintura) póde custar 150$000 réis, ou muito mais; e não fallemos dos anneis, por exemplo, sendo certo que os bellos dedos preguiçosos requerem gemmas coriscantes. Mas, claramente, as *gheishas* não constituem a maioria da população feminina japoneza; as mulheres do povo vestem *kimonos* que custam 1$000 réis, ou 500 réis, menos ainda.

O calçado habitual do japonez e da japoneza é a *gheta* (o socco) e o *zori* (a sandalia). A *gheta,* quando de inferior qualidade, custa menos de um tostão, e o custo do *zori* não passa de 10 réis. O *tabi,* a caracteristica peuga indigena, custa 70 réis; no verão é dispensavel, preferindo o pé estar nú.

A toalhinha de lavar o rosto e para o banho, custa uns 30 réis; uma só toalha, em uso constante, póde servir durante um anno. O banho de agua fumegante, na larga piscina publica, não excede 15 réis.

Nos mercados abundam as iguarias custosas, para

ricos, mas tambem, e principalmente, uma grande variedade de artigos baratissimos, de uso constante nas refeições nipponicas, como o nabo em salmoura, algas marinhas, cogumelos, rebentos de bambú, beringelas, peixinhos de todos os tamanhos — alguns não excedendo uma pollegada de comprido, — carne de baleia, etc. A sôpa de macarrão indigena, sobretudo apreciada pela noite, vendida por vendilhões ambulantes, compra-se ás tijelas, custando cada tijela 12 réis.

O chá, quando de qualidade superior, é muito caro; mas as qualidades inferiores são mui baratas. No entretanto, o chá deve ser considerado um artigo de luxo; a grande maioria da população bebe agua quente.

O japonez, é sabido, não come pão, come arroz. Cada *shô* de arroz de inferior qualidade custa cerca de oitenta réis; o *shô* equivale a um litro e oito decilitros. Mas come arroz quando o tem, quando as suas posses permittem tal regalo. Nas classes mais humildes, está muito em uso misturar o arroz com a cevada, sendo esta sensivelmente mais barata; e localidades ha onde o povo prescinde do arroz e da cevada, fazendo da batata dôce a base do sustento.

— Outro assumpto:

Foi o bonzo Bashô, que viveu de 1644 a 1691, quem popularisou o pequenino poema indigena, chamado *haikai,* constituido por tres unicos versos, de cinco, de sete e de cinco syllabas, ainda hoje muito em voga. Ninguem como elle possuia o dom de resumir em dezesete syllabas um conceito gracioso, embebido na dôce moral e de harmonia.

Bashô era um ferventissimo buddhista, praticando em extremo a frugalidade da existencia e o desapego das

grandezas terreaes; sempre de bom humor, aprazia-se em formular a sua moral em versos de improviso, que citava aos numerosos discipulos que o seguiam e ao povo que o escutava embasbacado.

Uma das suas grandes virtudes era o amor que votava aos animaes, não lhe soffrendo o animo a mais ligeira crueldade infligida a um sêr vivo, fôsse elle embora um verme ou um insecto. E' a este respeito que eu vou contar agora uma anecdota authentica, interessante; sentindo apenas que, por inhabilidade propria, não encontre rhythmica fórma portugueza, que traduza devidamente os dois *haikai* que citarei.

Passeava um dia Bashô, campos fóra, com alguns dos seus discipulos, quando um d'estes reparou n'um tira-olhos vermelho, que voluteava então no espaço; e, impressionado o discipulo pela parecença que o corpinho esguio do insecto offerecia com o pimento indigena, de iguaes dimensões e colorido, muito em uso na arte culinaria do paiz, soltou dos labios, de improviso, esta poesia:

Aka-tombo
Hane wo tottara,
Tô-garashi.

A traducção é esta:

Tira-olhos encarnado,
Se te arranco as quatro azas,
Ficas assim transformado:
— Um pimentinho.

Bashô, que, nem em verso, admittia transgressões á prática de bondade com os brutos, retorquiu, reprehen-

sivo, que esta poesia não prestava, devendo ser substituida pela seguinte:

To-garasht
Hane wo tsuketara.
Aka-tombo.

A traducção é esta:

Pimentinho,
Se te ponho quatro azas,
Ficas assim transformado:
— Tira-olhos encarnado.

III

1 de março de 1911

A munificencia do imperador do Japão — Ares turvos passageiros — As miserias estupendas do Japão; observações a proposito; as peripecias de um crime — Uma scena de tragedia humana — Informações interessantes sobre as miserias de um bairro de Kobe.

O principal acontecimento a registrar é um acto de munificencia imperial.

No dia 11 de fevereiro, que é o *kighensetsu,* anniversario da ascensão ao throno do primeiro imperador do Japão (no anno 660 antes de Christo, segundo resa a lenda) o soberano entregou ao presidente do gabinete a quantia de 1.500:000 yens (cerca de 750 contos de réis), tirada do seu bolso privado, com destino a servir de nucleo a um fundo de caridade, especialmente applicado a estabelecer hospitaes e ministrar medicamentos gratuitos a todos os indigentes do imperio, quando enfermos. Quando se considere que similhante somma representa uma terça parte da actual lista civil da casa imperial, mais se põe em relêvo o valor da dadiva, que traduz certamente o fructo de uma perseverante economia nos gastos imperiaes.

O exemplo, vindo do alto, ha-de sem duvida estimu-

lar os brios das classes abastadas; podendo já contar-se com uma intensa corrente de beneficencia, no sentido que acabo de indicar.

— Turvaram-se por um momento os ares politicos no Extremo-Oriente, com o *ultimatum* que a Russia apresentou ha poucos dias á China, a proposito de umas certas regalias a que se julga com direito no territorio da Mongolia. A China cedeu, conforme se annuncía e era de esperar, e tudo entrou de novo em santa paz.

Uma ferroada a mais no Dragão exhausto não é coisa que espante. Estamos acostumados a esse jogo.

— O Japão, o paiz dos aspectos paradisiacos, das florescencias maravilhosas, do povo cortez e sorridente, é tambem, nos seus mysteriosos recessos — embora não pareça, — o paiz das miserias estupendas, dos grandes crimes paradoxaes. A miseria e o crime, como os escalrachos damninhos, prosperam por todo o mundo; o Nippon não podia fazer excepção á regra. Mas acontece que, mercê de tão caracteristicas differenças ethicas, que separam a alma japoneza da alma occidental, a tragedia humana attinge aqui, por vezes, manifestações de um exotismo inconcebivel, allucinante, constituindo um pavoroso abysmo de surprezas.

Porventura, nas tremendas aberrações actuaes que aqui se nos deparam, deveremos reconhecer vestigios de remotissimas civilisações já esquecidas, dos tempos em que as civilisações dos homens se assimilhavam ás civilisações dos brutos de hoje.

Pois não vemos certos animaes, como por exemplo algumas aves, sobretudo quando captivas, matarem os filhos ás bicadas? Os ratos brancos, em gaiola, devoram

a tenra prole, algumas vezes. A gata afasta da ninhada e abandona os filhitos combalidos. As abelhas obreiras assassinam as abelhas mestras em excesso no cortiço.

Pois a criminalidade japoneza offerece occasionalmente alguns pontos de contacto com essa moral das aves, dos ratos, das gatas, das abelhas. Moral crudelissima, sem duvida, mas que, de quando em quando, já hoje algum pensador occidental tenta explicar e defender; vai mais longe:—quasi condemnando as nossas virtudes sociaes que se lhe oppõem.—Assim, a caridade já vai merecendo reparos pouco amenos; os hospicios de beneficencia, onde se ministram remedios e alimento aos aleijados, aos fracos, aos rachiticos, já alguns vão comparando a verdadeiros viveiros de degenerados, com destino a virem envenenar os sãos com os seus contactos. E já se pergunta sem rebuço:—"não seria muitas vezes preferivel que a creança tuberculosa morresse, como um gatito ao abandono, em vez de resistir pelos carinhos ministrados, indo depois, indelevelmente tarada, contrahir matrimonio e multiplicar o mal?...

O que se vai manifestando tristemente é que, á medida que a sciencia avança em seus progressos, o problema humano mais intrincado se apresenta. O aeronauta domina o espaço; a electricidade alcança maravilhas; a ballistica faz prodigios; mas como salvar a humanidade da miseria, que é inherente aos seus destinos?... E agora, descendo das transcendencias onde a palestra me levou, passo a narrar succintamente um caso criminal, de que uma folha japoneza me trouxe a narrativa:

Um jornaleiro de infima classe, ganhando accidentalmente uns 250 réis diarios, quando occupado em desentulhos ou coisa parecida, chamado Higuchi Kasuké, de quarenta e tres annos de idade, acaba de ser preso em

Osaka, accusado de ter morto a propria filha O'-Kuni, de treze annos de idade.

Contam-se, como seguem, as peripecias d'este crime.

O jornaleiro casára quando joven, tendo dois filhos, actualmente afastados de Osaka, entregues a humildes misteres, e uma filha, O'Kuni, que lhe ficou em casa.

Morreu-lhe ha annos a mulher. Kasuké contrahiu novo consorcio, trazendo-lhe a companheira dois filhos, de uma primeira ligação. Tereis notado que, no lar dos pobres, abunda em regra a filharada.

A situação de O'Kuni tornou-se então angustiosa: — mal vista pela madrasta, beliscada pelos pequenos, empecilho domestico, a quem se estendia com enfado a tigela com arroz cosido dos repastos. — Foi finalmente resolvido levar O'Kuni para uma fabrica de sêdas, como aprendiza, contratada por cinco annos; fornecendo-lhe a fabrica alimento, domicilio e duas libras por uma só vez, adiantadas, as quaes o pai guardou no bolso, pressuroso.

Ha poucos dias, porém, a creança cahiu doente; e a direcção da fabrica, julgando-a coisa inutil, fez o favor de dispensar os seus serviços. O pai foi chamado para leval-a.

Eis pois, de novo, O'Kuni volvida ao lar, ao seu lar de miseria, de fome e de maus tratos. A doença era grave. Os lamentos da enferma tornavam-n'a ainda mais insupportavel do que d'antes. O pai recorreu então ao expediente de mandal-a para a ilha de Shikoku, para a companhia de uma irmã que elle alli tinha, vendendo para o caso uns ultimos andrajos com que comprou o bilhete de passagem; mas um agente de policia, postado no caes de embarque, impediu que ella seguisse, á conta de

que a pequena não podia viajar sósinha, assim cahida de lazeira e de molestiá.

Era de mais! A madrasta rompeu em imprecações contra o mostrengo, ao vêl-o volver ao albergue, d'onde, já agora, não havia meio de varrel-o. Mas Kasuké cuidou de serenar-lhe o animo; e, pela tarde, eil-o de novo levando a filha em digressão. O passeio foi longo, para a banda dos arrozaes, abandonados, desertos n'esta quadra. Como a pequena não podésse caminhar, carregou com ella sobre as costas, com carinho. Sacando 4 *sens* (20 réis) da algibeira, os ultimos cobres, talvez, que lhe restassem, comprou com elles algumas batatas dôces, a um vendilhão das ruas, assadas, quentes, saborosas, com que regalou a filha. E foi seguindo, seguindo, lentamente, excogitando, procurando... difficilmente se imaginaria o quê. Até que finalmente, deparando-se-lhe á vista uns pedaços de ripas velhas sobre o sólo, desembaraçou-se do fardo que levava, sacou das ripas e deu cabo da filha á bordoada. Depois, prostrou-se na terra e resou sobre o cadaver, regressando seguidamente ao seu albergue. Uma garota qualquer, divagando pelos campos, presenceou, por acaso, sem ser vista, toda a scena; foi ella que deu depois detalhes minuciosos á policia.

— Uma outra noticia de jornal, uma outra scena da tragedia humana.

Convém saber, antes de tudo, que no Japão, aos sacerdotes buddhistas, aos bonzos, é presentemente permittido, com excepção de uma ou duas seitas, o casamento.

Pois informava o seguinte, ha poucos dias, uma folha japoneza:

Um bonzo das visinhanças de Kyôto, com 38 annos de idade, tinha por companheira uma tal O'-Kiku-san, a senhora Chrysanthémo, com 69 annos de idade.

A união durava havia sete annos, dando thema a risos e commentos de outros bonzos e mais gente conhecida; mas parece que os dois viviam em lar afastado do convento.

Fosse como fosse, n'uma d'estas noites, a velha apresentou-se junto da bonzaria e mostrou intenção de alli ficar; mas a tal intenção se oppôz o bonzo; á conta das disposições motejadoras dos seus numerosos companheiros, que certamente se aproveitariam do incidente para multiplicarem os gracejos.

Foi-se a velha, mas minada de duvidas, de ciumes, de angustia; e a poucos passos, deparando-se-lhe um poço, atirou-se para dentro d'elle e lá morreu.

Riram-se os bonzos, por certo; riem-se talvez os leitores. Eu não me rio; choraria, se a consolação das lagrimas não fosse consolação quasi negada aos velhos, que já gastaram todas, em commoções passadas... Mas considerai: — não vos compunge a sentimentalidade dolorida d'aquelle pobre ente, que ainda aos 69 annos de idade se honra de ter um sexo e palpita em zêlos amorosos?... — Misero chrysanthemo resequido, mas ainda com perfume!...

— Ainda uma informação de jornal vem fornecer-me assumpto, com que vou terminar esta correspondencia.

Um redactor do *Osaka Osahi Shimbun* percorreu ha poucas semanas um dos bairros de miseria da cidade de Kobe, colhendo alli as seguintes informações interessantes:

No bairro referido, que fica no extremo léste da cida-

de, contam-se uns 785 casebres, occupados por gente votada a infimos misteres, constituindo um total de 5:000 individuos; o que dá, em média, cinco individuos por casebre. Note-se que o espaço habitavel de cada um d'estes covis é de cerca de dois ou tres *tatami* em superficie, o que corresponde a um quadrado de 1m,82 de lado, ou quando muito a um rectangulo, cujo lado maior mede 2m,73 e o menor 1m,82.

A renda habitual de cada habitação orça por 16 réis e meio em cada dia, acrescentada geralmente com 21 réis e meio tambem em cada dia, custo do aluguer de duas colchas, com as quaes a familia inteira se abriga, pela noite. O senhorio percorre todas as manhãs as habitações dos inquilinos, na faina de cobrar os cobres... quando os cobra, pois muitas vezes escasseia de todo a moeda em taes covis.

Em cada antro encontram-se, de ordinario, o marido, á mulher, o bando das creanças; acaso, um avô macrobio, que teima em perpetuar os seus dias de indigencia. Os misteres da gente que em algum mister se emprega pódem classificar-se por esta fórma: trabalhadores em desentulhos, serventes de pedreiro, jornaleiros nas obras do porto, infimos vendedores ambulantes, carregadores nos enterros, mestres de *buena-dicha,* caçadores de ratos, fabricantes de caixas de phosphoros, mendigos, etc.

A remuneração de taes misteres oscilla entre os limites de 300 réis a 50 réis diarios; no entretanto, mercê de varias contingencias, que incluem tambem a doença e a preguiça, será raro o individuo que possa contar com um salario certo de 1$500 réis mensaes.

Deixo á imaginação do leitor o cuidado de figurar, se quizer, os longos transes de fome, de miseria, de vicio,

de crime muitas vezes, que se desenrolam em mysterio, alli, n'aquellas agglomerações de desprotegidos da sorte, assentando arraiaes á beira dos grandes centros, mas dos quaes a massa da população desvia os olhos com enfado, como de um cardume de vermes.

IV

25 de março de 1911

Uma pagina de Joaquim Nabuco; a instabilidade dos brazileiros; um pouco de devaneio; a lição que se tira da referida pagina, relativamente á familia japoneza; um enorme engano; explicações que interessam; não constitue uma raça pura a japoneza — Convite das dinamarquezas, para uma manifestação politica ás damas do Nippon; estas recusam por não terem ainda assentes arraiaes feministas; divagações a proposito.

VEIO parar-me ás mãos, ha alguns dias, por acaso, uma bella pagina, repassada de observação subtil, de Joaquim Nabuco, morto ha cerca de um anno, o eminente diplomata e publicista brazileiro, que tanto honrou a terra onde nasceu.

Na pagina que recordo, que li e reli, Joaquim Nabuco descreve, com mão de mestre, essa instabilidade, mais terrivel que todas as instabilidades, que pesa sobre todos os americanos em geral, e que se resume n'um sentimento de saudade pelo mundo distante, quando na patria, e n'um sentimento de saudade pela patria, quando no mundo distante. E' que o brazileiro, apegado á America pelo nascimento e pelos habitos, apegado se sente tambem, e ainda mais, á Europa, pela lingua, pela religião, pela arte, pela poesia, pelas leis sociaes, por uma civilisação accumulada durante muitos seculos, pela raça, pela alma emfim!...

E Joaquim Nabuco, com uma grande sinceridade que lhe fica bem, embora nos deixe certa impressão de dôr, confessa que, por si, todas as paizagens do novo mundo, isto é, da sua terra, não valem uma nesga dos caes do Sena, á sombra do velho Louvre, ou alguns pontos pittorescos da Italia...

Pungentissima confissão!... Mas devemos concordar que assim deva succeder e que o brazileiro, e em geral o americano, vivam condemnados a uma existencia angustiosa, consciente ou inconscientemente sentida — pouco importa, — presos a um torrão que é o seu torrão, mas que não corresponde, pelo clima, pela paizagem, pela organisação social, pelas tradições historicas, ás aspirações da sua alma, attrahida, por mysteriosas sympathias de hereditariedade, ás terras europeias. O americano é, pois, como que a planta nascida de uma semente que germinou, ida de regiões longinquas; no entretanto, a planta nunca se adapta ao novo meio, vegeta definhada, desnaturada, sem poder attingir a pujança luxuriante, peculiar no sólo que lhe é proprio.

Mas que desillusão!... Então, esses paizes novos, que nós nos apraziamos em julgar povoados por uma humanidade tambem nova, palpitante de seivas, não passam, se quizermos empregar o justo termo, de grandes agglomerados de gente nevropatha, soffrendo pela falta de condições de adaptabilidade á sua propria patria!... E que tremenda ironia da natureza, perante a arrogancia europeia, perante o nosso insaciavel orgulho de conquistadores e de colonisadores, pretendendo talhar a terra ao nosso grado e exercer a nossa influencia em toda a parte!...

E' certo que o homem não nasceu para a inamovibilidade, nem cada porção de sólo pertence exclusiva-

mente a uma determinada raça. Todos os exemplos historicos nos convencem do contrario. Nem ha no mundo o que poderemos chamar, apenas idealmente, raças puras; por toda a parte, em Portugal, na França, na Allemanha, na Russia, n'um outro qualquer retalho da superficie terrestre, o que vêmos são populações provenientes de repetidas invasões e de repetidos cruzamentos, havendo-se soldado uns aos outros os differentes elementos e constituido typos novos.

O que parece assente é que, para que das multiplices invasões e dos multiplices cruzamentos se constitua um typo novo, perfeitamente adaptado ao meio patrio, são precisos muitos annos, são precisos muitos seculos, de lenta acção assimiladora. Durante estes longos periodos historicos, o sólo, por seu lado, dirigido intelligentemente pela mão do homem, faz concessões á familia invasora, modificando apropriadamente os seus aspectos. A familia invasora, por seu turno, tambem se transforma, tambem se adapta ao meio, ou pela influencia dos cruzamentos, ou por modificações espontaneas do seu proprio organismo. No americano do norte, por exemplo, que não póde ser accusado de haver jámais peccado por liberdades de cruzamento com a raça autochtone, já se observam interessantes phenomenos de transformação osteologica, entre outros o grande desenvolvimento dos queixos, peculiar ao indio da America; de sorte que, e exaggerando um tanto as coisas, o *yankee,* que escorraçou o indio indigena para se apropriar do seu sólo, transforma-se agora, para se adaptar ao sólo que usurpou... em indio indigena!...

Ora, eu peço perdão, a quem me lêr, de haver devaneado em demasia, em considerações superfluas, suggeridas pela pagina magistral de Joaquim Nabuco, o pu-

blicista brazileiro. O que eu pretendo especialmente aqui notar é a preciosa lição que se tira da pagina referida, com respeito á familia japoneza.

Ultimamente, e perante o grande desenvolvimento attingido já e a attingir ainda pelo imperio japonez, varias opiniões individuaes téem corrido pela imprensa occidental, advogando, em pró dos futuros progressos do Japão, um profuso cruzamento dos seus filhos com a nossa raça branca.

Enorme engano! — exclamo eu.

Os americanos, parece, téem uma noção nitida do disparate biologico, resultante do cruzamento entre japonezes e occidentaes; a julgar pelas leis prohibitivas de consorcio entre individuos das duas raças, em vigor em muitos dos Estados. Quanto aos japonezes, que notoriamente professam pouca sympathia pela nossa raça branca, ainda muito menos sympathia professam pelos mestiços do seu sangue, aos quaes chamam, com inegavel desdem, — *ainoko*, — filhos do amor, isto é, filhos do acaso, filhos de aventura.

Convém, antes de tudo, precisar que o problema dos mestiços offerece actualmente pouco interesse no Japão, por ser relativamente rara a especie e por ser igualmente relativamente rara a colonia estrangeira, residente no paiz. E parece que, com o correr dos annos, ainda o numero de residentes europeus e americanos irá diminuindo, por ir escasseando aqui a sua esphera de acção; podendo quasi affirmar-se que o Japão, nas suas relações de convivio com o estrangeiro, tende cada vez mais a vir a ser um simples centro procurado pelos *touristes*, que chegam, demoram-se alguns dias e abalam.

No entretanto, póde imaginar-se o que succederia se, contrariamente ás tendencias actuaes, o Japão passasse a

vir a ser um grande centro de emigração europeia e de mistura de raças. Se o sólo americano produz esses requintados nevropathas que são os brazileiros, imaginemos o que produziria o sólo japonez!... Sólo manifestamente differente das terras occidentaes, pelo clima, pelos aspectos. Raça em permanente conflicto com a nossa raça branca, por todas as caracteristicas, physicas e moraes, que queiramos confrontar; e, ainda por cima, raça cheia de vitalidade, cheia de energias proprias, incapaz de submetter-se a uma passividade complacente, em contrario do que succede com outras familias exoticas em presença do europeu.

Não, não se concebe a fusão, pelo simples meio de presença ou por cruzamento, dos dois typos tão dessimilhantes, que são o japonez e o occidental. Não esqueçamos que o europeu residente é sempre um deslocado, incapaz de identificar-se com a terra de adopção, com a alma japoneza e mesmo com a linguagem e os costumes japonezes, ainda quando as suas sympathias — caso raro — o prendam ao paiz.

Fallando geralmente, o mestiço, cuja resistencia para a vida, como animal humano, está longe de ficar provada nos exemplos fortuitos com que acaso deparamos, será sempre, como typo moral, um soffredor; soffrendo pela intima lucta entre duas mentalidades tão distinctas, que herdou, a do pai e a da mãe, mentalidades irreconciliaveis.

Quando a população mestiça abundasse no Japão, a ponto de pesar na orientação pensante do seu povo, o imperio haveria perdido a sua maravilhosa homogeneidade ethica que hoje lhe notamos e que tanto tem influido em seus triumphos. O japonez conhece isto; ou, pelo menos, tem o instincto d'este perigo. Foge d'elle, com

reconhecida tenacidade; em boa logica, não poderemos condemnal-o.

Notemos, terminando este artigo, que a familia japoneza, como todas as familias mundiaes, não constitue uma raça pura. Elementos malaios, mongolicos e outros déram, por fusão, o typo que hoje constitue o typo japonez, não ainda completamente uniforme no que respeita ás suas caracteristicas physicas, mas sem duvida sufficiente homogeneo para constituir uma alma nacional. Devemos admittir, presumo eu, que as diversas familias asiaticas, unidas entre si por multiplices affinidades, ganham em excluir, na elaboração fatal dos seus cruzamentos, a concorrencia do sangue europeu; os exemplos historicos parecem demonstral-o.

— Os jornaes japonezes informaram que uma carta fôra recentemente enviada a uma dama japoneza de Tokyo, pela associação internacional do suffragio universal das mulheres, da Dinamarca, convidando as damas do imperio a tomarem parte n'uma manifestação politica, internacional, e a representarem-se na associação, que conta membros de 21 nações differentes, europeias e americanas.

Ha poucos dias, algumas senhoras influentes da capital reuniram-se em conselho, no edificio da escola de lingua ingleza para raparigas, dirigida pela habil educacionista Tsuda Umeko, sendo o assumpto discutido. Decidiu-se então que o convite não devia ser acceito, á conta de que as circumstancias no Japão são muito differentes das circumstancias na Europa e na America, no que respeita a questão do suffragio, o qual aqui ainda é muito limitado, para os homens. As mulheres do imperio encontram-se n'um estado educativo, sem poderem actuar

uniformemente, em materia politica, com as suas irmãs do Occidente; se o fizessem, foi julgado, acarretariam causas de infortunio sobre a communidade em geral. A resposta, no sentido que deixo exposto, ficou de ser enviada ao seu destino pela professora Tsuda.

Conclúe-se, do facto que apontei, que o feminismo mundial ainda não póde contar com efficaz collaboração por parte das filhas do Nippon. A evolução feminina está-se dando aqui, a olhos vistos; no entretanto, longe está ainda o momento, por certo, em que a japoneza reclame para seu uso o direito do voto.

Quanto ao feminismo em geral, não dêmos demasiada importancia aos factos. Tudo n'este mundo é natural.

O problema do feminismo surgiu na Europa e na America, apupado pelos risos sarcasticos do elemento másculo. Hoje, já não provoca risos; pesa, pela intensidade das suas exigencias, nos destinos sociaes das nações.

Pouco importa. A mulher apresentava-se na familia, até ha pouco, como um sêr debil, delicado, carecendo de apoio e direcção. Encontrou no homem, naturalmente, o seu tutor.

Parece que as coisas se inverteram, pelo menos nos grandes centros. O homem, pallido, neurasthenico, indolente, com flôr ao peito, usando gravata vermelha, chapéu verde, cheviotes vistosos, parece tender a afeminar-se. A dama, preferindo tecidos de côr sombria e córte esguio, usando collarinho alto, empunhando bengala, mostra masculinisar-se no seu todo. Se, pois, é persistente o phenomeno, se o homem se debilita e se a mulher mais se avigora, nada mais natural do que esta vá prescindindo da tutella, inutil, reclamando para si igualdade de direitos, realisando-se mais tarde por ventura,

sem sombra de ridiculo, o proverbio referente á casa de Gonçalo, onde a gallinha governa mais do que o gallo.

E' uma simples questão de equilibrio, de compensação de energias, necessaria ao bem commum. Perduravel, se a corrente se mantém; ephemera, se o homem reganha, por um renovamento de forças, o seu papel predominante.

Quanto ao Japão, mal emancipado ainda do regimen feudal, que imperava ainda ha menos de 50 annos, a mulher ainda conserva a sua insignificancia apparente, alheiada dos grandes problemas sociaes, vivendo exclusivamente para a familia, para cuidar de seus filhos (o biberon ainda se não tornou aqui um utensilio corriqueiro), para educal-os. Não é uma escrava, embora erradamente assim a julguem muitas vezes na Europa. O lar é o seu reino; a sua força está nos seus encantos; para comprovar esta ultima circumstancia, lá está um velho proverbio japonez, que diz que, com a flauta feita de um tamanco de mulher, se attrahe um veado no outomno (quando, parece, é mais arisco)...

Se perguntassemos qual é mais feliz, se a mulher occidental, possuindo já muitas liberdades e trabalhando por adquirir muitas outras, se a mulher japoneza, indifferente a tudo que não seja o seu lar e o seu marido, não encontrariamos resposta decisiva. Cada qual no seu meio e no seu tempo. E tempos virão tambem, estejamos certos, em que a japoneza perore nas ruas, reclame para o seu sexo o suffragio universal e suggira ao companheiro, n'um áparte, que vá amamentar o filho... a leite Nestle, bem entendido. Mas essa época está distante; saiba-o a Associação Internacional do Suffragio Universal das Mulheres, da Dinamarca.

V

20 de maio de 1911

A proposito da delimitação de Macau; o artigo de uma folha belga, apreciando o tribunal arbitral da Haya; descreve-se a questão Savarkar; a decisão sobre um incidente do alludido tribunal; tira-se d'esta o corolario — Uma referencia ás ventarolas e leques japonezes; curiosidades a respeito de ambos; o seu commercio — O conde Okuma; um discurso notavel seu; plantação de um pecegueiro depois de proferido esse discurso.

QUANDO, ha algum tempo, proseguiam, entre o governo portuguez e o governo chinez, os trabalhos para a delimitação da nossa colonia de Macau, disseram varios jornaes europeus, dos que se publicam n'este Extremo-Oriente, que, surgindo difficuldades e suggerindo o alto commissario portuguez que se confiasse o assumpto á decisão do tribunal arbitral da Haya, a China negou-se a acceitar o alvitre. E negou-se, ajuntaram os jornaes, por suppôr que juizes de raça branca haveriam sempre de inclinar-se em favor de homens de raça branca, tivessem estes, ou não tivessem, a razão pelo seu lado; merecendo o caso, naturalmente, asperos commentos, tendo por alvo o espirito desconfiado, retrogrado, em que ainda se encontra a mesma China.

E' certo que a China nunca deu provas de grande

sympathia pelo tribunal arbitral da Haya. Com o Japão succede o mesmo.

Pois, ha poucas semanas, um jornal europeu de muito conceito — *L'Independence Belge* — e, para mais, decididamente pacifista e enthusiasta pelo principio de arbitragem, commentava duramente a decisão do tribunal da Haya na questão Savarkar. Traduzo litteralmente um periodo do jornal: — «Esta decisão não deixará de surprehender e é de natureza a abalar singularmente a confiança que póde ter-se na arbitragem internacional, tal como ella está ao presente organisada e onde as preoccupações puramente politicas parecem dominar de mais, á custa da simples ideia de justiça.»

A questão Savarkar foi profusamente minuciada pela imprensa. Resumo-a. Um revolucionario hindú, Vinayah Damodar Savarkar, seguia preso, a bordo de um paquete inglez, da India ingleza para Inglaterra. Fazendo o paquete escala por Marselha, o preso conseguiu evadir-se de bordo e ganhar a terra, sendo logo detido por um agente da policia da cidade, pouco conhecedor dos seus deveres, e levado de novo para o paquete, onde seguiu para o seu destino.

O governo francez, um tanto tardiamente, reclamou contra a irregularidade do facto, pedindo a restituição do prisioneiro. O governo inglez não annuiu, porém, a isso, suggerindo que o assumpto fosse resolvido pelo tribunal de arbitragem da Haya, o que foi acceito. E este tribunal acaba de publicar a sua sentença, pela qual o governo britannico é dispensado de restituir Savarkar á França.

Ora, se ainda me não esqueci dos meus compendios, o tribunal da Haya passou por cima de dois principios de direito internacional, de importancia indiscutivel: — 1.º, o direito que tem um governo independente de aco-

lher no seu sólo qualquer delinquente de crime politico, commettido em outro paiz; 2.º, o direito que tem esse mesmo delinquente ao gôzo de plena liberdade e protecção em outro paiz.

O governo francez enguliu a pilula, nem talvez se lhe offerecesse outro processo; e, muito de crêr, zeloso de conservar as suas boas relações com o visinho insular, pouco pensará no caso. Mas o pobre Savarkar, que tambem enguliu a pilula — á força! — lá continuou na Inglaterra, onde foi ou será julgado, onde lhe coube ou caberá a pena de forca ou de prisão, sem que se escutem seus aggravos...

Tratava-se de um indio, de um amarello. Se se tratasse de um branco, usaria o tribunal da mesma semcerimonia?...

E não parece que o incidente vem dar razão á desconfiança manifestada pelos chinezes, no que toca ás decisões do tribunal de arbitragem da Haya?...

As palavras, que traduzi, do importante jornal belga, merecem ser profundamente meditadas, por individuos e pelos governos; tanto mais que entra em jogo a susceptibilidade asiatica, que é do maximo interesse respeitar.

— Para nós — leitores e eu, — que vimos palestrando de coisas japonezas ha mais de nove annos, não vem fóra de geito uma ligeira referencia ás ventarolas e aos leques japonezes.

Leques e ventarolas, embora hoje em largo uso na Europa e na America, são essencialmente artigos extremo-orientaes, usados na China e no Japão desde remotas éras, popularisados depois como um complemento ao vestuario, entre a gente de todas as classes.

Da ventarola japoneza *(uchiwa)*, importada sem duvida da China, fallam documentos que alcançam o anno de 763; tornando-se mais tarde um objecto indispensavel nos trajos de ceremonia, em ambos os sexos, e decretando-se minuciosas leis de etiqueta a seu respeito.

No periodo feudal, esteve em voga a ventarola de combate, feita de ferro, da qual se servia o general, empunhando-a para dar força aos gestos de commando. Ficaes assim sabendo que muitos encontros fratricidas, de hostes japonezas contra hostes japonezas, em que o sangue jorrou em assombrosa profusão, foram determinados por um simples agitar de ventarola...

Com referencia ao leque japonez *(êghi* ou *sensu)* os nipponicos attribuem-se a honra da invenção d'este objecto; consta que uma nobre dama, viuva de um guerreiro famoso, Atsumori, foi quem inventou o leque, pelos fins do nosso seculo XII.

Os chinezes adoptaram-no em seguida, durante a dynastia Ming (1368-1644).

Com o correr dos tempos, ventarolas e leques japonezes passaram a ser artigos comezinhos, dos quaes ambos os sexos profusamente se aproveitam. A moda persiste e tarde ou nunca cessará.

No verão, em cada casa, abundam. Chega um visitante; offerece-se-lhe uma ventarola ou um leque, quando não é a *musumé* que os abana. N'uma loja qualquer, o vendedor presentea o freguez com uma ventarola, ao mesmo tempo annuncio da industria a que se dá. Nos theatros é coisa divertida o vêr-se a chusma que se abana; parecendo os innumeros leques e as innumeras ventarolas um bando immenso de pombos, pairando, em vôo brando, na plateia. Finalmente, o leque é coisa in-

dispensavel na mão da *gheisha*, a dançarina, realçando-lhe a mimica gentil.

Não deve restar duvida de que foi da China ou do Japão que a Europa aprendeu a usar o leque e a ventarola. Talvez fosse o travesso Mendes Pinto ou algum missionario portuguez quem tenha levado a Portugal os primeiros exemplares d'estes artigos.

Naturalmente, as ventarolas e os leques japonezes constituem um importante ramo de commercio. A China importa-os em grande quantidade; quasi todas as nações da Europa e da America importam-nos igualmente; até Portugal os importa, verdade é que em infimas porções (em 1909 no valor de cinco libras).

Os commerciantes hespanhoes, que figuram no numero dos principaes importadores d'este artigo (em 1909 a importação foi de cerca de cinco mil libras), encommendam para cá leques muito baratos, mandando os modêlos da fórma e desenho das varetas e do panno; e os japonezes, forçados pelo amor do ganho, servilisam-se a ponto de executarem escrupulosamente as instrucções que lhes são dadas.

Por este modo, seguem annualmente para a Europa toneladas e toneladas de leques de pacotilha, fabricados sem arte nem esmero.

As ventarolas e os leques usados no paiz são tambem, em regra, baratissimos. No entretanto, offerecem de ordinario um aspecto encantador, pela delicadeza da armação e pelo mimo dos desenhos. Um ligeiro contorno de paizagem, uns laivos de azul de mar, uma ramada de pinheiro, por vezes uma figurinha gentil de *musumé;* mas o pincel japonez é delicioso n'este genero, e a gravura encarrega-se do resto com uma mestria incomparavel.

— O conde Okuma, o notabilissimo pensador e homem de Estado, o incansavel discursador, uma rara reliquia (conta hoje 73 annos) dos velhos tempos do Japão, proferiu ha dias, em Osaka, na escola superior de commercio, um interessante discurso, do qual destaco estes dizeres:

«A cidade de Osaka foi estabelecida ha 1500 annos, após a invasão da Coréa pela imperatriz Jingo. N'este sentido, a cidade é o monumento de uma grande victoria. Ha no mundo apenas uma outra cidade similhante a esta, é Alexandria; mas Alexandria está em ruínas. Em assumpto de idade, Osaka é mais antiga do que Londres, do que Hamburgo, do que Bremen, do que Nova York.

Os estudantes presentes, que estudam commercio em uma cidade tão cheia de antigas tradições, téem um brilhante futuro em sua frente. Como elles bem conhecem, o Japão perdeu muito sangue durante a ultima guerra e o paiz está soffrendo as consequencias de tal perda. Em numeros redondos, o Japão deve não menos do que 1.600 milhões de yens (800:000 contos de réis), dos quaes elle paga annualmente 65 milhões de yens (32:500 contos de réis) como juros.

E' em taes condições que o Japão tem de competir com as fortes potencias da Europa e da America. O exito dos seus esforços depende dos estudantes presentes — a geração que entra em scena. No entretanto, a pobreza nacional não dá motivo a grave pessimismo. A historia ensina que ricos paizes cahem e que pobres paizes levantam-se. Pobreza deve transformar-se em riqueza. Se a geração dos novos trabalha rudemente e poupa dinheiro, o Japão ha-de passar da situação de paiz devedor para a de paiz crédor. Em conclusão, urge que os estu-

dantes presentes trabalhem sem descanso e economisem dinheiro».

Depois do seu discurso, o conde Okuma plantou um pecegueiro á entrada da sala onde fallou, a pedido do director da escola.

Devemos presumir que a arvore fructifique, porque o sólo do Japão é bom e não lhe faltarão cuidados.

VI

15 de junho de 1911

A epidemia da peste; a sua forma mais terrivel, pneumonica; interessante informação a este respeito; uma caracteristica notavel da alma do povo japonez — Estudo sobre a educação nipponica e valiosos commentarios — O que escreveu Lafcadio Hearn ácerca do Japão e do seu povo; tudo alli anda ao revés dos nossos modos; cita-se por mero passatempo um facto comesinho — Um costume em uso nos enterros schintôistas, que commove — «Le monde marche» e a China ainda mais; reclamações do seu governo ao do Mexico; em vista do que o que será a China no futuro?

O correspondente na Manchuria para um excellente jornal do continente europeu, *L'Indépendance Belge,* enviava áquelle jornal, em principios de março, uma interessante informação ácerca da epidemia de peste na Manchuria, epidemia que se alastrou rapida e medonhamente, fazendo tambem a sua apparição em Pekin e em Tientsin e victimando muita gente em Chefú.

A epidemia, da qual foi feita menção n'este logar, apresentou-se sob a sua fórma mais terrivet, isto é, a de peste pneumonica, ainda mui pouco conhecida no mundo da sciencia. A mortalidade dos muitos atacados, incluindo varios individos da raça branca, subiu a 10 %, o que dispensa outros commentarios sobre a sua estranha virulencia. Felizmente cessou depressa, bem mais depressa

do que a principio se suppunha; resta vêr se deixou germens de si, para reapparecer no outomno, que parece ser a quadra critica.

O meu principal intuito, na presente referencia, é registrar aqui uns ligeiros commentarios do correspondente do jornal belga, os quaes julgo virem salientar, de uma maneira suggestiva, uma das notabilissimas caracteristicas da alma do povo japonez.

A proposito da peste e das medidas para combatel-a postas em prática pelos japonezes e pelos russos, os quaes, como é sabido, exercem auctoridade, em secções distinctas, ao longo da linha ferrea da Manchuria, escreve o correspondente mencionado: – "Por toda a parte (na secção japoneza), viam-se signaes d'essa vontade de vencer o inimigo, homem ou doença, que caracterisa os nipponnicos e já conseguiu expulsar a peste de Dalny..." – E accrescenta que os russos se mostravam mais fatalistas, mais resignados, menos activos nas suas medidas repressivas.

Dos bicos da penna do perspicaz articulista soltou-se, talvez mesmo inconscientemente, uma bella phrase, cheia de purissima verdade philosophica, d'onde poderão certamente deduzir-se conclusões de grande alcance. Não é tarefa para aqui. Por minha parte, cumprindo-me ser breve, direi apenas que assim é, que uma das distinctissimas feições do caracter japonez é a ancia de vencer o inimigo, seja homem, seja pestilencia, seja o que fôr, um obstaculo qualquer, erguido contra os seus designios. O japonez, quando põe em prática uma resolução, não vai tentar uma empreza, não vai jogar uma cartada, não se entrega aos caprichos da sorte: corre á frente do obstaculo, na segurissima convicção de ir destruil-o, de alcançar o fim que tem em vista. *Querer é poder,* poderia ser

a divisa d'esta gente; e os destinos, parece, vão dando razão ao aphorismo. Eu, que vos escrevo, estava no Japão, desde o inicio da tremenda lucta que ha poucos annos se travou, até ao seu acabamento; e, desde o inicio da lucta, nenhum japonez e nenhuma japoneza, das muitas centenas de individuos que consultei sobre o assumpto, pozeram jámais em duvida a gloria final do seu paiz.

Com essa tremenda vontade de ferro, com esse supino orgulho de si proprio, povo que se crê privilegiado na terra, merecendo especial protecção dos deuses, vivendo em sólo sagrado, não se deve tudo esperar, no desenrolar dos tempos, do povo japonez?...

— Depára-se-me, no *Japan Chronicle,* um interessante estudo sobre a educação japoneza, onde se citam valiosos commentarios ácerca do assumpto, devidos a uma alta auctoridade, o snr. Sawayanaghi, anterior vice-ministro da educação no imperio, hoje director de uma Universidade em Tôkyô, de reconhecida competencia. Cito algumas opiniões do eminente educador, as quaes julgo serão lidas com interesse em Portugal, sobretudo na época presente.

Immensa importancia, consagrada ao Estado, no systema escolar japonez. — Em Inglaterra, diz o snr. Sawayanaghi, é considerado principal objecto da educação o desenvolvimento do individuo — rapaz ou rapariga, — para os seus proprios intuitos. Aqui, a mira principal do methodo escolar consiste em preparar rapazes e raparigas para servirem o Estado. Esta subordinação de todo o ensino aos interesses do Estado póde ser reconhecida nas doutrinas e preceitos do confucianismo. Etc.

A educação japoneza não tem connexão com a reli-

gião. — Na Inglaterra e na Allemanha, tem sido julgado quasi impossivel, até ao presente, separar a educação da religião; tendo as suas intimas dependencias dado origem a toda a sorte de disputas e inconvenientes. Não resta duvida de que aquelles dois paizes hão de consequentemente seguir o exemplo da França e de outras nações, banindo das escolas do Estado a religião. Seja como fôr, ao Japão assistem todas as razões para congratular-se pelo caminho que escrupulosamente tem seguido em tal assumpto. O snr. Sawayanaghi avança que, embora todos os japonezes tributem respeito aos deuses shintôistas, desde Amaterasu O-mi Kami (deusa do sol, da qual a dynastia imperial se considera descendente) para baixo, não existe propriamente um culto votado áquelles deuses. O shintôismo não é de modo algum uma religião, na opinião do publicista citado. A'quelles que affirmam ser um defeito da educação japoneza o não se basear ella em materia de religião, o snr. Sawayanaghi replica que, embora elle proprio acredite em religião (é um buddhista) e deseje que os seus compatriotas se tornem religiosos, crê profundamente que a educação deve manter-se secularisada, em concordancia com o seu principal objecto, que é a preparação para os deveres da vida. E' para lamentar, accrescenta, que alguns paizes europeus continuem conservando connexões que teem a sua origem em credos religiosos, que já a maioria do povo abandonou.

— Escreveu Lafcadio Hearn, com a sua grande auctoridade na matéria, que, quanto mais vamos conhecendo o Japão e o seu povo, mais nos vamos convencendo de que não conhecemos nada d'elles.

Os exemplos, quando se trata do Nippon, do que da

experiencia deriva confusão, abundam. N'esta ordem de ideias, vou hoje referir, por méro passatempo, um facto comezinho.

Sabeis que as nossas fechaduras se abrem, voltando a chave da esquerda para a direita; e fecham-se, voltando a chave da direita para a esquerda. Pois com as fechaduras japonezas, succede o caso inverso, como devia já prevêr-se, visto que aqui tudo anda ao revés dos nossos modos.

Dá-se então o seguinte, quando, residindo no Japão, sômos levados a servirmo-nos de moveis japonezes. Primeiro periodo, de aprendizagem: constantes enganos, todavia naturaes, que se tornam um verdadeiro tormento, ao querermos abrir ou fechar uma gaveta. Segundo periodo, immudavel: a mão adquiriu, á força de exercicio, o habito japonez; mas, ao mesmo tempo, o cerebro reteve a impressão de que, para acertarmos, devemos operar em opposição ao nosso habito antigo; de sorte que, na prática, tomando por habito antigo o habito novo, cuidamos sempre de corrigir o impulso involuntario que a mão tenta imprimir, multiplicando-se os enganos, sem fim, mais desesperantes do que nunca!...

Perceberam? Talvez não. E' que a coisa é difficil de explicar, contendendo com pequeninos phenomenos do nosso intimo psychico, cujo enredo mal se póde cabalmente definir pela linguagem.

Mais outro exemplo, um tanto incluido na mesma ordem de phenomenos. Mas agora é o japonez que se confunde, pretendendo penetrar na nossa civilisação.

Na lingua japoneza, não ha *L*, nem na palavra nem na escripta; nem o japonez, em regra, póde pronunciar syllabas em *L*. De sorte que, quando o nipponico aprende uma lingua occidental, onde o *L* abunda, substitue-o,

na pronuncia, por *R*, que é o som que mais se lhe aproxima. Dirá, pois, por exemplo: *ramento* (por *lamento*), *rombriga* (por *lombriga*), *sarada* (por *salada*), etc.

Certamente, o nipponico conhece o seu defeito, impossivel de remedio. Nota-se-lhe então, vulgarmente, quando escreve, a tendencia de escrever *L* em vez de *R;* dir-se-hia uma acção compensadora, dando a mais, pela escripta, aquillo em que pela palavra é renitente. O que lhe passa pelo espirito deve ser pouco mais ou menos o seguinte: quando quer escrever, por exemplo, a palavra *coração,* julga que o *R* é erro seu e escreve *colação;* e escreverá *lato* (em vez de *rato*), *palede* (por *parede*), etc. Tem graça!...

—No Japão, os ritos funebres, quer se ponham em prática os preceitos shintôistas, quer se ponham em prática os preceitos buddhistas, são revestidos de ceremonial complicadissimo; interessante, todavia; mas não me proponho hoje relancear o vasto assumpto que apontei.

Quero apenas referir-me a um costume, em uso nos enterros shintôistas, o qual intensamente me commove. Quando tudo está disposto, reunidos os convidados, prestes a largar de casa o caixão para o cemiterio, uma pessoa de familia encarrega-se de mostrar que o defunto vai sahir para não mais volvêr ao seu lar e ao seio da familia, lançando para a rua e destruindo um objecto de que o morto particularmente se servia, por exemplo, a tigela onde por habito comia o seu arroz, nos intimos repastos...

Essa tigela, partindo-se na rua, não é um emocionante ponto final de uma existencia? Povo que ri, que folga, que ama, protegido pelos deuses, palpitante de orgu-

lhos... Mas, não liberto das leis implacaveis dos destinos, tudo se desfaz em cacos!...

Le monde marche, e a China ainda mais depressa do que o mundo... se a *hespanholada* é permittida.

Sabe-se que, durante os recentes tumultos do Mexico, 303 chinezes foram massacrados pelos revoltosos e 59 edificios chinezes destruidos.

Pois um telegramma de S. Francisco, datado do dia 10 do corrente, informa-nos de que o governo chinez vai reclamar do governo mexicano uma avultada indemnisação, fazendo acompanhar a reclamação dos seguintes pedidos: desculpa pelo insulto feito á bandeira chineza, compensações ás familias das victimas, devido castigo applicado aos delinquentes e garantia de que de futuro as vidas e propriedades dos subditos chinezes serão devidamente protegidas. Um navio de guerra chinez irá ás aguas mexicanas, em demonstração material d'este procedimento.

Que lhes parece? Quem imaginaria, ha 17 annos, e menos, quando a China estava sendo depenada pelas varias nações do mundo, que dentro em pouco, aproveitando das lições recebidas, saberia pugnar arrogantemente pelos seus direitos? O que será dentro de 20 annos? Dentro de 50 annos? Dentro de um seculo?...

VII

27 de julho de 1911

Os gritos dos vendilhões, diurno e nocturno: assumptos que poderiam ser tratados, mas para o que não ha pachorra; o calor e os tormentos inherentes: a sêde e as pulgas — O general Noghi e o almirante Togo; interessantes referencias sobre estes dois heroes do Japão — A questão de feminismo; dois livros sobre ella, um pró outro contra; o que o auctor Uesughi, auctor d'este, pensa sobre o assumpto; o que diz o outro, o dr. Kawada; commentario — A respeito de commerciantes portuguezes, do continente e das colonias; esclarecimentos.

— KÔRI, KÔRI! (Gêlo, gêlo!)

Eis o tremendo grito dos vendilhões, sobresahindo a todos os outros gritos, durante estes terriveis dias calmosos.

Pelas noites, junta-se a este grito outro grito:

— *Nomi tori kó, nomi tori kó!* (Pós para matar pulgas, pós para matar pulgas!)

Confesso que não faltam assumptos para iniciar solemnemente esta correspondencia. Indico alguns: — a modificação do tratado de alliança anglo-japonez, motivada pelo tratado de arbitragem anglo-americano; a entrada em vigor, no dia 17 d'este mez, da nova tarifa aduaneira do Japão, pelá qual este imperio se apresenta como um dos paizes mais proteccionistas da industria nacional; o já famoso emprestimo das quatro potencias

feito á China, mal visto pelo Japão e pela Russia; as largas considerações a que a imprensa do paiz e estrangeira se vai dando, com respeito ás melindrosas condições economicas do imperio, ás duras circumstancias do povo japonez, carregado de impostos, emquanto que os custosos progressos da marinha e do exercito vão esvasiando os cofres publicos; e a enumeração poderia ainda proseguir... — Mas falta-me a pachorra para fazel-o, para tratar sériamente da materia. Ha algumas semanas, era já o calor intenso e as chuvas torrenciaes que pesavam terrivelmente sobre nós; cessaram as chuvas, mas augmentou o calor, tão abrazador, que a gente, cahindo em prostração, guarda a ideia de já não pertencer a este mundo, emancipa-se das occupações e preoccupações rotineiras da existencia, vaporisa-se... Pouco importa a politica mundial. Apenas a sêde nos atormenta, apenas as pulgas nos atormentam.

— *Kôri, Kôri!...*

— *Nomi tori kó, nomi tori kó!...*

E passo, se me permittem, a outro assumpto, mais ligeiro.

— O general Noghi e o almirante Togo fizeram parte, como é notorio, da embaixada japoneza que, sob a presidencia do principe Higashi-Fushimi, foi a Inglaterra representar o imperio, nas festas da coroação do soberano britannico. Concluida a sua missão, o grande soldado e o grande marinheiro encontram-se ainda na Europa, visitando, como simples particulares, varios centros importantes, onde, segundo o telegrapho nos informa, téem recebido calorosas manifestações de consideração e de sympathia.

É curioso relembrar n'este momento qual foi a sorte

dos principaes opponentes — Stoessel e Rozhdestvensky — dos dois vultos citados, na tremenda tragedia mundial que foi a guerra russo-japoneza.

Noghi foi o heroe de Porto-Arthur, o vencedor, supinamente intrépido, da considerada invencivel praça de guerra russa, que tinha Stoessel como seu chefe. Este Stoessel, que recolheu, quando vencido, ao seu paiz, então ainda coberto de prestigio e de commendas, vive ainda, supponho, em algum poiso solitario, esquecido, despresado; depois de haver sido condemnado á morte, como traidor, pelos tribunaes da sua terra, sendo-lhe commutada a pena em prisão por especial benevolencia do czar, tendo cumprido em parte essa pena de prisão e sendo finalmente beneficiado com o pleno perdão do seu soberano. Pobre carcassa humana! . . .

Togo deveu o seu prestigio universal á inteira campanha maritima que superintendeu, que dirigiu com tanto valor e tanto tacto; fechando-a com chave de oiro, com a famosa batalha de Tsushima. Em tal batalha, commandava a esquadra inimiga o almirante Rozhdestvenski; foi vencido tambem, como Stoessel, mas não, como elle, com ignominia; o seu nome fica na historia sem mancha que o deslustre.

Pois o almirante Rozhdestvenski falleceu repentinamente, com 60 annos de idade, de uma doença do coração, no dia 14 de janeiro de 1909; quando, parecendo bem disposto, convidára alguns amigos a virem festejar com elle o anno novo, em S. Petersburgo, em sua casa.

Os destinos parecem por vezes conscientes, insistentemente crueis: — para uns, duros, implacaveis; para outros, prodigos em louvores, em beneficios! . . .

No entretanto, não devemos considerar muito inveja-

veis as existencias rodeadas de applausos, de ovações, que Noghi e Togo vão levando por este mundo fóra, depois de haverem firmado na historia as suas brilhantissimas individualidades. Feitos da massa dos heroes, estes dois grandes vultos professam o culto da modestia, aprazem-se na solidão da vida intima, em passatempos simples, longe das vistas das turbas; e, ou eu me engano muito, ou as peripécias de ostentação, a que o governo imperial os vai obrigando, após a guerra, devem ser-lhes especialmente aborrecidas. Espinhos da gloria . . .

— A momentosa questão do feminismo, que tanto vem occupando as sociedades europeias e americanas e promette, n'um futuro mais ou menos proximo, surprezas inauditas, tambem já encontra éccos no Japão. Não deve o caso merecer espanto, sendo esta nação notavelmente conhecida pela sua facil adaptabilidade ás grandes coisas mundiaes.

Como exemplos do facto, pódem citar-se dois recentes livros de dois notaveis publicistas japonezes, ambos com o mesmo titulo suggestivo — *Problemas femininos,* mas professando ideias em completa opposição, de um para outro.

O dr. Uesughi, auctor de um dos dois livros, vem a campo como campeão da velha escola, conservativa, insistindo em que a mulher nasceu para o casamento, que deve constituir o seu designio principal e para o qual deve ser instruida e educada.

O doutor Uuesughi, não obstante reconhecer que muito ha que melhorar no respeitante ás condições sociaes da japoneza, exprime-se por este modo: — "Eu sou absolutamente opposto aos advogados da chamada

emancipação da mulher. Insisto pela orthodoxia do matrimonio. Quizera proclamar os sagrados deveres da mulher, como esposa e como mãe. Quizera evitar por todos os meios a introducção do chamado movimento da emancipação feminina, que prégа o livre amor, igualando a humanidade aos simples brutos. Quer-se destruir a moralidade, quer-se esmagar o principio das relações conjugaes, leva-se assim á ruina o lar e o Estado e o povo ao ludibrio, por este criminoso sensualismo. É da natureza humana o ser-se arrastado pelo novo, pelo estranho; inesperadas consequencias devem seguir-se, se a falsidade a que me refiro fôr livremente admittida no Japão».

O outro auctor, o sr. Kawada, professor na Universidade de Kyôto, afina por differente diapasão. O seu livro —*Problemas femininos*— foi tirado da circulação, em virtude, segundo resa a imprensa, das *polidas suggestões* do governo japonez. Mas, n'um jornal de Tôkyô, o sr. Kawada summaria as suas vistas. O artigo começa por esta fórma: — «Como acontece que as mulheres tenham vivido sobre a terra, durante tantos seculos, sob o absurdo e insolente tratamento que lhes foi promulgado pelos homens?... Vêmol-as inteiramente sujeitas á auctoridade masculina; adaptadas, moldadas apenas para a conveniencia do outro sexo; os seus sorrisos e os seus amuos não são mais do que meros processos para ganharem a benevolencia dos seus *donos*. Não ha duvida de que, no principio das coisas, foi a força physica que deu causa a esta sujeição; mas a força moral do longo uso habituou as raparigas ao phenomeno, passando ellas a encarar tal sujeição como o natural fadario dos seus dias. Foram as coisas assim continuando até agora; mas, agora, é o povo sobresaltado pela ideia nascente da eman-

cipação feminina, tendente a restaurar a mulher na sua antiga situação, independente, livre... »

Assim fallam os publicistas japonezes. Palestra. Pelo que respeita este paiz, o assumpto da emancipação da mulher, como elle é comprehendido no Occidente, não passa, e provavelmente não passará por muito tempo, de mera controversia de academicos. Factos isolados, ligeiros indicios, prognosticos de uma futura evolução, irão sendo notados; mas o sentimento da alma asiatica e a enraizada influencia do confucianismo no seio da familia são compactas argamassas, que certamente muito custarão a desfazer, quando se cuide de destruir, para reformar, o grande edificio social.

— Quando o publico portuguez, ou antes os negociantes portuguezes se vão mostrando teimosamente mal dispostos para acceitarem nos mercados do paiz os artigos de proveniencia japoneza, alguns d'elles caracteristicamente captivantes, é curioso notar aqui que outros negociantes portuguezes, mas residentes na nossa Africa, encetam por um modo animador a importação africana de objectos da industria japoneza.

Estas linhas foram-me suggeridas por informações que tenho recebido de que commerciantes nossos, residentes em Loanda e n'outros centros coloniaes, téem feito, ha algum tempo, importantes pedidos para cá.

Talvez, pois, n'um futuro mais ou menos proximo, um auspicioso commercio luso-japonez se possa estabelecer; não entre Portugal e o Japão, como poderia imaginar-se e os factos desmentem, mas entre as colonias portuguezas e o Japão. Effectivamente, os tecidos de sêda, de algodão, as porcelanas, os leques, os charões, devem ser bem recebidos pelos europeus residentes em terras

africanas; as camisetas de malha de algodão e outros artigos baratos serão bem acceites pelos colonos; por outro lado, o Japão ha de querer a nossa borracha, o nosso algodão, o nosso marfim e ainda outros productos coloniaes. Assim seja.

VIII

10 de dezembro de 1911

Divagações destinadas aos «touristes»; a vida no Japão para o estrangeiro; phenomenos psychologicos e casos curiosos. — Póda ao rabichó chinez; a apologia do mesmo.

É fóra de duvida que o Japão, como todos os paizes exoticos, mas talvez mais particularmente o Japão, não foi feito para os occidentaes. Dissidencias profundissimas de paizagem, de clima, de linguagem e costumes dos povos e, mais do que tudo, de physionomia physica e de indole moral dos mesmos povos, explicam sobejamente esta verdade.

Aquelle que passa a existencia no seu cantinho patrio, no seu lar familial, em qualquer poiso europeu, nunca havendo pisado este sólo japonez, deve abençoar o seu destino. Eu — vão chamar-me retrogrado, ou peor! — a despeito de uma opinião correntia e tida por sensata, condemno as longas viagens, quando julgadas systema educativo e diversão. E' certo que as longas viagens educam e distrahem, mas ao custo de contrariedades, de sacrificios, de desillusões pessoaes; de ordem tal, que os inconvenientes excedem muito os beneficios.

Referindo-me especialmente a este Nippon, quando o *touriste* aqui chega (mas que enfadonhas peripecias terá

soffrido desde que parte até chegar!) póde o paiz offerecer-lhe surprezas apraziveis, encantos de arte, de povo e de scenario; é mesmo geralmente o que acontece. Bem; chegue e siga.

Mas, se o estrangeiro passa de *touriste* a residente, se improvisa domicilio no sólo do acaso, mudam então as coisas muito de figura. Pouco a pouco, vem o fastio das scenas vistas e mal comprehendidas; impõe-se o isolamento, pela incompatibilidade do convivio social entre o estranho e o indigena; surge, finalmente, nitida a aversão das raças.

Na Africa, o europeu encontra-se n'um sólo virgem, e na presença de uma raça na infancia. A repulsão existe, mas attenuada; e o europeu póde, como lenitivo ao desconforto do exilio, considerar-se o tutor, o dirigente, o amo da gente que o rodeia, mandar, chicotear o negro a seu prazer. No Japão, na Asia inteira, não é assim; campo de remotissimas civilisações, florescentes já quando ainda a Europa inteira dormia em barbarismo, aperfeiçoadas com o decorrer dos seculos, mas seguindo sempre a mesma inspiração éthica, inteiramente dissimilhante da inspiração occidental, o europeu vê-se na Asia em face de uma immensa população experiente na vida, profunda em sciencias e em artes, fixada nos seus ideaes, orgulhosa das suas tradições, a qual só poderá acolher o intruso, ainda mesmo que se admitta a maxima benevolencia dos seus sentimentos, com um sorriso de incredulidade, de desprezo e de pleno desaffecto. Quanto á chicotada sportiva, em uso corrente contra o negro, supportal-a-hão ainda, embora mordidos de rancor, o indio, o annamita e poucos mais; o chinez, só nos portos sujeitos ao dominio da gente branca; e o japonez, nunca.

São estes sentimentos de incredulidade, do despreso

e do pleno desaffecto, manifestados em todas as occasiões, nos minimos como nos magnos incidentes da vida, a todos os instantes, embora amenisados em apparencia pela cortezia dos costumes, que concorrem principalmente para amargurar a existencia do estrangeiro residente, ferido de mais a mais no seu orgulho de raça branca, que julga superior ás outras raças. O Japão, para fallarmos só d'elle, poderia proporcionar deleites ao estranho, philosopho, observador e artista ao mesmo tempo, que se desinteressasse de preconceitos nacionaes, de preconceitos raciaes, muitas vezes do proprio conforto, para viver como simples espectador dos factos, n'um campo puramente objectivo, estudando este paiz e este povo, um e outro dos mais interessantes exemplares que a terra e a humanidade hão produzido; mas onde encontrar, em coração de homens, tamanha somma de altruismo?...

No entretanto, o estrangeiro fica no Japão. Fica, porque os seus negocios o prendem, ou porque os seus laços de familia o prendem, ou porque as suas apathias o prendem. Quando se não dão estes motivos, succede que fica ainda, dominado por essa magia escravisadora que certos paizes exoticos e que certos povos exoticos exercem na nossa emotividade; phenomeno paradoxal, que talvez possa encontrar unica explicação plausivel no mysterioso e morbido deleite que o homem encontra no soffrimento, no sacrificio de si proprio, deleite que cria os martyres nas grandes épocas de revolução social e que cria uns certos melancholicos em todos os periodos da existencia humana.

O estrangeiro fica no Japão. Fica, morrendo lentamente; e morre emfim, victima geralmente da doença do tédio, sem comtudo tentar nenhum remedio para o seu mal. Em certos casos, porém, o expatriado logra

reunir os restos de todas as suas energias gastas n'uma subita resolução irrevogavel e foge do paiz que o opprime, abala no primeiro paquete para o seu paiz natal, para o seu cantinho patrio. Dá-se então frequentemente uma das duas seguintes circumstancias: ou morre em viagem, ou morre ao chegar á patria; o esforço fôra superior ás suas forças; as saudades pelo paiz do desterro dilaceraram-lhe a alma; e a patria, sonhada mansão de consolo, mas que, relanceada e mal reconhecida depois de vinte ou trinta annos de ausencia, não lhe é mais do que um vasto tumulo de affeições, a patria já não lhe concede a consolação pedida. Se não morre, succederá, na maioria dos casos e após curta demora, que o ex-desterrado despede-se da patria, desilludido, e regressa, se póde, ao paiz do seu desterro. Se póde; porque contingencias varias — economicas, profissionaes ou outras — recusam-lhe muitas vezes o beneficio do regresso; e mal se póde imaginar a existencia de tormentos, de cruciantes amargores, que então se desenrola para o misero deslocado, louco de hysteria amorosa pelo torrão longinquo que em sonhos o enfeitiça e ao qual jámais abordará! . . .

Claro está que a população estrangeira das cidades japonezas fornece sobra de exemplos dos phenomenos psychologicos que venho registrando. Ha, em primeiro logar, a grande chusma anodina dos excentricos, de ambos os sexos, uns envolvidos em disturbios domesticos, outros jogadores, outros alcoolicos, outros impudicos, outros neurasthenicos, a lista inteira emfim de desmandos e de achaques, peculiares aos individuos que vivem n'um meio improprio ao seu conforto.

Mas citemos alguns exemplos mais precisos.

Lafcadio Hearn, cujas vicissitudes de existencia e estados de alma podemos seguir minuciosamente e dia a

dia pela leitura dos seus livros, Lafcadio Hearn, o genial contista de coisas japonezas, viveu n'este paiz durante uns quatorze annos; após o primeiro deslumbramento, começa manifestando gradualmente o tédio, o desconsolo pela sua segunda patria (naturalisára-se japonez), porém amarrado sempre aos seus feitiços; morre, quando projectava escapar-se para a Europa ou para a America; morre, amaldiçoando quasi o Japão, mas votando-lhe ainda palavras carinhosas em uma carta que escreveu a um amigo, poucas horas antes de finar-se.

Um sabio professor inglez — escusamos de citar-lhe o nome — que viveu longos annos no Japão, tornando-se bem conhecido pelos eruditos trabalhos que publicou sobre este imperio, abandonava-o ha pouco tempo, decidindo o regresso definitivo á patria; e segredava-se que justos motivos de resentimento lhe haviam imposto tal conducta. Pois, decorridos curtos mezes, eil-o de volta a este Japão, muito calado, como que envergonhado; mas resolvido, parece, a não tentar segunda fuga.

Agora o ultimo exemplo, para terminar. Um joven funccionario francez, sahido das escolas, chegou um bello dia ao Japão e aqui passou largos annos da existencia. Intelligentissimo, devotado de alma ao seu mister, trabalhou arduamente, desempenhou missões de alto valor. Por fim, já em idade madura, assaltou-o uma doença terrivel, qualquer coisa de arterio-esclerose, talvez provocada pelo clima, pelo meio exotico, pela fadiga, em todo o caso crescendo em gravidade por estas causas. Eu vi-o partir do Japão, a bordo de um paquete francez, caminho da patria, rejubilando por abandonar o seu desterro.

Chegado a Paris, quasi moribundo, soffreu logo a amputação da perna esquerda, operação que lhe resti-

tuiu algum vigor; mas pouco depois, voltando o mal, já se pensava em amputar-lhe a outra perna. Após curta permanencia, o referido funccionario começou trabalhando para voltar para o Japão, o que nunca conseguiu, parece por ter o seu governo imaginado, não sem razão, que seria pouco decente, pouco esthetico, enviar ao estrangeiro, não um representante seu, mas um bocado, o tronco de um representante seu. Morreu, passados poucos mezes. Este homem, que eu conheci sempre frio, reservado, nada expansivo, escrevia-me de França longas cartas estranhas, apaixonadas, embebidas de amor e de saudade pelo paiz onde tanto soffrera; os minimos pretextos de invocação, a coloração das folhas no outomno, a scintillação dos pyrilampos em noites estivaes, um simples vocabulo nipponico, tudo lhe dava ensejo para paginas interminaveis de commentarios, onde explodiam a teima, a ancia de voltar ao Dai-Nippon. Na vespera de morrer, escrevia-me, communicando-me o seu proposito de traduzir em francez os quinze ou vinte admiraveis volumes de Lafcadio Hearn sobre o Japão; misero amputado, que nem sequer reparava na sua triste disformidade, finou-se certamente com a allucinação do paiz do Sol Nascente, estampada na alma dolorida!...

— Vai-se o rabicho chinez!...

Vão-se todas as velhas coisas d'este mundo. Mercê da rapidez das communicações, mercê da rapidez com que se permutam as ideias, mercê do espirito evolutivo da época presente, todas as antigas caracteristicas dos povos, materiaes como moraes, tendem a desapparecer por completo; igualando-se toda a gente a toda a gente, surgindo uma multidão anodina, destituida de feições particulares, de typica expressão.

Vai-se o rabicho chinez. Se não me engano, já um decreto imperial o supprimiu. Em todo o caso, já aqui, no Japão, alguns funccionarios chinezes sem elle se apresentam.

Tambem aqui no Japão, até ha algumas dezenas de annos, era geral, não propriamente o rabicho, mas um estranho penteado, que reunia n'um feixe os cabellos, no alto da cabeça. Pois este estranho penteado quasi que inteiramente desappareceu, usando-o hoje apenas alguns rarissimos aldeões. E, com o penteado, desappareceu o uso dos dois sabres, dos *samurai;* e desappareceram os proprios *samurai;* e desappareceram muitos outros usos nipponicos; e pouco a pouco, dia a dia, vão desapparecendo os trajos primitivos, o casaco substituindo o *kimono,* a bota tosca substituindo a graciosa sandalia, o alcool inglez e americano substituindo o *saké,* o vinho indigena.

Pois, vai-se o rabicho chinez. Fallando só de Hong-Kong — infimo retalho da China, — consta que, nos dias presentes, em cada loja de barbeiro se sacrificam por dia, em média, 100 rabichos. Em breve, na mesma colonia, se reunirão em convivio intimo, a tomar chá, todos os chinezes que cortaram os rabichos; e, para facilitar o ingresso aos convertidos da ultima hora, dez barbeiros comparecerão entre os convivas.

Tenho pena. O humorismo occidental fartou-se de caricaturisar a classica trança do chinez. Erro crasso. O rabicho chinez, a trança chineza, nada offerecem de ridiculo. Pelo contrario, concorrem a imprimir uma alta gravidade exotica, uma nota de distincção á esguia figura ondulante, envolta em sêdas, do nativo.

N'estas cartas, escriptas por quem tem passado toda a sua vida a adorar o exotismo, cabe bem uma expressão

de saudade pelo rabicho dos chinezes, prestes a desapparecer da scena. Vai-se o rabicho, e com elle ir-se-hão tambem as lindas cabaias de sêdas magnificas, os barretes encimados pelo botão hierarchico, os gestos graves, muitos usos interessantes e muitas qualidades apreciaveis dos chinezes; e estes, transformados, finalmente, postos á moda occidental, apparecer-nos-hão um bello dia em bandos de gente qualquer, rostos lembrando os de estranhos mestiços, chapelinho de palha á fadista, jaquetão sordido, calças esfarrapadas, sapatos rotos; e das bôccas alvares, explodirão imprecações, dictadas pelo alcoolismo torpe que se absorve com o whisky, nas tavernas.

IX

27 de janeiro de 1912

O grande drama actual da China; o prolongamento do armisticio; dois regimens a funccionar; ainda um episodio interessante. — A proposito da evolução chineza; mostra-se que o salto da China não é tão extraordinario como parecia. — O presidente da republica chineza Sun-Chung-Shang nascido em Macau; o que elle tem passado. — O novo estado de coisas da China; o chinez vestido á europeia; e o chinez de cabaia e rabicho amputado. — Uma nota perfeitamente japoneza.

Continúo fallando da China. Os destinos da China ligam-se tão de perto aos destinos do Japão, que é impossivel, n'este logar, deixar correr em silencio as peripécias do grande drama actual.

A manifesta difficuldade, em presença da multidão de telegrammas que nos chegam e das interminaveis columnas dos jornaes, que se espraiam naturalmente em divagações, é resumir os factos, apresentar aqui uma noção nitida, em summula, das ultimas noticias.

Os differentes delegados provinciaes — incluindo o enviado pelo governo imperial, — reunidos em Shanghai, optaram pela quéda da dynastia dos manchus, pelo estabelecimento da republica.

N'este ponto, o procedimento de Yuan-Shih-kai, o presidente do ministerio imperial, funccionando em Pe-

kin, torna-se de mui difficil comprehensão. Yuan-Shih-kai retira os poderes ao delegado ministerial, sob pretexto de haver excedido as attribuições do seu mandato; ao mesmo tempo tenta annular, sem conseguir, as decisões da assembleia de Shanghai, no intuito, parece, de retardar o desfecho dos acontecimentos, protegendo assim, se é possivel, os interesses da causa imperial em agonia.

No entretanto as deliberações dos delegados alcançaram um prático resultado: — é instituida a republica, são nomeados um presidente e um gabinete provisorios, é escolhida a cidade de Nankin para capital d'este governo. — O presidente é Sun-Yat-Sen.

A duração do armisticio prolonga-se por duas ou tres vezes, com manifesto aprazimento de imperiaes e revoltosos. Ninguem mostra desejos de continuar a acção sangrenta; os chinezes vão-se mostrando, como sempre, verdadeiramente chinezes. E Yuan-Shih-kai, que parece haver comprehendido que, contra a vontade de uma grande maioria dos espiritos pensantes do paiz, nada podia fazer a favor da causa dynastica que servia, entra em relações epistolares com os republicanos, discute com elles assumptos nacionaes e aconselha a familia imperial a retirar-se e á abdicação dos seus direitos.

E' n'isto que se está. Dois regimens funccionando: um em Pekin, outro em Nankin. A imperatriz-mãe, os principes e os grandes dignitarios estão-se reunindo frequentemente, lamentando a enorme catastrophe, discutindo as proprias precarias condições, tocando já no gravissimo assumpto da abdicação, que virá cravar o ultimo golpe ao seu prestigio e ás suas regalias seculares; o imperador infante, inconsciente do que se passa, sorri e brinca. Mas ainda não se chegou a nenhum accordo; e

Yuan-Shih-kai, em cujas habilidades diplomaticas e administrativas e em cuja dedicação a côrte tanto confiava, Yuan-Shih-kai, havendo aconselhado a abdicação, presta-se agora a tomar parte activa nas reuniões palacianas, pretexta doenças para se conservar em reclusão; sendo possivel que ainda o saibamos, dentro em breve, elevado á presidencia da republica incipiente.

Ha ainda um episodio interessante a registrar. Parece certo que o governo republicano vai em breve contrahir, com os capitalistas japonezes, um importante emprestimo monetario; caso que, seguramente, levantará grandes protestos, de mal disfarçada inveja, por parte dos capitalistas — e não só d'elles — do Occidente.

O que virá depois? Mal se presume; o futuro apresenta-se envolvido em densa neblina de mysterio. E' certo que a dynastia dos manchus tem contados os seus dias de existencia. Está constituida uma republica, que, presumivelmente, se consolidará e proseguirá na sua obra, obra colossal, de regeneração e de reorganisação de um paiz immenso. Encontrará a nova republica, nos seus dirigentes, vultos capazes da gravissima missão que lhes incumbe? E, quando os encontre, não virão, de surpreza, perturbações internas, ou externas, complicar a situação?...

— O facto, já em plena via de realisação, de transformar-se, de subito, a China imperialista n'uma republica federal, cahe de surpreza, como uma bomba, no seio do Occidente, onde em geral se ia pensando que a China, improgressiva e improgressivel, agarrada ás suas velhas tradições, seria o ultimo paiz a evolucionar pelas veredas democraticas.

No entretanto, reflectindo um pouco sobre o caso, re-

conhecemos que o salto não é tão extraordinario como a principio nos parecia. Podemos até, sem grande esforço, julgal-o natural.

N'esta vastissima China, pelo Filho-do-Céu governada até agora, não palpitam, no cardume popular, o respeito, a adoração pelo soberano, tão caracteristicamente reconhecidas no Japão. Quem governa cada provincia não é o imperador, nem mesmo o governo central, mas sim o vice-rei, o mandarim; cada provincia tem os seus recursos privativos, as suas leis privativas, o seu exercito privativo, a sua marinha privativa, até os seus costumes privativos, até a sua lingua privativa; não se póde conceber maior descentralisação, ethnica e administrativa. Acrescentemos que na China não existe nobreza reconhecida; se a ha, é a que se adquire pelo estudo, pelos exames universitarios, aos quaes póde concorrer o mais infimo camponio, largando então a enxada para exercer um alto cargo. Nos grandes centros populosos, agricolas ou industriaes, os principaes factores da energia, da lucta pela vida, vão encontrar-se na acção collectiva das associações profissionaes, nas sociedades cooperativas e até nos clubs secretos, que tantas vezes téem explodido em varias fórmas de *boycott* — a grande *guerra pacifica* dos tempos modernos, — e em protestos, e em revoltas contra oppressões eventuaes.

Ora, não vos parece agora a China mais disposta do vos parecia anteriormente, para demolir um imperio e construir sobre as ruinas uma republica federal? ...

— Leitores portuguezes devem encontrar algum interesse em saber que o actual presidente provisorio da republica chineza, Sun-Yat-Sen, aliás Sun-Man, chamado agora Sun-Chung-Shan, nasceu n'uma aldeola a 12 milhas

ao nordeste de Macau, filho de uma familia respeitavel, mas de modesta condição; assim o dizem alguns jornaes que consultei.

O presidente recebeu as primeiras instrucções em Honolulu (ilhas de Sandwich), para onde se dirigiu muito joven, para a companhia de um irmão. Regressando á China, estudou medicina em Cantão e em Hongkong. Pelo anno de 1890, passou a residir em Macau, onde abriu uma pharmacia, em estylo occidental, a qual teve de fechar por falta de negocio; outra pharmacia aberta em Cantão, teve o mesmo triste fim.

Mas Sun, ao mesmo tempo, formava uma sociedade secreta, onde se propagavam ideias avançadas, de reforma e de revolta contra a dynastia. Esta sociedade alastrou enormemente a sua acção e agremiou um vasto numero de proselytos. Descoberta pelo governo imperial, a sua séde foi invadida pela policia e aprisionados os seus membros. Sun, com outros, pôde escapar, fugindo elle para Hongkong e depois para Inglaterra. Alli, teve o curioso privilegio de se vêr encarcerado, por algum tempo, na legação da China, em Londres, salvando-o a dedicação de alguns amigos. Viajou muito pela Europa e pela America, relacionou-se com importantes vultos europeus e japonezes, trabalhou sempre tenazmente pela causa que abraçou, com sério risco da propria vida; na China, chegou a ter a cabeça a premio, avaliada em cerca de dezoito mil libras esterlinas. Regressou ha pouco á sua patria, onde assumiu o mais alto cargo da republica — a presidencia.

— O novo estado de coisas chinezas, de tão magna importancia, que está prestes a derrubar um enorme imperio e com elle innumeros milhões de tradições, accusa-se á vista de todos, nos mais infimos pormenores.

Eu julgo pelo que vejo por aqui, na importante colonia chineza, estabelecida nos portos abertos ao commercio. O caracteristico trajo nacional — a longa cabaia de sêda, os sapatos com sola de feltro e os outros atavios, — foi já abandonado por muitos, principalmente pelos jovens, que preferem o fato á moda europeia, até por vezes com rosa na carcela... Poucas cabaias se vêem, com effeito. Quanto á trança, a imprescindivel trança do chinez, pendente sobre as costas, essa quasi desappareceu por completo; apenas algum raro velho teimoso, apegado ás tradições, a conserva.

O chinez, vestido á europeia, é por agora, em regra, grotesco. Sente-se mal com a innovação, berram contra ella milhões de hereditariedades ancestraes. Mas ha-de affazer-se, ligeiro, ás calças, ao casaco, ás botas e aos outros accessorios; e os nossos olhos, pelo costume, hão-de habituar-se, sem protesto, á nova farça humana. Tambem os japonezes, ha uns quarenta ou cincoenta annos, offereciam hilariantes aspectos no trajar; e alguem houve que os viu com o collete vestido por cima da casaca e com as mãos enfiadas em peugas de algodão... Hoje, vestem muitos como *gentlemen* (o *kimono* continúa felizmente a ser o trajo preferido); e, em todo o caso, bem ou mal vestidos, já não nos merece o facto o minimo reparo.

O chinez, vestindo ainda a cabaia, mas com o rabicho amputado, é simplesmente ridiculo. Isto prova — o que me parece superfluo provar — que o conjuncto de um trajo nacional representa uma unidade esthetica, á qual fica mal a suppressão, como o acrescimo de um simples detalhe. Mas ainda a isto os nossos olhos se habituarão com complacencia. Tambem os japonezes, até ha algumas dezenas de annos, usavam um penteado proprio,

sem rabicho, mas com um pequeno penacho de cabellos no alto da cabeça; tal penteado desappareceu hoje quasi por completo, com manifesta offensa feita á esthetica; mas a nenhum observador occorre a ideia de maldizer da moda nova.

Eu quizera que a grande familia chineza, á qual mui altos destinos parecem reservados, podésse evolucionar e progredir como uma distinctissima nação das épocas futuras, sem eliminar a sua cabaia e sem cortar o seu rabicho.

Mas não póde ser. Seria pedir muito ás leis da humanidade. Não é impunemente que a sciencia, com as suas maravilhosas applicações práticas, avança tanto. Navegação maritima accelerada, em breve navegação aérea, caminhos de ferro, telegraphos, telephones, que sei eu!... tudo isto tende a aproximar os povos, e diminuir a importancia das fronteiras e a differença dos costumes, a uniformisar os typos, a monotonisar os aspectos. Paciencia...

No entretanto, muitas industrias folgam no assumpto. N'um momento, a China transformou-se n'um importantissimo centro de importação de chapéus de feltro, de barretes, de tecidos de lã e de algodão, de coiros, de tudo, emfim, indispensavel a um cardume humano, que cuida em vestir-se á europeia!...

—Terminando, vá, de justiça, uma nota perfeitamente japoneza.

Hearn conversava um dia com o seu jardineiro japonez. Dizia-lhe este que os corpos téem, em geral, muitas almas; e citava-lhe varios exemplos do phenomeno, entre elles o seguinte:

«Olhe, patrão: quando uma mulher descobre que o

marido se encontra secretamente enamorado de uma outra, acontece muitas vezes que a mulher culpada é atacada de doença, que nenhum doutor sabe curar. Foi uma das almas da esposa, abrazada em desesperos, que passou para o corpo da outra, com o fim de destruil-a. Mas a esposa tambem cahe doente, ou perde o uso da razão, por ficar com uma alma de menos... »

Possivelmente, os psychologistas occidentaes encontrarão, nas simples palavras do jardineiro japonez, sobra de assumpto para largas considerações da sua lavra.

X

24 de fevereiro de 1912

Os acontecimentos da China; como se téem desenvolvido — Um rescripto imperial notabilissimo; algumas palavras sobre a actual situação dos chinezes; os festejos no Japão pelo advento da nova republica — As primeiras flôres da ameixieira.

NA China, os acontecimentos téem seguido o seu logico desenvolvimento. Logico, muitas vezes, só para os chinezes; não para nós, occidentaes, que pasmamos em face de certos factos consumados, sem lhes comprehendermos a urdidura. Mas assim deve acontecer. Não esqueçamos que a remotissima civilisação chineza, apoiando-se em origens inteiramente differentes das nossas e seguindo naturalmente por outras veredas no caminho do seu desenvolvimento, encontra para os grandes problemas da vida soluções que nos são estranhas, incomprehensiveis.

O armisticio, entre tropas imperiaes e republicanas, foi-se prolongando indefinidamente, pouco importando que excedesse, e muito, o limite que lhe fôra préviamente apontado. Os chinezes, em geral, não queriam a guerra; elles detestam a guerra.

No entretanto, o governo provisorio dos republicanos e Yuan Shih-kai, presidente do governo imperial, iam

trocando impressões pelo telegrapho, entre Nankin e Pekin; e, na capital, reunia-se frequentemente a côrte, sob a presidencia da imperatriz-mãe, occupando-se na discussão dos altos assumptos do Estado e dos seus proprios interesses.

Por fim de contas, esgotada de todo a esperança de poderem continuar a ser mantidas as instituições imperiaes e annunciando-se fatal a quéda da dynastia, a imperatriz chamou Yuan Shih-kai para informal-o de que ella dava a sua approvação ao novo regimen democratico, instituido.

Conta-se que Yuan Shih-kai mostrou então desejos de submetter a opinião da soberana a um conselho de principes e de outros dignitarios. A imperatriz, porém, deu-lhe em resposta: — "Todos os principes e outros dignitarios retiraram-se, fugiram, ignoramos onde estejam; não guardam elles na alma a lembrança de mim e de meu filho; fôste tu, Yuan Shih-kai, quem eu desde o principio encarreguei de tudo; trabalhaste sinceramente, honestamente, lealmente, sem que eu tenha a menor razão de queixa contra ti; nem eu nem meu filho estariamos hoje vivos, sem a tua assistencia e a de teus collegas».

Seguidamente e com morosidades puramente caracteristicas dos chinezes, cuidou-se de communicar ao governo provisorio da republica as condições de abdicação da familia imperial, as quaes, com ligeira alteração, foram acceitas. Entre outras, a familia imperial recebe annualmente uma longa somma de dinheiro para a manutenção da sua casa, reside temporariamente em Pekin, guarda os seus titulos; por este modo, continúa a existir — caso estranho — um imperador; um imperador dentro do governo da republica, embora sem gerencia alguma na administração do Estado.

Finalmente, foi publicado o rescripto imperial, feito em nome da imperatriz, como tutora do imperador menino, proclamando a abdicação e permittindo á inteira nação chineza o administrar-se por si propria, instituindo uma republica.

Estava consumado o enorme acontecimento historico. No momento em que escrevo, deixou de existir o imperio chinez; um Estado nascente arvora a sua bandeira, a republica chineza.

A' roda d'este facto, pequenos incidentes se desenrolam. Yuan Shih-kai é convidado pelos republicanos a assumir a presidencia do governo provisorio. Declina a honra a principio; depois, acceita-a. Discute-se agora qual será a capital do novo Estado; parece que Pekin guardará o antigo privilegio.

— O rescripto imperial, a que acabo de alludir, merece ser transcripto n'este logar, como documento graphico de um dos mais extraordinarios factos historicos da moderna vida mundial, cujas consequencias mal se prevêem. Resa assim o documento, conforme as versões que consultei.

"Em cumprimento dos desejos de S. M. a imperatriz-viuva, nós por este modo annunciamos o que segue: — Os militares, em primeiro logar, levantaram-se em revolta; então, o povo de varias provincias levantou-se, em resposta ao appêllo dos revolucionarios; a nação inteira achou-se envolvida em desordem e o povo cahido em miseria de discordia. Nós ordenámos a Yuan Shih-kai que enviasse funccionarios capazes aos districtos descontentes e que considerasse a situação com os melhores vultos do exercito. Elle foi tambem encarregado de inaugurar uma assembleia nacional e de estabelecer um

governo constitucional. Durante os passados dois mezes, nenhuma medida foi possivel tomar, no sentido da solução da situação, insistindo o norte e o sul pelas suas respectivas pretenções. No entretanto, todas as actividades se suspenderam e as tropas acamparam nas varzeas, promptas para acção. Cada dia de demora para attingir um resultado foi mais um dia de prolongação de miseria para o povo. A maioria da população é agora em favor de um governo republicano. O povo das provincias centraes e meridionaes reclama a urgencia de uma republica e provincias do norte seguem-lhe o exemplo. A geral tendencia do pensamento publico representa a voz da Providencia. Como poderemos nós, pois, resistir, pela guarda do nosso interesse pessoal, aos desejos da multidão? Tendo em consideração a geral situação exterior e a publica opinião interna, nós garantimos hoje á nação chineza a auctorisação imperial para governar a China e para formar uma republica do paiz inteiro. Yuan Shih-kai é nomeado ministro-presidente, por aviso do Senado, e tem ordem para estabelecer a unificação do norte e do sul, n'este momento de transição. Nós conferimos plenos poderes a Yuan Shih-kai, a quem cumpre organisar um governo republicano, provisional, e consultar os dirigentes militares sobre o melhor methodo para a restauração da ordem e da paz no paiz, assegurando assim o bem-estar e a confiança do povo. Uni-vos pois, manchus, hans, mongoes, mahometanos e tibetanos! Conservai a integridade territorial da China e formai um grande estado da Nação do Meio!... Nós sahimos hoje do poder, indo gozar um generoso tratamento, recebido das mãos da nação, e passando a uma vida retirada, sendo nosso particular deleite o assistir ao renovamento de uma sã administração.»

Deixo sem commentarios este notabilissimo rescripto, que, quando mesmo considerado só pelo lado litterario, impressiona profundamente, pelo sabor archaico e ainda patriarchal que d'elle emana.

Muito bem. Cahiu um imperio e surgiu uma republica. O estandarte do façanhudo dragão, assente sobre fundo amarello, foi arriado, substituindo-o a nova bandeira, formada por cinco listas horisontaes — vermelha, amarella, azul, branca e negra. Sob o ponto de vista esthetico, eu preferia, confesso, a bandeira do dragão, impregnada de mysterio asiatico. No entretanto, a bandeira nova, pouco graciosa pela profusão de coloridos, encerra um pensamento delicado, patriotico, ao qual é preciso prestar homenagem; exprimindo a estreita união das cinco grandes familias em que a nação inteira se divide, acima mencionadas.

Façamos votos, pois, para que a nascente republica mantenha sem alteração as côres do seu estandarte nacional; ou, por outras palavras, desejemos a integridade territorial do grande Estado asiatico.

Pesam sobre o novo governo chinez responsabilidades complexas, da mais alta gravidade, que poderemos resumir por esta fórma: — reorganisar a administração interna, creando receitas que possam fazer face ás grandes despezas com que fatalmente terá de se contar; melhorar as condições de existencia de mais de quatrocentos milhões de individuos; saber evitar qualquer acção directa da cobiça de estrangeiros, calamidade que poderia trazer as mais terriveis consequencias. Esperemos.

Resta informar que o advento da republica foi calorosamente festejado no Japão, pela colonia chineza, residente. Nos grandes centros e em certos bairros mais preferidos pelos chinezes, as novas bandeiras, profusa-

mente espalhadas, davam á scena um ar de alacridade; o foguetorio tradicional estalava ruidosamente a cada canto.

Ao mesmo tempo, comediasinhas domesticas, com o seu lado commovente. Sei de um consul chinez, que trata de desfazer-se a toda a pressa das bellas cabaias de sêdas multicôres, hoje sem prestimo; cuidando em troca de adquirir uma sobrecasaca preta e chapéu alto...

—A natureza prosegue, indifferente, na sua marcha eterna. Que importa tudo isto, e muito mais, ás arvores, ás flôres, á creação inteira?... Com uma regularidade imperturbavel, succedem-se ás scenas outras scenas, como aconteceu o anno passado, e ha dez annos, e ha cem annos, e ha mil annos...

Fui hoje vêr as primeiras flôres de ameixieira que, no sitio onde me encontro, desabrocharam este anno. Algumas florinhas apenas, vinte ou trinta, alvejavam nos ramos; dentro em pouco, serão contadas por milhares. O espectaculo era n'um jardim publico. N'uma barraquinha garrida, ajoelhados sobre esteiras, dois homens petiscavam e bebiam; duas *gheiskas,* suas companheiras, dedilhavam no *shamisen* e entoavam melodias em louvor da primavera. A festa pagã commoveu-me, quasi até ao ponto de chorar; chamando-me á consciencia da minha propria insignificancia, da insignificancia da inteira humanidade, perante a immensa serenidade das leis que regem os destinos do universo...

XI

30 de março de 1912

A revolução chineza; explosões de desordem; seu caracter e seus iniciadores; grave situação da China — Conspiração republicana em Sião; influencia dos progressos do Japão sobre o espirito asiatico — O commercio do Japão com Portugal; esclarecimentos a proposito d'este assumpto; chama-se a especial attenção dos negociantes portuguezes para um caso que se expõe.

Os acontecimentos da China continuam sendo seguidos, no Japão, com a merecida curiosidade.

Na minha anterior correspondencia, tinhamos ficado, se me não engano, no momento historico, interessantissimo, em que a familia imperial abdicava das suas funcções, mas não dos seus titulos, e confiava a Yuan Shih-kai, presidente do ministerio imperial, a muito grave missão de se entender com o governo revolucionario de Nankin para formar uma republica.

Yuan Shih-kai, que goza, certamente devido aos seus altos merecimentos, o estranho privilegio de merecer a mais decidida confiança dos dois partidos controversos, isto é, do imperio que cahe e da republica que surge, entendeu-se perfeitamente com os revolucionarios de Nankin, sendo — como tudo isto é curioso — nomeado

presidente da republica e conseguindo que a capital do Estado continue sendo a cidade de Pekin.

O que deve seguir-se e que se vai desenvolvendo lentamente, como não deve admirar, é constituir um ministerio á altura dos seus graves encargos, firmar a republica em sólidos alicerces, crear leis apropriadas á nova fórma de regimen. Isto se vai fazendo.

No entretanto, lamentaveis explosões de desordem téem vindo perturbando a situação. Logo em seguida á nomeação de Yuan Shih-kai como presidente da republica rebentou em Pekin um grandissimo tumulto, sendo a cidade em parte incendiada, saqueada, conseguindo-se restabelecer a ordem só após perdas valiosissimas. N'outros pontos da China, identicos tumultos rebentaram.

Similhantes desordens não tiveram, propriamente, um caracter politico; atacaram-se, simultaneamente, o palacio do presidente e o palacio imperial. Os seus iniciadores foram os soldados desoccupados, aos quaes se juntaram as chusmas dos vadios, dos salteadores, tão famosas na China. Houve, parece, irregularidades no pagamento feito ás tropas; mas, sobre tudo, cessando a guerra civil, devendo desbandar uma grande parte do exercito, para voltar cada qual aos seus misteres privados, á cultura dos seus campos, deu-se um phenomeno de fermentação moral, peculiar nas grandes massas inactivas, especialmente nas grandes massas chinezas. Os barbaros — porque a guerra faz retroceder a gente ao barbarismo — achando-se em presença da abundancia e das riquezas fascinantes das cidades, e pensando já na existencia de miseria que os espera, nos antros de trabalho, revoltam-se contra as leis esmagadoras dos destinos, glorificando, em práticas de desmando, o incendio, o roubo e

o assassinio. E' a eterna historia da triste humanidade, nas suas periodicas convulsões.

As auctoridades constituidas téem podido, até hoje, restabelecer a ordem; mas não se póde assegurar que assim poderão continuar a proceder em futuros conflictos, que provavelmente se darão.

A situação na China é, não resta duvida, muito grave. No entanto, póde-se e deve-se muito confiar no bom senso do chinez, talvez sem parallelo no mundo. Na presente conjunctura, a China tem conseguido até agora que as grandes potencias se conservem de parte, em polida espectativa. E' n'isto que deve porfiar. A intervenção estrangeira, sobretudo a intervenção armada no sólo da republica nascente, traria certamente em resultado uma grande conflagração, da qual resultaria provavelmente alguma grave offensa á integridade territorial do paiz e a fragmentação do Estado; e a China, dividida, está perdida.

—Chegou-nos a noticia, ha poucas semanas, de uma conspiração republicana no reino de Sião. Houve muitas prisões; mas parece que a benevolencia real alcançará todos os suspeitos.

O povo de Sião ia passando, até agora, por uma familia humana em degenerescencia, cahida em apathia, minada de preguiça, alheia a especulações politicas; e a dynastia reinante gozava dos melhores creditos, pelos seus sentimentos benevolos e pelas suas ideias civilisadoras.

E, vai então, mina uma revolução republicana no reino de Sião!... E' assombroso o que se está passando no Extremo Oriente, isto é, a vertiginosa evolução do espirito asiatico, provocada certamente pelos progressos rea-

lisados no Japão e pelas suas recentes glorias militares!... O asiatico accorda. O que a Asia será dentro de um seculo, dentro de dois seculos, mal se póde imaginar!...

A tentativa de revolta em Sião e a revolta na China devem filiar-se nas mesmas causas. Não é propriamente o intuito de uma simples mudança de regimen que exalta as massas. Que sabem de monarchia e de republica as massas siamezas e chinezas?... O que se accusa é a ancia instinctiva de sahir da mediocridade, de sahir da humilhação em que se vive perante a raça branca. Os dois phenomenos politicos que acabo de citar pódem melhor caracterisar-se como exemplos de lucta de raças; é n'este sentido que a evolução se desenvolverá, no correr dos tempos.

— O commercio do Japão com Portugal, no anno de 1911, foi de 32:519 *yens* (um pouco mais de 16 contos de réis), incluindo 7:983 *yens* de exportação e 24:536 *yens* de importação.

E' pouco, muito pouco. Os negociantes portuguezes deviam cuidar com insistencia de introduzir nos nossos mercados os artigos japonezes, em geral mui dignos de apreço. No que respeita a exportação de Portugal, o assumpto é mais difficil, visto que os japonezes quasi que não bebem vinho, que é o principal producto que exportamos. Mas temos cortiças, as melhores do mundo, as quaes serão bem recebidas no Japão, quando se consiga que aqui cheguem, exportadas directamente, mais baratas do que as que véem da Allemanha, da Inglaterra, da America e de outras procedencias, onde a cortiça não existe.

Sei, com prazer, que seguiu ha algumas semanas, de um porto japonez para uma firma do Porto, uma variada

collecção de amostras, incluindo charões, porcellanas, faianças, sêdas, etc. Tambem seguiu para uma outra firma portugueza um importanto carregamento de botões de madreperola, artigo que os japonezes fabricam por baixo preço e é muito apreciado na Europa. Valha-nos isto, que dá esperanças de um futuro movimento commercial entre Portugal e o Japão.

No entretanto, para que o movimento mercantil entre os dois paizes possa attingir, em tempos futuros, importancia notavel, é forçoso que entremos em conta com as colonias portuguezas. Porque será que os nossos negociantes se não empenham em promovel-o? Quer-me parecer que se dá, entre nós, importancia de mais ás colonias, como campo aberto á collocação de funccionarios publicos, e ao mesmo tempo importancia de menos, como campo aberto ás permutações do trafego, de onde só póde resultar a verdadeira riqueza nacional.

Porque é que se não enviam para o Japão amostras dos nossos productos coloniaes, como o sandalo, o marfim, o algodão, quando abundar, os oleos vegetaes, etc.?

Consta-me que os artigos japonezes são recebidos com agrado pelos residentes europeus das nossas colonias. Porque é que as firmas de Portugal não cuidam de divulgal-os?

Desejo, por ultimo, chamar especial attenção para o caso que vou expôr.

De todas as industrias que mais prosperam em Osaka, que é o centro mais commercial de todo o imperio, contam-se, como muito activas, as do fabríco de toalhas de mãos, peugas e camisetas de malha de algodão. Estes artigos são comprados em grandes quantidades por firmas allemãs, inglezas, indianas e outras, que os exportam para a Africa e para a India, onde os indigenas mostram por

elles particular predilecção. Pois os negociantes portuguezes ignoram por completo este trafego, embora as nossas vastas colonias, na Africa e na India, se prestem admiravelmente para este lucrativo ramo de commercio. E' pena que assim seja; é pena que as nossas actividades adormecidas estejam como que convidando actividades estranhas a virem exercer-se, mesmo dentro da nossa casa, com manifesta perda para o proprietario.

XII

30 de abril de 1912

A republica chineza; manifestações graves de independencia; pormenores interessantes e anecdotas ligeiras; resposta do «Japan Chronicle» a um inquerito jornalistico, e na qual se fazem revelações interessantissimas; promessa de commentarios a essas revelações.

NÃO querendo entrar em divagações fastidiosas, mal cabidas n'este logar, confesso que muito pouco ha que dizer sobre o que se tem passado na republica chineza, durante as ultimas semanas.

Vai-se constituindo o ministerio, lentamente e não sem difficuldades. Cuida-se de obter fundos para os cofres vasios do Estado, de modo a fazer face ás grandes despezas inadiaveis.

Na capital, reina agora, felizmente, tranquillidade. Mas ali, além, acolá, em varios pontos do immenso sólo chinez, rebentam disturbios, devidos em grande parte á desordem em que se encontram as hordas dos soldados, que é forçoso a todo o custo dispersar, por inuteis, antes por nocivos, levando-os de novo á vida tranquilla dos campos, de onde vieram.

Ainda mais graves do que os disturbios dos soldados, annunciam-se as manifestações de independencia que

surgem dos lados do Tibet e da Mongolia; dando-se assim os primeiros phenomenos de ordem politica, que levarão o Estado á desintegração, se não forem reprimidos a tempo. Isto póde ser muito sério. Realisadas a independencia da Mongolia e a do Tibet, outras provincias chinezas, voluntariamente ou por influencias estranhas, não tardarão em tentar do mesmo modo emancipar-se da mãe patria. A China, dividida, desmembrada, tornar-se-ha então um enorme fóco de intriga e de desordem; não se fazendo esperar a acção occidental, acudindo, sob pretexto de politica humanitaria, a esmagar a importancia do colosso, cortando-o em retalhos e apossando-se d'elles. Mas, confiemos que tal coisa não se realisará.

Se faltam noticias concernentes á evolução politica e administrativa do novo regimen — os acontecimentos vão-se succedendo com uma natural morosidade, — abundam em todo o caso os detalhes interessantes, as anecdotas ligeiras, que vão voluteando á roda do grande drama. Cito alguns exemplos, para satisfação dos curiosos.

As *suffragettes* chinezas vão dando muito que fazer ás auctoridades em Nankin, ás quaes querem impôr, sem demoras, o reconhecimento dos seus direitos. As *suffragettes* de Londres já felicitaram, por telegrammas, as suas irmãs asiaticas, louvando-lhes os impulsos. Como á China vai longe!...

Certo joven americano teve uma curiosa experiencia, na primeira noite de saque em Pekin; conta o caso, ingenuamente, um jornal inglez. O americano percorria as ruas a cavallo, quando um soldado chinez, que encontrou, o obrigou a deter-se no caminho, apontando-lhe a espingarda que trazia e mostrando-lhe um capote, certamente roubado, que elle impunha ao estrangeiro que

comprasse. Qual o custo? O soldado respondeu que 45 dollars. O americano offereceu 2 dollars e o soldado acceitou a offerta. Concluiu-se o negocio. O capote, como o americano logo desconfiára, era um soberbo capote, que se reconheceu depois valer 100 dollars, pelo menos... Sempre a intrujice chineza!...

E' sabido que os capitalistas inglezes, allemães, francezes e americanos, sob a instigação diplomatica dos seus paizes respectivos, entraram em concerto para supprirem a China com dinheiro; a empreza tornou-se conhecida pelo nome, hoje já famoso: o do *Emprestimo das quatro potencias*. Depois, aggregaram-se-lhes os japonezes e os russos. Mais tarde, os belgas intrigaram para participar em tal accordo. Agora, são os austriacos e os italianos que reclamam a sua parte no jogo financeiro. De sorte, que, diz com graça um jornal que tenho á vista, a empreza vai tornar-se o *Emprestimo das nove potencias*. E conclue o mesmo jornal que difficilmente poderá a China ser arguida, se ella se mostrar um nadinha suspeitosa d'esta notavel unanimidade das potencias em quererem á força encher a China com dinheiro. Effectivamente, esses amigos de Pekin cheiram-me muito a... amigos de Peniche!...

—Segundo o *Japan Chronicle*, com o titulo—*Duas coisas de que devemos ser orgulhosos e que as outras nações não possuem*,—o barão Iwamura Toru, professor na escola de Bellas-Artes em Tôkiô e escriptor bem conhecido, exprime-se pouco mais ou menos como segue, respondendo a um inquerito de um jornal do seu paiz:

«Não ha nação, sobre a superficie da terra, tão indifferente aos numeros como a nossa. A maioria do nosso

povo move-se dia a dia, de um lado para o outro, com uns ares de pura satisfação, sem realmente conhecer qual seja o proprio estado financeiro. A questão — que devo fazer e que devo gastar — não é uma d'aquellas para que qualquer japonez tenha resposta. Elle tem a noção de que as coisas seguem a sua marcha casual, de uma maneira ou outra, mas sempre bem; e é curioso que assim succede geralmente. Algarismos, nem nos interessam, nem nos impressionam. E' por esta razão que a data em que se diz ter sido fundado o nosso imperio não nos inspira a minima suspeita. A nossa ignorancia em estatisticas muitas vezes assombra os estrangeiros. Ha bem pouco tempo, qeando eu viajava, com alguns compatricios, em Nova-York, aconteceu cahir uma chuva de perguntas sobre nós, n'um sitio publico, onde se achava muita gente. — Quantos soldados téem os japonezes? Quantas escolas primarias? Quantas creanças em idade de estudos? etc., etc. — Pois nenhum de todos nós pôde dar uma resposta.

Ora, como os americanos dão muita importancia aos algarismos, pareceu-lhes caso estranho que japonezes educados se mostrassem tão ignorantes de estatisticas referentes á sua propria terra. Isto implica grande impraticabilidade do pensamento e grande indifferença para realidades.

Devam embora os estrangeiros considerar, sem duvida alguma, a qualidade mental acima referida como um defeito sério, para mim, ella apparece digna de felicitações. Por que somos nós tão pouco scientificos, tão pouco mathematicos? Porque somos idealistas e poeticos. Vivemos e morremos em um mundo imaginario; assim se explica a nossa indifferença pelas coisas que de perto nos rodeiam.

As nossas faculdades imaginativas collocaram-nos em boas condições, em tempos passados. A posição que hoje occupamos no mundo é devida á vivacidade da nossa imaginação. Tivessemos nós sido prosaicos, um povo mais calculista, de uma raça mais mechanica, que similhantes pulos e saltos, como os que temos dado no campo do progresso durante a éra de Meiji, teriam sido impraticaveis.

A indifferença pelos algarismos levou-nos á indifferença pelo dinheiro. O que é que mantém na faina annual, com uma miseravel paga, os nossos professores das escolas primarias? A imaginação, o culto do ideal, que lhes dizem que elles se occupam n'uma nobre missão — e n'isso está a sua paga. — Da mesma superioridade perante pobreza e desgraça deu provas o antigo *samurai*, do qual se dizia — *Bushi wa kuwanedo, taka-yoji* (quando o guerreiro tem a barriga vasia, palita os dentes com um grande palito.) — Não se observa este culto entre nações que adoram os numeros. Nós arrojamo-nos a grandes emprezas, pela simples razão de sermos um povo imaginativo; e mercê do que chamamos a graça do céu *(tenyu)* e as brisas divinas *(kamikazé)*, podemos ser bem succedidos nas nossas temeridades. Nós somos conhecidos no mundo como um povo artistico; os nossos trabalhos de arte, em éras passadas, bastaram para mostrar quanto a gente japoneza tem sido imaginativa em todos os ramos. Surge, porém, agora um grande clamor contra os nossos inscientificos meios de encarar as coisas da vida. Urge que os nossos cerebros sejam mais mathematicos, dizem os nossos dirigentes. Mas não envolverá isso a perda da imaginação?...

E encaremos agora uma outra caracteristica do nosso povo, geralmente admittida como uma grande desgraça

para os progressos do Nippon como nação — a nossa feia apparencia. — Alguns estrangeiros téem chegado a affirmar que os japonezes são o povo mais feio do mundo inteiro. Devo confessar que me sinto levado a acreditar que a affirmação é exacta. Quando resido fóra do paiz, se relanceio algum dos meus compatricios após ter visto os occidentaes passearem pelas ruas, fico realmente impressionado pela desagradavel apparencia e movimentos desastrados dos meus compatricios. Nós somos, em geral, pequenos de estatura, escuros de côr, com as pernas tortas e temos uma maneira timida de andar, que não parece nada seductora. Em minha opinião, o que é chamado — a questão racial — não é mais do que — uma questão esthetica. — Nós somos mal recebidos em qualquer parte do mundo occidental, pela unica razão de que somos muito feios. Não é pela nossa moralidade, nem pelos nossos costumes, nem pela nossa commum intelligencia, que os estrangeiros nos detestam, mas pelo nosso feitio. E' isto que torna impossiveis as relações mais intimas entre japonezes e occidentaes.

Ora, encarado o assumpto de relance, esta physica disformidade deve apparecer como um elemento de fraqueza nacional; mas, em realidade, é justamente o contrario que se dá, constituindo a nossa fealdade um dos primeiros factores da energia da nação. A peculiaridade que nos impede de nos assimilarmos inteiramente ás coisas estrangeiras, concorre para a consolidação nacional e para a manutenção da independencia. Se fossemos capazes de ser facilmente occidentalisados, seguir-se-hia a desnacionalisação; e os nossos propositos, como uma das grandes potencias mundiaes, levar-nos-hiam não sei onde, mas nunca ao brilhantismo. A segurança

do Japão reside no isolamento, que o nosso feitio desagradavel nos impõe.»

Estas considerações do professor Iwamura são devéras interessantes. Levam-me ellas a alguns commentarios, os quaes, para não abusar do espaço que aqui me é reservado e da paciencia dos leitores, me proponho apresentar na proxima correspondencia. Por hoje, basta.

XIII

30 de maio de 1912

As coisas na republica chineza; falta muito dinheiro; põe-se em duvida a habilidade do presidente; a lucta de raças — A fealdade do japonez, que não é tão feio como o pintam; a questão está no trajo; coisa curiosa que se dá com as creanças do Japão; a japoneza acha feio os loiros da Europa: chama-lhes «olhos de peixe» — Curiosidade de negociantes portuguezes.

DA republica chineza, poucas novidades interessantes nos chegam. A evolução, na nova ordem de ideias, effectua-se lentamente e quasi com uma fria impassibilidade, que nos espanta, a nós, homens do Occidente irrequieto.

Funccciona a assembleia nacional. O ministerio não encontra apoio, acha-se descontente e pede a sua demissão.

Falta dinheiro, muito dinheiro, que é o primeiro factor impulsivo na constituição dos Estados modernos. O syndicato financeiro das potencias estrangeiras encontra-se muito bem disposto a avançar os fundos requeridos, mas necessariamente impõe garantias aos emprestimos que fizer. No entretanto, parece que as garantias propostas, inspiradas nos varios centros diplomaticos, elevam-se tão alto em ambições, que virão ferir os melindres patrioticos dos dirigentes e de toda a população

chineza, tornando impraticavel o proseguimento dos accordos entre as varias partes interessadas.

Emfim, varios estadistas de cunho, entre elles o conde Okuma, o notabilissimo pensador japonez, põem em duvida a habilidade dirigente do actual presidente da republica chineza, parecendo-lhes que ainda está por apparecer o homem superior, privilegiado pelos seus altos dotes administrativos, que possa dirigir por bom caminho a enorme familia chineza, na presente conjunctura melindrosissima da sua existencia politica.

No mysterio complicadissimo da crise chineza, debate se muito mais do que uma lucta interna de principios de administração. E' uma lucta de raças que se define. A China quer ganhar a importancia mundial a que julga ter direito pelo seu vastissimo sólo, pela sua vastissima população e pela sua vastissima experiencia das coisas. Quer, como primeiro passo, sacudir o jugo humilhante do Occidente, ao que o Occidente se opporá com todas as suas forças, emquanto podér. O problema, como facilmente se adivinha, é colossal; devem esperar-se, n'um futuro mais ou menos proximo, as maiores surprezas d'este extraordinario formigueiro humano que é a nação chineza, que acorda agora do longo lethargo em que permaneceu inactiva por tantos seculos, mas sem jámais se desintegrar, sem jámais perder qualquer infima parcella das suas caracteristicas moraes, tão differentes das nossas.

— Na correspondencia anterior referi-me a um professor japonez, o qual, entre varios defeitos que reconhece nos seus compatriotas, aponta a sua caracteristica fealdade. — O povo japonez é o mais feio do mundo inteiro — pensam e dizem, na opinião do professor, muitos

estrangeiros, e elle, o professor, sente-se inclinado a seguir a mesma opinião. Os japonezes, continúa, são, em geral, pequenos de estatura, escuros de côr, téem as pernas tortas e affectam uma maneira timida de andar, que nada offerece de agradavel.

O professor chama a tudo isto defeitos; mas apressa-se em transformal-os em qualidades meritorias, pois é a elles que attribue, principalmente, o isolamento da familia nipponica e a sua difficuldade em desnacionalisar-se e, por consequencia, a cohesão do typo moral e das virtudes civicas.

Seja como fôr, vale a pena, por desfastio, commentar, palestrando, a apontada fealdade japoneza.

Ha muita verdade, em parte, na asserção. O japonez é feio, com algumas notaveis excepções, pois não é raro encontrar, entre a familia japoneza, magnificos typos de belleza humana. O japonez é feio, de uma fealdade que nos irrita, provocante, caricatural; derivando de traços de physionomia mongolica, de traços de physionomia malaia e outros, que, por aversão racial, nos desagradam.

Mas não exaggeremos. O japonez não é, realmente, *tão feio como o pintam*. Uma das razões da sua apparente fealdade, nos tempos de hoje, está no trajo á moda europeia, que adopta com frequencia. O japonez dos campos, envolto em vestes rusticas e primitivas, ou mesmo nú se o calor aperta em extremo, não nos parece feio. Nos theatros, em scenas do passado, os actores, vestindo roupas de outros tempos, apparecem-nos imponentes. O japonez, porém, que veste camisa, calças e casaco, é que nos parece, em regra, feio, muito feio.

O trajo de um povo não é uma coisa tão banal como á primeira vista se affigura. Origina-se em selecções es-

theticas, complicadas, que evolucionaram durante muitos seculos seguidos. Ora, os japonezes, em grande numero, cuidaram, de um salto, de substituir o seu kimono pelo fato á moda dos europeus, sem se lembrarem da circumstancia de que tal fato está longe de lhes ser apropriado.

Se os japonezes téem as pernas tortas, como avança, com razão, o professor, é isto devido ao habito de se sentarem de joelhos sobre a esteira; o que lhes entorta as pernas é ainda mais as calças. Com o kimono, não é visivel o defeito.

Ha um exemplo interessante, que prova frisantemente como a calça, o casaco e os sapatos vão mal á gente d'esta terra. Se ha typo grotesco entre esta gente, mais grotesco do que todos é o agente de policia, o *junsa,* mal vestido á moda ingleza, agarrado ao chanfalho, como se encontra pelas ruas. Pois eu tenho visto muitos d'estes *junsas,* ridiculos em extremo, tomarem parte em jogos de esgrima nacional, nos exercicios districtaes; quando trocam a farpella pelo costume do paiz, poisando no chão os pés descalços, mostram-se em geral exemplares soberbos do animal humano.

Coisa curiosa: as creanças japonezas — rapazes e raparigas — de dois annos de idade, de tres annos de idade, de quatro annos de idade, são sempre bonitas, são sempre captivantes. A principal razão deve estar na circumstancia de que, em taes idades, as creanças japonezas se vestem sempre á moda primitiva.

Coisa mais curiosa ainda: as mulheres japonezas são, em regra, gentilissimas. Deve explicar-se, em parte, o phenomeno, pela mesma causa que apontei, isto é, pela circumstancia de que ellas, ao contrario do que se passa com os homens, adoptam, quasi sem excepção, o encan-

tador trajo primitivo. Mas esta unica razão não basta; é tão expressiva, n'este paiz, mais do que em nenhum outro, a gentileza feminina em contraste com a rude expressão do outro sexo, que forçoso se torna ir buscar ainda outras causas do phenomeno. Mas é muito difficil a tarefa. Entre taes causas, deve talvez levar-se em conta o facto de ser a actual familia japoneza formada por um mixto de muitas raças; não repugnando o admittir-se que as caracteristicas da raça mais esbelta predominem nas mulheres, emquanto que nos homens se sálientem caracteristicas de raças menos bellas.

Outra circumstancia que deve registrar-se é o esmero egoista com que o japonez vai educando, cultivando, desde remotos tempos, a mulher, de modo a colher o maximo gozo da dôce companheira do seu lar; é um esmero de horticultor, votado a uma planta de estufa; e o producto de tão meticulosos cuidados—a mulher—adquire assim naturalmente dotes de primor, de distincção, que por hereditariedade se transmittem.

Resumindo:—o homem japonez é feio, ou, pelo menos, parece-o, especialmente quando veste á nossa moda; no entretanto, encontram-se, embora em minoria, perfeitos typos de belleza varonil; as creanças, sem distincção de sexos, são, em regra, gentilissimas; a mulher japoneza é tambem, em regra, gentilissima.

E acrescento este detalhe:—a mulher japoneza não encontra, no seu companheiro, traços de fealdade. E' o typo europeu, pelo contrario, que lhe inspira tal ideia, em particular o loiro, de pelle rosada, de olhos claros;—*olhos de peixe*—exclama ella, com desgosto!...

Tem-se manifestado agora, consta-me, uma interessante curiosidade por parte de alguns negociantes portu-

guezes, cuidando de obter informações e amostras de alguns artigos do Japão, como leques, botões de madre-perola, fazendas de algodão, quinquilherias, etc., tendo mesmo sido enviadas para Portugal algumas remessas importantes.

Registro o caso com viva satisfação.

XIV

25 de junho de 1912

As coisas da China; as desordens e rapinas; falta de dinheiro; o reconhecimento da republica — A carestia do arroz; o pão do japonez; scenas de miseria e angustia; tragedia que produz lagrimas — Uma nota mercantil — As diversas classes da sociedade do Japão; o que ellas são.

As noticias que nos chegam da China são nebulosas e inconcludentes. Apenas nos é dado perceber que o momento é muito grave para a nova republica. No entretanto, mal, muito mal, podemos avaliar as caracteristicas da multidão chineza, os dotes potenciaes da sua alma mysteriosa; sendo bem possivel que a China offereça em breve, á admiração do Occidente irrequieto, um grandioso exemplo de sensata evolução.

O ministerio está em crise, mas já se annuncia uma recomposição.

Desordens, tumultos, rapinas, occorrem em varios pontos do paiz; mas isto não deve causar muita admiração, levando em conta o estado cahotico em que ainda se encontra o machinismo administrativo do regimen insipiente; mais deve admirar o não terem sido ainda maiores as desordens, os tumultos e as rapinas.

Falta dinheiro, muito dinheiro. O syndicato estran-

geiro, que tomou a peito fornecer dinheiro á China, intriga e nada resolveu ainda. Por outro lado, exigindo garantias que vão ferir as susceptibilidades dos chinezes, agora muito excitaveis, surgiu a ideia, entre os chinezes, de levantar um grande emprestimo nacional, que dispensa a intervenção financeira dos estranhos; mas por agora, infelizmente, as tendencias para esta contribuição patriotica mostram-se pouco liberaes na massa do povo.

Contrariamente aos ardentes desejos do governo de Pekin, ainda nenhuma potencia estrangeira se atreveu a reconhecer a nova republica. Provavelmente e em virtude de combinações diplomaticas que estão proseguindo, o reconhecimento será simultaneo, em momento opportuno.

—O arroz, que é o pão dos japonezes, isto é, a base do seu alimento quotidiano, tem subido ultimamente muito em preço. Porquê? causas varias, muito complexas, de difficil explicação.

Os jornaes relatam frequentes scenas de miseria, de angustia. No entretanto, mesmo nos tristes lances de fome, o japonez é, em geral, digno, respeitador das conveniencias e mesmo gracioso. Já os *samurai* dos tempos idos retinham este proverbio:—«Quando se tem a barriga vasia, palitam-se os dentes com um grande palito».

Agora, um exemplo d'estes dias. Informa um jornal que, ha pouco, em consequencia da extraordinaria carestia do arroz, 13 creanças da escola elementar de Nagaoka, no districto de Niigata, foram encontradas, levando para a escola, vazias, as latinhas do seu rancho.

Ora, não achaes graciosa esta tragedia, de uma graça que faz vir as lagrimas aos olhos?... No Japão, os pe-

quenitos e as pequenitas vão pela manhã para a escola, muito cedo, em grupos alegres e chilreadores; cada qual leva na mão uma modesta latinha de folha ou de aluminio, envolta n'uma bolsa de rêde, contendo a refeição do meio dia — arroz cosido e um pedacito de nabo de salmoira. — Pois, em Nagaoka, faltou ha algumas familias o dinheiro para provêr a este repasto. Pouco importou. As creancinhas continuaram a ir á escola, em grupos alegres e chilreadores, não esquecendo nenhum dos seus habitos, levando n'uma das mãos a ardosia e os livrinhos, e na outra mão a latinha do lanche... mas sem nada.

Fingiam que comiam... Só me espanto de que os pardaes, que as viam ir pelos caminhos, continuassem a cantar... ou chorariam elles a cantar?...

— Uma nota mercantil, entremeando as scenas commoventes.

Consta-me que uma importante firma japoneza acaba de remetter para Portugal, a uma casa portugueza, uma remessa de castões de chapéus de sol. Botões de madreperola tambem têem seguido.

Os japonezes tiveram a habilidade de encontrar meios de fabricar estes dois artigos — castões de chapéus de sol e botões de madreperola — por muito menos preço do que se fabricam na Europa. E' facto que estão sendo muito procurados nos mercados do Occidente; e é com prazer que registro que tambem os nossos negociantes cuidam de adquiril-os.

E' bem possivel que a apathia da nossa gente de negocio pelos productos japonezes não apresente o aspecto de uma doença chronica. Pelo contrario, penso que duas ou tres iniciativas mais arrojadas poderão acordar energias adormecidas, resultando do facto que as relações

commerciaes entre Portugal e o Japão entrem n'um periodo de desenvolvimento, do qual Portugal, principalmente, tem a ganhar.

O que se tem visto por agora, n'este campo de actividades, é simplesmente chimerico, banal.

— Quando me ponho a pensar nas minhas sympathias intimas pelo povo japonez, innegaveis, que me trazem acorrentado a este paiz ha não sei quantos annos successivos, acontece algumas vezes que a mim mesmo formulo esta pergunta: — não correrá, no meu sangue de europeu, algum sangue asiatico, que explique, por affinidades naturaes, esta amoravel preferencia? ... — Mas não corre, tanto quanto é possivel affirmal-o e tanto quanto o *absoluto* é compativel com o que convencionamos chamar raças differentes. Sou, meus senhores, um simples branco, um simples loiro, um genuino typo occidental; e, remontando longe na historia dos avós, não consta que algum d'elles chegasse mesmo ao Extremo-Oriente, ou por qualquer modo podesse julgar-se com direito a participar das caracteristicas dos povos que o habitam.

As minhas sympathias por esta gente encontram, porém, uma facil explicação, sem ser preciso ir invocar outras. Eil-a: — na minha longa permanencia no Japão, tenho mantido estreitas relações de convivencia com o povo, o povo humilde e rude. — Não exclusivas; pelo contrario, imposições profissionaes levam-me, de preferencia, a tratar com altos funccionarios japonezes, com a burocracia dirigente. Mas, tambem de preferencia, é com o povo que habitualmente me entretenho, com quem convivo, nas horas livres, votadas ao que com o meu feitio mais se harmonisa e onde encontro maior aprazimento.

Relanceemos, leitor, as diversas classes da sociedade japoneza. Creio que não ando muito fóra de razão, classificando a sociedade, aqui, como em outra qualquer parte (não excedendo os limites dos chamados — povos cultos) — em tres grupos principaes, mais salientes. O primeiro grupo é formado pela classe culta, que veste sobrecasaca e chapéu alto, comprehendendo o alto funccionalismo, o alto commercio, os homens de sciencia e tudo mais que constitue a parte mais illustrada da nação. A turba operaria fórma o segundo grupo, formigando nos grandes centros, onde as chaminés das fabricas vomitam ondas de fumo negro, onde fremem os engenhos das multiplices industrias. A gente das aldeias e dos campos, incluindo os pequenos vendedores, os homens da lavoura, os homens da pesca, os serviçaes, fórma o terceiro grupo; e é este que constitue, propriamente, o povo.

Ora, o primeiro grupo, o grupo de *élite*, é importantissimo, no que respeita o regular funccionamento da machina do Estado; mas, para um observador independente e imparcial, e interessado em apreciar os homens pelas suas qualidades sentimentaes, é este grupo o menos attrahente, o mais farto em banalidades e em inepcias. Reparai que n'este grupo de *élite* é onde mais se accusa a desintegração das caracteristicas da nação, onde mais se manifesta o amorphismo progressivo dos sentimentos raciaes. A civilisação tem, não resta duvida, o seu lado dissolvente, tendendo a nivelar todos os individuos por um unico padrão, amarrado em cosmopolitanismo resequido, em convencionalismo, em egoismo.

Como consequencia da grande industria, surge a enorme importancia da classe operaria, que constitue, pelas aspirações em que se abraça, o problema culminante da época actual, na vida interna de cada Estado.

Arde em paixões, por vezes morbidas. Não dá ideia da normalidade sentimental do seu paiz. Inspira muito interesse; mas furta-se ao convivio, escorraça do seu seio o observador do acaso.

Vem então o terceiro grupo, o povo, o povo propriamente dito, formado principalmente pela gente das aldeias, dos campos e do mar. Muito menos brilhante do que os outros dois grupos, ou talvez nada brilhante, ignorado, passivo, apenas occupado no seu labor quotidiano e no seu labor eterno, o povo constitue, particularmente, o coração do Estado, se assim posso exprimir a ideia das suas forças vivas, das suas caracteristicas nacionaes e da reserva, para o Estado, de material humano, aproveitavel.

O povo representa a classe mais interessante, mais sympathica, mais attrahente, da nação. Concentra em si as qualidades mais distinctas que differenceiam um paiz de outro paiz. Possue a maior massa de virtudes nacionaes que inspiram piedade. O povo é o mais perfeito exemplar do animal humano, com meritos e defeitos, mas sem disfarces, sem hypocrisia.

O povo é communicativo com os estranhos, como as creanças. O povo conversa comnosco, abre-nos o coração, diz o que pensa, canta o que sente, ri e chora. N'elle se encerra toda a poesia nacional, toda a arte nacional e todo o culto pela patria.

Se quereis amar um paiz, passai, indifferente, diante da classe culta; passai, suspeitoso, diante da classe operaria; parai em frente do povo, entrai em convivio com elle, ide passar horas tranquillas no seu lar, no seu albergue sem conforto.

E eu tenho convivido com o povo japonez, durante longos annos.

X

30 de julho de 1912

Morte do imperador do Japão; dados biographicos; a sua familia; as suas virtudes; exemplo que deixa na historia.

O imperador do Japão falleceu, na madrugada de hoje, 43 minutos depois da meia noite, no seu palacio em Tôkiô. A noticia, espalhada em todo o mundo pelo telegrapho, terá, certamente, chegado aos leitores do *Commercio do Porto*, no momento em que escrevo estas linhas.

O soberano achava-se enfermo ha cerca de duas semanas, soffrendo de uma affecção de rins, complicada de gravissimos symptomas; succumbiu a este mal. A morte não respeita monarchas; nivela todos pelas frias leis dos seus destinos; e não conhece as ardentes aspirações das massas, nos seus transportes mais sympathicos, mais amoraveis. Nada pôde salvar o imperador, nem os tenacissimos esforços dos melhores medicos da côrte, nem os incessantes desvelos da familia imperial, nem as preces fervorosas do povo inteiro, a grande familia japoneza, que, durante o periodo da enfermidade, deu o enternecedor espectaculo de ir enchendo os templos — chintóistas, buddhistas, christãos, votados a todas as

crenças,—implorando os varios deuses de sua fé para que conservassem a vida ao augusto enfermo...

O imperador do Japão, 122.º em numero na lista dos soberanos de uma unica dynastia, nasceu na cidade de Kyôto, no dia 3 de novembro de 1852, estando assim perto de commemorar o seu 60.º anniversario natalicio. Era o segundo filho do defunto imperador Kômei. Foi proclamado principe imperial e herdeiro do throno em 10 de novembro de 1860. Subiu ao throno, por morte de seu pai, no anno de 1867. Foi coroado em Kyôto, em 12 de outubro de 1868. Em 23 de outubro do mesmo anno, escolheu a denominação de *Meiji* (periodo do Brilhantismo) para designar a éra do seu reinado (estamos presentemente no anno 45.º de *Meiji).* Casou em 9 de fevereiro de 1868 com Haruko, a actual imperatriz, terceira filha de um nobre da côrte, nascida em 28 de maio de 1850.

O imperador deixa cinco filhos, dos quaes um unico varão, Yoshihito, principe imperial e successor ao throno. O principe Yoshihito nasceu em 31 de agosto de 1879, estando, pois, proximo a completar 33 annos de idade. Casou em 1900 com a princeza Sadako, quarta filha do principe Kujo Michitaka, da qual tem, presentemente, tres filhos, todos varões, tendo o mais velho, o principe Hirohito, 11 annos de idade.

Mas ponhamos de parte as datas chronologicas, fastidiosas, para consagrarmos algumas ligeiras impressões de momento á memoria do imponente vulto historico que desapparece da scena mundial, deixando em sincero luto e em profunda dôr a inteira nação japoneza.

O imperador do Japão era adorado, como é sabido, pelo seu povo. Caracteristicas éthicas de raça e profundas tradições religiosas, que partem da origem do impe-

rio, mantéem ainda o soberano á altura do patriarcha da grande familia nacional. Perder o imperador é perder um pai. Accresce ainda que as virtudes pessoaes do monarcha e o extremo brilhantismo do seu reinado, de cerca de 45 annos de duração, poderosamente concorreram a firmar o prestigio da grande individualidade que se fina, como uma flôr de gloria que fenece.

Póde pôr-se em duvida se os japonezes de hoje, do Japão moderno, são mais felizes do que os japonezes do Japão antigo. Mas a evolução era fatal, impunha-se ao Japão, como se impõe a todas as nações. Admittindo este principio como um preceito indiscutivel na vida mundial, pasmamos simplesmente de admiração perante as maravilhas que a historia japoneza dos ultimos 45 annos nos offerece. O Japão emerge da sua existencia de recolhimento, fraco e ignorado de todos, alheio a quasi todos os progressos modernos, para entrar na grande familia das nações. O que elle conseguiu pelos seus esforços, é sobejamente conhecido, conquistando pela sua sciencia, pela sua administração e pelas suas armas, a posição de potencia de primeira classe que hoje occupa.

A historia universal não offerece outro exemplo que a este se compare. Hei-de ainda voltar a este assumpto, interessantissimo. Hoje, a mágua nacional do paiz onde me encontro aconselha-me silencio, como a maior homenagem de respeito que eu posso tributar ao grande povo japonez, ferido profundamente por uma grande desgraça.

XVI

7 de Setembro de 1912

Sobre a morte do imperador Mutsuhito; o seu glorioso reinado; registro dos principaes acontecimentos d'este; uma explicação sobre a designação de «Nengô», que ao mesmo se dá; o funeral do imperador — Uma breve referencia sobre a China.

Na minha correspondencia anterior, mencionei o inesperado fallecimento do imperador do Japão, Mutsuhito, victima de uma terrivel doença de rins, que não costuma poupar ninguem, nem mesmo os imperadores; tendo-lhe succedido seu filho nas altissimas funcções, o principe imperial Yoshihito, herdeiro do throno.

Effectivamente, na madrugada de 31 de julho, finava-se o soberano, um dos mais poderosos do momento presente, e certamente o mais modesto, o mais simples de costumes, no seu palacio de Tôkyô, n'um aposento japonez de cerca de 25 metros de superficie, todo coberto de *tatami,* a esteira indigena, sem mobilia alguma, apenas realçando pela escrupulosa limpeza e pelo ingenuo luxo dos fofos colchões de sêda branca, sobre que o corpo repousava.

O imperador Mutsuhito teve um longo reinado de 45 annos. Nenhum reinado de soberano japonez foi mais glorioso do que o seu. Podemos dizer mais: —

nenhum reinado de soberano dos tempos modernos, sem distincção de paiz, igualou este em glorias, em brilhantismo, em triumpho, em vertiginoso avanço na senda do progresso. Para que se não alcunhe de exaggêro o que acabo de escrever, basta que formule aqui estas perguntas, ás quaes o leitor responderá, em consciencia: — Qual é o paiz que, n'um periodo de 45 annos, emerge do retrahimento absoluto, da absoluta cegueira em materia de evolução mundial, da absoluta insignificancia politica, para se elevar prodigiosamente pelo caminho das ideias modernas, educando-se em todas as sciencias, em todas as industrias, firmando o seu acrisolado patriotismo com duas guerras gigantes, gloriosas, cruzando as armas contra duas potencias enormes — a China e a Russia — collocando-se, finalmente, ao lado das primeiras potencias mundiaes? . . .

O imperador Mutsuhito, nascido e educado até aos 16 annos de idade para o exclusivo e mystico papel de imperador-deus, recluso, adorado, mas sem iniciativas proprias, adaptou-se admiravelmente ás circumstancias que se foram desenvolvendo com o tempo, provocando muitas d'ellas, preparando pela sua clarissima intelligencia a prosperidade do imperio. O mundo inteiro — não só o Japão — soube apreciar devidamente os meritos d'este grande soberano constitucional; a prova está no espontaneo sentimento de pezar e nas inequivocas provas de respeito que lhe prestou e lhe está prestando, desde o seu fallecimento.

Julgo interessante registrar n'este momento o eloquente resumo dos principaes acontecimentos da éra de Meiji, isto é, do reinado do imperador Mutsuhito:

1868 — Abolição do Shôgunato e restauração imperial.

1869 – Yedo passa a ser capital do imperio, sob o nome de Tôkyô; fim da resistencia do Shôgun.

1870 – Abertura de Tôkyô e de Niigata aos estrangeiros.

1871 – Abolição dos feudos dos daimyô e divisão do Japão em districtos.

1872 – Inauguração do caminho de ferro de Tôkyô a Yokohama; lei estabelecendo o recenseamento militar; primeira exposição nacional em Tôkyô.

1873 – Adopção do calendario gregoriano; revogação dos editos contra o christianismo; creação das escolas primarias.

1874 – Insurreição de Saga; expedição contra a Formosa.

1875 – O Japão cede á Russia os seus direitos sobre a ilha Saghalien (Karafuto), em troca das ilhas Kurilas.

1876 – Tratado com a Coréa; interdicção do uso de dois sabres; motins em Kumamoto e Haghi.

1877 – Insurreição de Satsuma.

1879 – Annexação das ilhas de Kyûkyû.

1881 – Promessa de uma constituição para 1890; organisação dos partidos politicos.

1883 – Primeiros *tramways;* creação do jornal oficial.

1884 – Creação de cinco titulos de nobreza.

1885 – Constituição do conselho de ministros; dez ministerios; primeiro gabinete Itô; fundação da Companhia de navegação Yusen-Kaisha.

1887 – O imperador toma posse do novo palacio, começado em 1882.

1888 – Creação de um conselho privado; ministerio Kuroda; erupção do Bandai-san.

1889 – Promulgação da constituição; assassinato do

visconde Mori, ministro de instrucção publica; interdicção do duello; ministerio Yamagata.

1890 – Primeira sessão do parlamento.

1891 – Incendio do senado e da camara; attentado de Tsuda Sanzô contra o czarewich em Otsu; ministerio Matsukata; grande terramoto em Mino, Owari, etc.; dissolução da camara.

1892 – Segundo ministerio Itô.

1894 – Guerra contra a China.

1895 – Tratado de Shimonoseki, ratificado em Chefu; intervenção da Russia, da França e da Allemanha; restituição á China da peninsula de Liao-tong.

1896 – Creação de uma administração em Formosa; segundo ministerio Matsukata.

1897 – Morte da imperatriz mãe; adopção do padrão da moeda de oiro; a Allemanha occupa Kiaochao e a Russia Porto-Arthur.

1898 – Terceiro ministerio Itô; revisão do Codigo Civil; ministerio Okuma; segundo ministerio Yamagata.

1899 – Entram em vigor os novos tratados; abertura do Japão aos estrangeiros.

1900 – Casamento do principe imperial; quarto ministerio Itô.

1901 – Ministerio Katsura.

1902 – Tratado de alliança com a Inglaterra.

1904 – Guerra com a Russia.

1905 – Novo tratado de alliança com a Inglaterra; paz de Portsmouth; motins em Tôkyô.

1906 – Ministerio Saionji.

O livro da estatistica que consulto, impresso ha seis annos, não vai mais além. Para completar muito por alto a lista dos principaes acontecimentos da era de Meiji, é indispensavel citar a recente renovação do tra-

tado de alliança com a Inglaterra e a incorporação no territorio japonez do imperio da Coréa.

— Os leitores d'estas correspondencias têem talvez vindo observando que os japonezes contam o tempo por periodos de grandeza variavel, chamados Nengô. Um só reinado pode abranger varios Nengô, correspondendo a diversas épocas notaveis, do que a historia nos dá exemplos abundantes; mas, por occasião da restauração imperial, foi decidido que cada reinado não contasse mais do que um só Nengô.

O reinado do imperador Mutsuhito foi chamado, com justo motivo, o Nengô de Meiji (do Brilhantismo). O reinado do imperador Yoshihito, que agora se inicia, passa a ser chamado o Nengô de Taishô (da Perfeita Justiça). Estamos pois no primeiro anno de Taishô.

Desejamos ao novo Nengô todas as prosperidades. Difficilmente, porém, poderemos conceber que a era de Taishô possa egualar a era de Meiji, ou sequer aproximar-se d'ella em esplendores. Uma nação não póde, seja ella embora o Japão, após tão grandes feitos, multiplicar, sem interrupção, as maravilhas. O phenomeno excederia em muito todos os exemplos da historia.

— O funeral do imperador Mutsuhito effectuar-se-ha, com grande pompa, nos dias 13, 14 e 15 d'este mez. O corpo será transportado de Tôkyô para Kyôto, em cuja visinhança, em Momoyama, foi erigido o monumento, a ultima morada do soberano.

— E que direi da China? A nova republica está atravessando um periodo difficilimo, avultando no numero dos

escolhos a falta de recursos monetarios e a cobiça mundial. O bom senso da nação, reconhecidamente superior, conseguirá salvar da desordem e do desmembramento a immensa patria? . . . É impossivel prevêr a successão dos factos.

XVII

15 de outubro de 1912

As homenagens funebres ao imperador Mutsuhito; o nome com que este fica na historia — O conde Noghi; as suas proezas e as suas ideias cavalheirosas; o que o supremo acto da sua vida representa — Duas palavras sobre a China; um dos seus grandes males; o reconhecimento da republica.

Os leitores terão tido sem duvida conhecimento, pelas noticias dos jornaes, de que as cerimonias funebres, consagradas ao imperador Mutsuhito, se realisaram com impressiva pompa nos dias 13, 14 e 15 do mez passado, sendo o corpo transportado de Tôkyô para o campo de Momoyama, cerca de Kyôto, onde se lhe deu sepultura n'um grandioso mausoléu. O local está ainda sendo visitado por uma multidão immensa de povo, chegado de todos os pontos do imperio, que vem prestar ao soberano idolatrado a sua ultima homenagem.

Como é sabido, muitas potencias occidentaes enviaram ao Japão os seus representantes, a fim de se encorporarem ao cortejo mortuario. Figuraram, entre outros, o principe Henrique, irmão do imperador da Allemanha, e um principe hespanhol, sobrinho do rei actual.

No Japão, a memoria dos mortos deixa de ser invocada pelos nomes que elles tiveram em vida. O impera-

dor Mutsuhito passou a ser conhecido na historia pelo nome Meiji-Tennô, o imperador Meiji; indo, por esta fórma, designar o imperador fallecido, e com indiscutivel justiça, a denominação Meiji (Brilhantismo) do periodo de 45 annos, do seu reinado, periodo por excellencia glorioso e deslumbrante.

— Tambem os leitores conhecem por certo o extraordinario acontecimento do suicidio do general conde Noghi, na sua residencia em Tôkyô, seguido do suicidio de sua esposa, Shizuko, que não quiz sobreviver-lhe; isto precisamente no momento em que o cortejo funebre sahia do palacio imperial. Noghi, seguindo o exemplo, como um *samurai* de velha tempera que era, de muitos guerreiros e servidores dos tempos idos, deu-se a morte pelo *harakiri,* rasgando com a espada as proprias entranhas, a fim de acompanhar o seu senhor, o seu soberano, no mysterio de além da campa...

As gloriosas proezas do general conde Noghi, ainda bem presentes na memoria de todos, tornam quasi superfluo o relembrar aqui quem foi este distinctissimo soldado, o primeiro vulto em evidencia, sem duvida alguma, do exercito do moderno Japão. Noghi foi, durante a recente guerra russo-japoneza, o commandante em chefe das forças de terra que cercaram e atacaram Porto-Arthur, a temivel fortaleza russa, julgada inexpugnavel. Ao cabo de uma porfiosa e terrivel lucta de cerca de oito mezes, Stoessel capitulava com Noghi, Porto-Arthur cahia nas mãos dos japonezes; assim se lavava a affronta que, uns dez annos antes, tres nações colligadas — a Russia, a Allemanha e a França, — haviam imposto ao imperio do Sol Nascente, obrigando-o a retroceder, á deixar Porto-Arthur á China, quando pelo direito da guerra

elle era seu... e isto para, passado pouco tempo, Porto-Arthur ser apropriado pelos russos...

Eis, pois, registrado em curtas linhas, quem foi o general Noghi e quaes os serviços que prestou ao seu paiz. Ultimamente, era membro do conselho superior militar e presidente da escola dos pares.

Nascera em 11 de novembro de 1849, na provincia de Chôshû, filho de um *samurai* distincto; ia, pois, completar 63 annos de idade. Era honestissimo, caridoso, beneficiando largamente, do seu bolso, as familias dos soldados japonezes, mortos em Porto-Arthur; recebendo fartos vencimentos, deixou de economias 1:000 yens (cerca de 500$000 réis). Era poeta; d'elle se guardam pequeninos poemas, ao puro gôsto japonez, cheios de encanto. Um biographo aponta-lhe as seguintes preferencias em suas distracções:—a esgrima e fallar com creanças;—fica assim definida, eloquentemente, a alma simples do soldado.

O suicidio de Noghi foi commentado, em geral, pela imprensa e pela opinião publica japonezas, como um acto de grande exemplo de lealdade ao soberano fallecido e de amor patriotico; e criticado, especialmente por europeus, como um desvario da loucura, sem razão justificavel e sem proveito para o Estado, que assim se vê privado de um dos seus mais distinctos servidores.

E' certo que Noghi, embebido de ideias cavalheirosas do feudalismo extincto, foi por ellas, em parte, arrastado ao suicidio, desfalcando por este modo a nação dos seus serviços, que poderiam ser ainda relevantes. Tambem, nos tempos passados, quando um senhor feudal desapparecia dos vivos, não raras vezes alguns dos seus vassallos devotados se davam a morte pelo *harakiri*, em homenagem ao defunto; e, mais remotamente na his-

toria, não morria soberano ou alto personagem da familia imperial, sem que se fizesse o sacrificio, voluntario ou forçado, de algumas vidas dos seus servos. Mas, para que melhor possamos explicar o acto de propria destruição do heroico soldado japonez, precisamos de invocar, embora de corrida, o drama estupendo que foi o cêrco e a tomada de Porto-Arthur, no qual Noghi evidentemente se destacou como o vulto dominante. D'aquelles oito mezes de peleja inexcedivelmente sangrenta, nenhum de nós, ausentes do scenario, póde conhecer o que alli se foi passando, de scenas medonhas de carnagem, de berros de arreganho, de gritos de agonisantes, de esgares de moribundos. Noghi, aquelle sim, viu tudo; e, para complemento da tragedia, alli perdeu os seus dois filhos, os unicos que tinha, combatendo pela patria e pelo seu soberano. Noghi, após, recolhia ao lar, coberto de loiros de victoria; mas alli, no lar deserto da familia, apenas uma mulher, a esposa, a mãe chorosa, lhe dava tragicamente as boas-vindas...

Na minha humilde opinião, os maiores vultos militares do Japão contemporaneo são o almirante Togo, na marinha, e o general Noghi, no exercito. Ambos presencearam coisas estupendas, realçadas pelas responsabilidades do commando. Mas Togo via as scenas do mar, que engulia os navios e as guarnições, amenisando assim os lances tragicos; emquanto que Noghi estava em terra, onde a carnificina mais medonha se mostrava.

Noghi, por tudo que viu, por tudo que sentiu, pela perda dos seus unicos filhos, afastou-se da humanidade commum, passou a ser um ente á parte, vivendo, certamente, noite e dia, sob o peso das estupendas recordações das batalhas. Em taes circumstancias, para que lhe servia a vida? Para nada. Deu cabo d'ella. E não vos

parece que um vulto de tal tempera e com taes experiencias morreu como devia morrer, e não de uma indigestão, ou de calculos nos rins, como qualquer simples mortal desapparece?

Em todo o caso e encarado por qualquer fórma o suicidio do grande general, o acto representa certamente um portentoso exemplo de civismo á moda japoneza, que servirá, nas gerações futuras, a manter palpitante isso a que nós poderemos chamar — o fanatismo patriotico, — mas ao qual o Japão deve todos os seus progressos e glorias, unicos na historia. Quanto ao suicidio de Shizuko, a esposa, devemos interpretal-o como um simples exemplo de amor conjugal, da mulher japoneza, dôce, humilde, dedicada, que segue voluntariamente o marido através dos seus destinos, incluindo o mais pavoroso de todos os destinos, o da morte...

Votêmos a nossa homenagem de respeito e de admiração a estes dois vultos que se foram.

Agora, duas palavras sobre a China.

Lá vai seguindo o seu arduo caminho, mysteriosamente, quasi em silencio, n'um processo de fermentação de forças, de reconstituição, de reintegração, que francamente nos escapa.

Um dos grandes males da China, incontestavelmente, é a falta de dinheiro, mola real de todos os grandes emprehendimentos mundiaes no periodo historico presente, que é o periodo do dinheiro, do dinheiro e do dinheiro!...

Seja como fôr, o governo chinez acaba de rejeitar categoricamente as instantes offertas do syndicato chamado das seis potencias, onde entrava muita cobiça, muita politica, com sobra de clausulas excessivamente humi-

lhantes para a dignidade da republica; e acceita os offerecimentos, mais modestos, de outros traficantes, independentes dos primeiros e sem compromissos politicos.

Os actos simultaneos do reconhecimento da republica pelas differentes potencias mundiaes estão ainda, por certo, muito longe. A republica chineza continúa sem situação legal no seio da familia das nações.

XVIII

15 de Novembro de 1912

Ainda a morte do general Noghi; considerações sobre esse facto. — Uma histerica? Discorre-se a proposito. — Uma velha historia. — Assumpto prático; as pautas aduaneiras do Japão.

A morte do general Noghi, que tanto impressionou e está ainda impressionando o povo japonez, e ainda mais, parece, o mundo occidental, onde o facto, pela completa ignorancia do que seja a alma japoneza, mais extraordinario parece, tambem produziu estranha impressão no pequenino mundo portuguez, a julgar pelas cartas intimas que tenho recebido.

Um amigo, sincero admirador de coisas japonezas, escreve-me: — "Leio nos jornaes o caso da morte do general Noghi. Que impressão deixa no nosso espirito occidental aquella resolução! Não a comprehendemos..."

Assim deve acontecer. O acto de destruição da propria vida que se inflingiu o heroe de Porto-Arthur só póde ser comprehendido por japonezes; se algum raro occidental logra colher do drama uma ligeira intuição, é porque estudou longamente nos livros a historia do Nip-

pon, é porque viu attentamente pelos seus olhos este extraordinario povo, é porque uma profunda sympathia o identificou, embora mui de leve, com esta gente japoneza.

Quando, ha cerca de vinte annos, uma rapariga japoneza, criada de servir, se matou em Kyôto, para remir de attribulações, por este sacrificio, o espirito do seu soberano, ferido na alma pelo assalto perpetrado contra um seu hospede, o principe imperial da Russia, tambem os europeus não comprehenderam este acto; uma dama ingleza, illustre auctora da ultima biographia de Lafcadio Hearn, chama — uma histerica — a essa rapariga. Quando, tambem ha poucos annos, morreu um filhinho a um negociante de Osaka, suicidando-se a seguir um garotito de doze annos que o servia, no intuito de continuar no outro mundo a servir a creancinha, tambem nenhum estranho comprehendeu o acto do garoto. Agora, é Noghi, e com elle mais alguns individuos, obscuros, dos quaes as chronicas não resam, que se matam, em seguida á morte do soberano.

Hysteria? Tudo histeria?... Talvez. Seja, pois, hysteria. Admittamos que é um estado morbido de exaltação nervosa que explica os suicidios que apontei e tantos exemplos de sacrificio de si proprio que nos accusam as paginas da historia japoneza. Mas, meus senhores: n'este mundo, tudo que sahe da vulgaridade corriqueira e que illustra os homens e as nações, como as luctas dos povos pela independencia, como as antigas descobertas (as nossas, por exemplo), como as grandes descobertas da sciencia, etc. se explica pelos grandes ideaes que sobresaltam os nossos nervos, que exaltam a nossa sentimentalidade, levando-nos a todos os arrojos, a todos os sacrificios.

Se, pois, nos escapa a verdadeira essencia da *hysteria* japoneza, é-nos licito glorifical-a, enumerando os seus effeitos. É da massa dos Noghi, e da criada de servir que se suicidou em Kyôto, e do garoto que se suictdou em Osaka, que são feitos os nipponicos. E' da subtilidade nervosa do seu temperamento que se formou esta nação-prodigio, ardendo em rutilancias patrioticas, em mysticas dedicações, que tanto tem avançado na senda dos progressos e que só por si soube alcançar, em cincoenta annos de esforços, a posição eminente que hoje occupa no seio das nações.

Mais uma vez, n'este logar, prestamos a expressão do nosso respeito e da nossa admiração á memoria do heroe de Porto-Arthur, cujo dramatico fim, que voluntariamente se impôz, é explicado por alguns dos seus compatriotas como um exemplo, que quiz dar, de desinteresse e de sacrificio, n'uma época critica, ameaçada de degenerescencia de raça e de perversão de costumes.

— Agora, uma velha historia commovente; é a historia da camponeza Hikeda-no-Akaiko; e data do seculo v da nossa era.

O imperador Yuraku vagueava um dia ao longo das margens pittorescas do rio Miwa, quando, á borda do rio, deu fé de uma formosa rapariga, que alli lavava roupa. Ficou encantado. Dirigindo-lhe a palavra, o imperador perguntou-lhe pelo nome; e advertiu-a que nunca se casasse, que esperasse a occasião de ser chamada á côrte imperial, onde elle a queria para si.

Hikeda-no-Akaiko, a humilde camponeza, fez a sua reverencia e acquiesceu; e o imperador, após o galanteio, retirou-se, continuando a vaguear por aquelles sitios.

E a humilde camponeza pôz-se a esperar a esperar, a

esperar que a chamassem á corte do soberano. Esperou tanto, que esperou até aos oitenta annos, em virginal candura de donzella, recusando varios casamentos vantajosos. Mas, tendo chegado áquella idade, curvada ao peso dos invernos e com os cabellos côr de neve, pareceu-lhe que não devia esperar mais tempo, dirigindo-se então ao palacio imperial, com alguns presentes para o soberano.

O imperador, que havia esquecido de toda a aventura, ficou surprezo e angustiado de remorsos, quando foi informado d'aquella estranha visitante. Encheu de afagos e benesses a decrepita amorosa, buscando assim consolal-a dos longos infortunios; do seu punho, dedicou-lhe uma poesia. Mas a velha a nada respondia, nada queria; chorava, chorava e nada mais ...

— Vamos agora a um assumpto prático.

E' interessante registrar que as actuaes pautas alfandegarias d'este imperio, caracteristicamente proteccionista da industria indigena, modificaram sensivelmente a corrente do trafego, em muitos artigos.

Dá-se isto, por exemplo, com a cortiça e seus productos. Presentemente, apenas a cortiça em pranchas, os residuos de cortiça e a cortiça ja usada entram no imperio livres de direitos de importação; os outros artigos de cortiça pagam direitos pesados.

Creou-se assim, n'este paiz onde não medra um só sobreiro, a industria das rolhas, que já hoje se fabricam, com notavel perfeição, em Tôkyô, em Osaka e porventura n'outros pontos. Já hoje raras rolhas se importam aqui; as encommendas, que avultam, são para pranchas de cortiça especialmente.

A noticia poderá acaso interessar os productores por-

tuguezes dos artigos citados, embora — caiba a culpa a quem toque — ainda nem iniciado se encontre um commercio regular de exportação directa de cortiças portuguezas para os portos do Japão, onde, no entretanto, as cortiças encontram um rasoavel mercado.

XIX

9 de dezembro de 1912

O calor, que occasionou a interrupção d'estas cartas; até O'-Toki San rapa as sobrancelhas á navalha; regresso á faina; as peripécias occorridas durante aquella interrupção: o que se está passando na China; o travão que se oppõe á sua civilisação; entra em scena uma outra China — A maneira como o imperador do Japão passa o estio; o que elle pensa sobre o luxo; os seus repastos e a sua distracção com o canto dos insectos — Os bichos que fallam; um morcego finorio mystifica uma doninha e um rato.

TANTO calor! tanto calor!...

A exclamação parecerá disparatada, por estes tempos que correm, quando o frio já aperta e nos regela em certas horas. Mas eu reporto-me ao passado. Estava tanto calor por esse julho fóra, por esse agosto fóra, por esse setembro fóra; quando eu me decidia a ir cortar rente, á escovinha, o meu cabello; e quando a minha visinha do lado, O'-Toki San, se decidia a rapar á navalha as sobrancelhas!...

Tanto calor! tanto calor!... vai d'ahi, a temperatura suffocante prostrou-me em longo lethargo. Passei mezes n'uma absoluta incompetencia para tudo; do que resul-

tou — só agora os leitores dão fé do caso! — larga interrupção nas minhas habituaes correspondencias.

Volto hoje á faina... em que pese áquelles que se dão ao trabalho de me lêr.

O periodo do meu descanso litterario — uns quatro ou cinco mezes — foi farto em peripécias; umas pertinho, aqui ao pé da porta; outras distantes, alheias, em apparencia, á missão de que me incumbo; mas que — mercê das liberdades de palestra a que me dou — bem poderiam prestar-se, mesmo n'este logar, a commentarios.

Tivemos Marrocos em primeiro logar. Depois tivemos e temos ainda Tripoli e o que quer que é lá pela Persia. Assumptos irmãos, incluidos na mesma ordem de phenomenos: — a cubiça indomavel do branco, a caça ao torrão alheio, quando os povos, legitimos senhores, se mostram indefesos; — o episodio de Tripoli ainda aggravado pelas preces christãs em favor da gloria final dos italianos, quando me está parecendo que á religião de Christo — o bom, o igualitario, — não caberia glorificar chacinas, seja qual fôr o crédo dos esmagados...

A seguir a Marrocos e a Tripoli, vem o drama chinez, excedendo muito em magnitude os dois dramas africanos. O que se vai passando agora na China pouco impressiona ou nada, quer-me parecer, a grande massa europeia, com excepção de uma meia duzia de politicos, de uma meia duzia de traficantes e de uma meia duzia de curiosos. E pouco impressiona ou nada, porque o drama se desenrola n'uma região longinqua, não affectando, de momento, os interesses europeus. Para mais, são os asiaticos que se debatem; e o branco é sufficientemente orgulhoso de si mesmo para não prestar nem olhos nem ouvidos a uma contenda de amarellos...

Mas, no fim de contas, o que é que se está passando

pela China? A China acorda, como já se ia dizendo ha algum tempo. A China, surprehendida pelo assombroso desenvolvimento do Japão, seu visinho; adquirindo, por outro lado, conhecimento dos grandes problemas mundiaes, mercê da navegação rapida, dos caminhos de ferro, do telegrapho, da imprensa; finalmente, havendo já educado muitos dos seus filhos no Japão, na America, na Europa, os quaes regressam á patria com vastos conhecimentos das coisas e dos homens e embebidos de ideias progressistas; a China estremece agora, envergonhada da sua catalepsia muitas vezes secular, envergonhada da sua insignificancia perante a familia das nações, envergonhada de tantos vexames, soffridos em silencio. A China acorda e quer tambem ser grande, como as grandes potencias do Occidente, ella, que é, pela sua enorme superficie e pela sua enorme população, o maior imperio do mundo. Mas precisa engrandecer-se pelos seus feitos, pelos seus progressos, pela orientação moderna das suas forças latentes, dirigidas para um fim patriotico, de maneira a saber conter em respeito as cobiças de estranhos e elevar-se á altura de sua capacidade e seus recursos. Para realisar similhantes ambições, a China precisa de muitas coisas que não tem; precisa, sobretudo, conforme a Historia lhe suggere, de uma poderosissima marinha e de um poderosissimo exercito, que são, nos tempos que correm, os argumentos por excellencia em todas as altas questões em que a humanidade barafusta. Coisa curiosa: a China, chegada a um grau de civilisação muito superior ao nosso e a um sentimento pacifista que nós estamos ainda muito longe de attingir, tem de retrogradar, de rebarbarisar-se em parte, para poder entrar em competencias com a familia occidental.

Ora, existe presentemente um tremendo travão, que se oppõe á civilisação da China, á nossa moda; é a sua propria organisação social, constituida em obediencia a principios éthicos, remotissimos, incompativeis com a arrogancia dos Estados modernamente constituidos. O sustentaculo da actual organisação chineza é, muito naturalmente, a dynastia reinante. Por isto os chinezes se revoltam e arremettem contra a dynastia; cada provincia declara a sua independencia; planeia-se, parece, uma republica federal.

A conservativa China transformada n'uma republica federal!... Vai depressa a China, na verdade. Quem a adivinharia capaz, ha apenas uns vinte ou quinze annos, de tão surprehendentes arrojos? Ninguem. A evolução social dos povos, que, nos tempos idos, carecia de longos seculos no trabalho da transformação dos costumes, manifesta-se hoje por saltos, em maravilhosas metamorphoses. A emotividade humana está-se mostrando bem á altura dos progressos que a electricidade e outras forças naturaes téem alcançado n'estes ultimos tempos, no campo das actividades práticas.

E' cêdo, muito cêdo, para ajuizar do que vai succeder á China, levada pela corrente da revolta. O futuro nos reserva grandes surprezas, a nós, dentro em pouco, e muitas mais ás gerações vindouras. O que podemos desde já ter por seguro é que a China mysteriosa e conservativa de que nos fallaram até hoje, governada pela vontade omnipotente do *Filho do Céu,* cessou de existir, cahiu desfeita em cinzas, queimada pelas chammas da Ideia Nova!... Entra em scena uma outra China, inexperiente e hesitante por agora, mas sedenta de aprender, palpitante de ambições modernas, embriagada em ideaes tremendos!... O inteiro mundo occidental terá um dia

de medir-se com esta nova China, ou, fallando com mais propriedade, com a nova Asia que se fórma.

— Não se me affigura coisa banal o transcrever n'este logar, de um jornal japonez bem informado, o *Nichi-Nichi* (Dia a Dia), algumas informações sobre a maneira como o imperador do Japão passa a quadra do estio.

O conforto das sombras do parque do palacio e outros meios que tornem fresco o ambiente, não o tentam. No seu gabinete de trabalho, o imperador é visto com mechanica precisão a certas horas do dia, vestindo o uniforme militar; inconfortavel muito embora, o imperador prefere-o a outro trajo, quando em serviço na alta missão que desempenha.

Um dos seus camaristas suscitou ha pouco a conveniencia de collocar um ventilador electrico no gabinete do soberano; este retorquiu-lhe:

— «Nenhuma d'estas coisas de luxo para mim».

Pensou-se em trazer pedaços de gêlo, que refrescassem a temperatura do aposento; S. M. desprezou a invenção, recommendando ao camarista que se occupasse de coisas mais proficuas.

Com referencia aos seus repastos ordinarios, são elles muito simples. Pela manhã, um pouco de arroz e leite. Ao lanche e ao jantar, concorrem pratos da cosinha europeia e da cosinha japoneza. O pargo, a truta, a carpa, a enguia, o congro, são os seus acepipes favoritos. Vacca, aves, carneiro, téem entrada, acompanhados de puro *saké* (vinho de arroz), vindo de Nara. Os vegetaes servem-se sempre muito frescos e escolhidos com esmero; muitas vezes são trazidos do jardim horticola de Shinjiku, que o proprio imperador instituiu. Rebentos de bambu e outros productos da estação são frequentemente procura-

dos n'um conhecido vendedor que fica em Kanda, que é um dos bairros de Tôkyô, a capital e ordinaria residencia do soberano. Como bebida, depois do *saké,* o vinho branco, francez, é preferido. A refeição termina por um *sponge cake,* pecegos e sorvetes.

Pela tarde, S. M. toma um banho quente; em seguida, passeia no jardim, distrahindo-se com o canto dos insectos, muitos dos quaes são colhidos e lhe são offerecidos pelos netos. E o jornal japonez conclue por estas palavras:—«O soberano é um modêlo de simplicidade, um bom esposo e um pai amante.»

—Agora, para terminar, um poucochinho de litteratura sobre o meu assumpto favorito—os bichos que fallam,—os quaes, com excepção do homem e talvez do papagaio, são os exemplares mais interessantes e mais dignos de estima, da inteira fauna universal.

Um morcego enreda-se nos fios telegraphicos, ao longo de uma estrada; cahindo no sólo, atrapalhado. Vai então uma doninha, que por alli estava, avança, apanha-o e dispõe-se a devoral-o.

Tagarella a doninha:—Oh, que pechincha!... E' o meu acepipe favorito, um morcego!...»

Replica o misero:—«Mas vossa senhoria está equivocado. Eu não sou um morcego, sou um rato. Não vê pelas orelhas?...»—E o estratagema valeu-lhe a liberdade.

Pouco após, um novo contratempo lança o morcego ainda por terra. Salta-lhe agora um rato.

E exclama o rato:—«Oh, que pechincha!... E' o meu acepipe favorito, um morcego!...»

Volve-lhe então o pobre:—«Mas vossa senhoria está equivocado. Eu não sou um morcego, sou um pardal.

Não reconhece pelas azas?... » O estratagema valeu-lhe ainda a liberdade.

Não vos parece que os morcegos, no Japão, são deliciosamente finorios quando se trata da defeza da preciosa pelle?... »

XX

20 de dezembro de 1912

Falla-se do Japão para não perder antigos habitos; casos curiosos de um artigo de critica; interessantes commentarios a proposito de europeus. — As coisas pela China. — A' ultima hora.

ANTES que termine o anno, rabisco algumas linhas do Japão. Francamente, pouco ou nada irão ellas interessar os leitores do *Commercio do Porto,* no momento presente, quando o espirito europeu se encontra impressionado pelo drama dos Balkans — para não fallar em outras coisas — drama, em que um grupo de Estados pequeninos se atarefa, sem duvida, em beneficio de outro grupo de Estados muito grandes, em dar cabo da Turquia.

Mas, vamos sempre fallando do Japão, para não perdermos velhos habitos.

Em assumpto de politica interna, teem-se dado aqui casos curiosos.

Cahiu o ministerio Saionji, porque o mesmo ministerio não approvou, em peso, por medida economica, o augmento de duas divisões militares, proposto pelo ministro da pasta respectiva. Este pediu logo a sua exone-

ração; e o ministerio, não encontrando outro general (a pasta de ministro da guerra é sempre entregue a um general) que substituisse o exonerado e se conformasse ás vistas do governo — tal é o espirito de classe no exercito japonez!... — viu-se forçado a tambem demissionar-se, gozando, embora, da estima e da confiança da nação. Ha longos dias que as coisas continuam n'este pé, sem ser possivel organisar-se um novo ministerio que queira arcar com as grandes responsabilidades do momento.

— N'um novo *magazine* de Tôkiô, o *Gitsu ghetsu,* (o Sol e a Lua), *Kwazan* publicou ha pouco um interessante artigo de critica, onde compara o Japão com a America. Do artigo, que appareceu em parte traduzido em inglez no *Japan Chronicle,* transcrevo algumas considerações curiosas.

"Podem citar-se muitos simples exemplos, que explicam as notaveis differenças na vida social dos dois paizes. No Japão, está em costume trocarem-se presentes entre as familias, não entre os membros das familias; na America, pelo contrario, os presentes são enviados a um determinado membro da familia.

Tem a gente de atravessar toda a America, para então plenamente se convencer de que a familia é a unidade social do Japão. Eu ouvi contar que o snr. Nishi, que é o genro do defunto principe Ito, tinha por habito, quando empregado no ministerio dos negocios estrangeiros, de visitar a residencia do principe e de presentear individualmente os diversos membros da familia, á moda do Occidente.

Enviando taes presentes, o snr. Nishi tomava especial cuidado em excluir a menina Takeda (actualmente sua esposa e filha segunda do principe). O barão Suyema-

tsu, que já então era casado com a primeira filha do principe Ito, percebeu, com a sua caracteristica perspicacia, que o snr. Nishi se achava apaixonado pela joven dama; concorrendo muito, pela sua parte, para que se realisasse o feliz enlace. Ora, em uma communidade como o Japão, onde a familia é a unidade social e o chefe da familia conta para alguma coisa, uma pessoa não póde ir direito ao seu fim, em objecto de amor ou affeição; tendo necessariamente de attingil-o por meio de rodeios. Nenhum americano offereceria exemplo similhante; elle avançaria directamente ao seu intento, sem mesmo levemente se importar com o que diriam de si os diversos membros da familia; e elle teria absoluta razão de assim proceder, sob um ponto de vista americano.

— Continúa *Kwazan:*

"A America é decididamente o paiz do culto da mulher, emquanto que o Japão é o paiz do culto do homem".

E diz mais:

"Na America existem fixos preceitos de etiqueta, que indicam o lado da rua que deve seguir o cavalheiro quando acompanhe uma dama, ou duas damas, etc. No Japão, nada d'isso. Por exemplo, um amigo do articulista nomeado chega a casa d'este ultimo e pergunta abruptamente, antes dos cumprimentos usuaes: — "onde está minha mulher?" — Após o espanto e dadas explicações do facto, chega-se á conclusão de que o casal tomára um carro electrico, no intuito de ir fazer uma visita a casa de *Kwazan.* O carro, como de costume, ia cheio de povo. Em momento opportuno, o marido apeia-se e segue ao seu destino, na persuação de que a esposa o acompanha. Ella, porém, embaraçada com a chusma,

não consegue apear-se ao mesmo tempo, só conseguindo apear-se n'uma estação mais adiante; chega assim meia hora mais tarde do que o esposo, que já começava a inquietar-se a seu respeito. Na America, similhante incidente, era impossivel; as mulheres apeiam-se primeiro do que os homens; ou, quando se dá o inverso, é para estes estenderem mãos protectoras ás damas que acompanham».

— Escutemos agora os interessantes commentarios que um japonez, "japonez cosmopolita», escreve na *Oriental Review*, a proposito de europeus:

"... Permitta-se-me, de passagem, referir-me uma vez mais ao uso occidental das cadeiras e assentos, em vez do uso japonez de se pôr a gente de joelhos. Os japonezes teem sido acostumados a fazer uso dos bancos em casas de refrescos ao longo das estradas e outros repoisos ao ar livre; mas a palavra *suwaru* — assentar-se — é exclusivamente applicada ao modo de sentar-se a gente á japoneza, emquanto que o pseudo *suwaru* — assentar-se a gente á europeia — foi designado por *koski wo kakeru* — dependurar as costas. — Ainda hoje, quando já a architectura e a mobilia occidentaes são adoptadas, até uma certa medida, por funccionarios publicos e outras pessoas de alta classe, o europeu ou o americano que visite um japonez póde estar certo de ser convidado a "dignar-se dependurar as suas nobres costas»; a menos que o visitante não prefira ser recebido no aposento indigena, de fofas esteiras, limpo de mobilia.

Quando nós, pela primeira vez, notámos a maneira, differente da nossa, dos estrangeiros se sentarem, uma natural explicação do caso se offereceu ao nosso espirito. O gado é conservado nos nossos campos unicamente

como animaes de carga; e jámais alguem pensou em nutrir-se da sua carne, com excepção dos *eta,* que são consideradas pessoas impuras, por negociarem em coiros, aproveitaram-se de animaes mortos e alimentarem-se com carnes.

Por taes motivos, os homens do Occidente, grandes apreciadores de carnes, incorreram, conforme as vistas japonezas, na cólera dos deuses do Japão, que lhes deram joelhos inflexiveis, para assim os privarem de se assentarem decentemente, como os puros filhos da terra do Nippon.

— As coisas, pela China, proseguem com uma placidez extraordinaria e quasi assustadora. Chega-nos apenas, de quando em quando, a noticia de algum disturbio de soldados, seguido de saque á propriedade dos pacificos cidadãos; mas isso pouco conta, em tamanha vastidão de territorio.

O governo entretem-se em legislar sobre o vestuario das mulheres, impondo o uso da saia em vez das calças em certos actos de cerimonia; com que as mulheres se revoltam, a meu vêr com razão, declarando que o vestuario deve ser cortado ao seu prazer, e não ao do governo.

No entretanto, a Russia cuida de lançar a garra protectora sobre a Mongolia; a Inglaterra accusa vistas suspeitas sobre o Tibet; diz-se o mesmo do Japão, com referencia á provincia da Manchuria; e, por agora, Estado algum pensa em reconhecer como legal o advento da republica chineza. Dinheiro, não ha nos cofres da republica.

Parece, pois, que a paz da China póde dar muito que pensar. Quem nos assegura que um fogo latente, des-

conhecido, não irá, breve, produzir a explosão? . . . No entretanto, pelo que exclusivamente se refira ás relações futuras das differentes potencias com a China, convém notar que surge um factor até agora ignorado — o patriotismo chinez — ao qual hoje com razão se presta culto e vai mantendo em respeito as multiplices cobiças mundiaes.

O patriotismo chinez poderá fazer muito. É n'elle que confiam todos aquelles que desejam que surja uma China regenerada, poderosa, nobre, digna das suas gloriosas tradições, do seu passado de vastissima civilisação asiatica.

— Á ultima hora, parece estar em via de solução o problema da creação de um novo ministerio, que substitua o ministerio Saionji, demissionado. O principe Katsura foi encarregado pelo imperador de constituir um novo gabinete.

XXI

28 de dezembro de 1912

O momento critico que atravessa a China; novas referencias ácerca d'esse vasto paiz; um phenomeno que se produziu repentinamente; a falta de iniciativas; receios das potencias; affirma-se que o imperio chinez, tal como era, cahiu por terra — Um homem de lettras do Japão; a sua historia; uma anecdota emocionante — Um jogador de sabre nos tempos do feudalismo japonez; um incidente interessante, que teve benefica influencia nos tempos de então.

VAI acabar o anno, n'um momento immensamente critico para o imperio chinez, critico para todo o Extremo Oriente, critico talvez para o mundo inteiro.

Ao que se passa na China, de que os jornaes nos vão dando noticias successivas e de que eu já levemente dei resenha na minha anterior correspondencia, vou ainda agora referir-me. Ainda levemente, muito levemente; a questão é de tão magna importancia e de tão complicado enredo, que, quaesquer considerações que se fizessem sobre o assumpto, reclamariam o espaço de livros volumosos; de sorte que, naturalmente, tenho de ser mui resumido.

Rebentou a revolta, feriram-se já duros combates, derramou-se já muito sangue. As provincias, na sua grande maioria, declararam-se independentes do governo cen-

tral. Predomina, entre os vultos importantes, a ideia de transformar a China n'uma republica federal. Em Pekin, o regente abdicou das suas funcções; o imperador infante passou ás mãos de outros tutores.

Os factos succederam-se com extraordinaria rapidez. Chegou-se a esperar um desfecho immediato, maravilhoso, parecendo que tudo se dispunha para firmar a gloria final dos revoltosos.

No entretanto, deu-se o phenomeno de haverem os ardores esfriado de repente. Vão succedendo-se as semanas, sem quasi um incidente se registrar. Agora, á sombra da paz de um armisticio, os dois partidos, conservador e avançado, enviam delegados seus para Shanghae, onde elles vão discutir os meios de um accordo á custa de mutuas concessões e a remodelação politica da China, no intuito de fazerem entrar o paiz n'uma vida normal, se tanto fôr possivel.

Estes ultimos acontecimentos, isto é, o resfriamento nos ardores bellicos e o desejo, por parte dos dois partidos, de entrarem na via das conciliações, explicam-se, como já apontei anteriormente, pela falta de dinheiro das facções em campo, pela falta de soldados capazes, pela falta de cabeças dirigentes, pela falta de espirito aggressivo dos chinezes. Quanto ás causas que originaram o primeiro impulso de revolta, são ellas de bem mais difficil explicação; devem, porém, incluir-se no seu numero a impopularidade e a incompetencia do regente, a miseria crescente das massas, a educação moderna de muitos jovens, a interferencia cada vez mais cubiçosa das grandes potencias estrangeiras e, finalmente, a visinhança do Japão, progredindo gloriosamente no caminho dos seus ideaes.

A falta de iniciativas, que se observa nos dois lados,

induz á hypothese de uma prolongada discordia, que levaria fatalmente a China inteira á desordem, á anarchia. Imaginem-se 450 milhões de individuos, em estado de anarchia... que horror! que calamidade!... E' isto que alvoroça a inteira familia das nações. O commercio da Europa, da America e do Japão, com a China, já vem soffrendo muito em seus interesses. Mas taes perdas pódem ainda subir muito em importancia, e surgirem perdas ainda de outra ordem, que compliquem enormemente o equilibrio mundial.

A's grandes potencias não falta, certamente, o desejo de levarem já a effeito uma intervenção armada, que contenha a China emquanto é tempo, que estabeleça a ordem onde hoje reina a desordem, que prepare o terreno para o exercicio das altas ambições, que essas mesmas potencias véem nutrindo. Mas são justamente estas mesmas ambições que as contéem inactivas; pois são tantas, de tal ordem, em tão intenso conflicto umas com as outras, que as invejas poderiam explodir e transformar-se n'uma contenda universal.

As potencias receiam tambem da propria China. A intervenção estrangeira, se se dér, virá exaltar até ao paroxismo os odios latentes do chinez contra o europeu. O que resultará de taes odios? Resultarão muitos males; e a mais benevolente consequencia será, por certo, o *boycott* chinez ao commercio com alguma potencia que mais se salientar em arrogancias, *boycott* que constituirá por si só uma *guerra pacifica* das mais tristes consequencias economicas para a nação que fôr *marcada.*

Não percamos tempo em simples conjecturas. Nada se sabe e nada se presume. Os delegados provinciaes encontram-se n'este momento em conferencia na cidade de Shanghae, discutindo os meios de instituirem na

China um governo regular; as potencias estrangeiras reforçam apenas, em Pekin, as guardas das suas legações. O imperio, tal como se sustentou até agora, cahiu por terra. Permanecerá ainda a actual dynastia dos Manchus, mas sob o novo aspecto de uma monarchia liberal? Surgirá a republica? E depois?... Depois, porque o drama promette um longo desdobramento de surprezas.

—Hanawa Hokŭchi, célebre homem de lettras e professor japonez, nasceu em 1746 e falleceu em 1821.

A sua tocante historia não encontra talvez parallelo na historia litteraria de todo o mundo culto. Aos sete annos de idade, cegava. Orphão de pai e de mãe pouco depois, um bonzo tomou conta do rapaz. Enviado a Yedo (hoje Tôkyô), cuidou-se de ensinar-lhe a musica, depois a arte de maçagem; mas o mocinho não mostrou aptidão alguma para estes dois misteres, os quaes, aliás, muitos cegos praticam com mestria.

No entretanto, a prodigiosa memoria de Hokŭchi começou a attrahir a attenção de quem o conhecia. Finalmente, auxiliado por amigos, conseguiu dedicar-se ao estudo dos classicos, tornando-se distinctissimo no genero. Deve-se-lhe, entre varias obras, uma de 2:820 volumes—a mais volumosa obra até hoje publicada no Japão,—consistindo de muitos antigos documentos, systematicamente colleccionados. Foi elle tambem o fundador de uma escola de litteratura japoneza, sendo muitos os discipulos que escutaram, com largo aproveitamento, a sua judiciosa critica e erudição incomparavel.

Conta-se de Hokŭchi uma anecdota emocionante, que dá vontade de rir... ou de chorar; como quizerem.

Certa noite, encontrava-se elle, rodeado de estu-

dantes, discorrendo sobre a muito notavel novella classica *Ghsnji Monogatari.* Uma unica lampada alumiava o aposento.

No melhor da palestra, eis que, pela janella escancarada, entra uma rajada de vento e apaga a luz. Hoküchi prosegue no assumpto, sem dar fé do incidente. Mas são os estudantes que se encontram em embaraço, não podendo proseguir na leitura da novella nem tomar os apontamentos requeridos; resolvem-se a pedir ao mestre para parar por alguns instantes.

Indaga Hoküchi: — «O que é que aconteceu?»

Responde-lhe um: — «Foi uma rajada de vento que soprou e apagou a nossa luz. Faça favor de pausar por um momento, até se accender de novo a lampada.»

A face do professor animou-se de um sorriso. E, condescendendo, observou: — «Prova isto a inconveniencia de defender a gente os seus olhos; quando a lampada se apaga, ficaes cegos de todo e inuteis para tudo; quanto a mim, tenho a fortuna de nunca soffrer com tal revés...»

— Tsukuhara Bokuden foi, nos tempos do feudalismo japonez, um dos primeiros jogadores de sabre, com fama em todo o imperio.

Conta-se, a seu respeito, um incidente interessante.

Certo dia, indo em jornada, metteu-se Bokuden n'um barco de passagem, no lago Biwa, para alcançar um certo ponto.

Cheio de passageiros ia o barco; gente das aldeias visinhas, camponezes; e, entre elles, um joven *samurai* (guerreiro), empertigado, com gestos de pimpão.

Ora, aconteceu que um camponez, inadvertidamente, deu com o corpo um safanão na ponta do sabre do guerreiro. Este enfureceu-se logo, tomando a coisa por in-

sulto; e declarou que exigia a morte do culpado, como reparação d'aquella offensa. De balde o misero camponio se humilha e se desculpa. O *samurai* a nada attende; e, já com a mão nos copos, ia sacando o sabre da baínha. Em tal altura do episodio, Bokuden não pôde conter a indignação; voltando-se para o arrogante companheiro de viagem, observou-lhe a injustiça de procedimento tão grosseiro contra um indefeso aldeão, que nenhum crime praticára.

Ah, é assim?... O pimpão quasi esquece a supposta irreverencia do camponio, para voltar-se enraivecido contra aquelle improvisado defensor. E' com Bokuden que elle agora quer medir-se, alli mesmo, no barco, sem demora. Bokuden acceita o duello... nem lhe fôra possivel recusal-o; mas pondera que vale a pena esperar que o barco alcance a terra, para não molestar os companheiros. O *samurai* a custo annue; no entretanto, entretem-se a preparar o seu arsenal de carniceiro e vai resmungando vituperios.

Brada o atrevido: — «De que escola de esgrima é você? Eu sou da «Escola Invencivel» *(Motekiriu).*»

Responde Bokuden: — «Pois eu sou da escola de esgrima que esgrime sem o sabre...» — A phrase, por ironica, tão vivamente exasperou o espadachim, que resolveu não esperar mais tempo, ordenando aos remadores que dirigissem o barco á terra mais visinha. A terra mais visinha era uma ilhota, ou antes um rochedo emergindo das aguas, deserto, desabrído. O barco a elle se encosta. Salta lépido o guerreiro, acenando a Bokuden que siga atraz. Toda a gente, no barco, começa tremendo de pavor. Porém, Bokuden, serenamente, empunha uma longa vara de bambu que encontrou sobre o convés, finca uma ponta sobre a praia, impelle o barco para fóra, para o

largo, indicando aos remadores que levem o barco ao seu destino.

Sósinho sobre o rochedo insolito, do qual o barco se afasta pouco a pouco, braceja e berra o *samurai* como um possesso, reconhecendo o lôgro de que é victima e imaginando já o desconforto das longas horas, talvez dos longos dias, passados n'aquelle triste poiso. Por seu turno, Bokuden vai explicando tranquillamente aos seus companheiros de viagem que, como com antecipação annunciára, vencera o inimigo sem esgrimir com o sabre. O sabre, continúa elle, é uma nobre arma, quando usado em tempo requerido; notando, todavia, que mais distinctos são, porém, os feitos do guerreiro, quando logra evitar scenas de sangue.

O caso divulgou-se, chegando até aos ouvidos dos innumeros discipulos do famoso Bokuden; e teve benefica influencia nos costumes de então, pois muitos guerreiros, procurando imitar o mestre, cuidaram de substituir, sempre que possivel era, o argumento da lamina homicida por argumentos mais benevolos.

XXII

28 de janeiro de 1913

O anno de 1912 no Japão; referencias a acontecimentos d'esse anno; os triumphos militares do imperio; considerações a proposito. — Commentarios interessantes sobre o caracter nacional d'aquelle paiz.

Como é esta a minha primeira correspondencia do anno de 1913, convém lembrar aqui que os jornaes publicados no Japão, tanto indigenas como estrangeiros, commentaram com largas considerações, como de justiça, o fim do anno de 1912, que ficará longamente memorado do imperio, pelo triste acontecimento historico occorrido — a morte do soberano.

Morreu o monarcha, o imperador Mutsuhito; e, com o seu desapparecimento, teve natural termo o brilhantissimo periodo de Meiji, que durou 45 annos, que marca uma época de enormes progressos, no sentido do desenvolvimento moderno da nação, sem parallelo na historia mundial.

Foi no inicio da éra de Meiji que o Japão abriu as suas portas aos estrangeiros, aos homens da raça branca. Nos annos que se seguiram, o espirito de iniciativa dos grandes estadistas japonezes caracterisa-se principalmente pelo afan de adaptarem á vida nacional os processos da

civilisação do Occidente, na administração, no exercito, na marinha, na sciencia, em tudo. Sabe-se a que prodigiosos resultados levaram taes esforços.

Finalmente, em duas guerras gloriosas, primeiramente com a China, depois com a Russia, o Japão deixa estupefacto o Occidente, firmando então os seus direitos a ser considerado como uma grande potencia, palpitante de patriotismo, de arrojo, de aspirações.

Ora, ha poucos dias, um importante jornal inglez de Kobe, *The Japan Chronicle,* fazendo tambem, por conta propria, a critica do anno de 1912 e da inteira éra de Meiji, era especialmente a este assumpto, — os triumphos militares do Japão e o prodigioso engrandecimento dos seus recursos de combate, — que votava detida apreciação; e, pondo-se do lado da paz e das actividades agricolas e industriaes da familia humana, insistia sobre o alto desenvolvimento da riqueza publica a que o imperio japonez teria hoje chegado, se não houvesse dispendido o melhor das suas energias e o melhor do seu dinheiro no culto da guerra e no enorme augmento dos armamentos.

O modesto auctor d'esta correspondencia para leitores portuguezes, julga dever fazer um ligeiro reparo ás considerações citadas. E' certo que o Japão, n'estas ultimas duas décadas da éra de Meiji, tem sacrificado muito pelo seu exercito e pela sua marinha e desenvolvido na guerra a principal dóse de energias. Por isto se encontra pobre, cheio de dividas; e não será tão cêdo que o paiz possa entrar n'uma existencia normal, productiva, florescente.

Sim, as duas guerras esmagaram os vencidos, como era natural; e, como tambem era natural, esmagaram os vencedores. Mas eram inevitaveis. Se o Japão não cuidasse, á custa de immensos sacrificios, de se impôr primeira-

mente á China e seguidamente á Russia, e de eliminar da Coréa qualquer influencia estranha; se não cuidasse mais tarde de apoderar-se do solo coreano, tão cobiçado por varios; então a Coréa seria hoje, não independente, mas a simples colonia de outro Estado poderoso, provavelmente europeu; e o Japão, com tão perigoso visinho ás suas portas, fosse elle qual fosse, teria de curvar-se á vontade dos brancos, de prescindir de exercer a sua hegemonia n'um vasto campo que, pela fatalidade das condições geographicas e raciaes, se offerece como o campo natural da sua expansão e dos seus progressos. Na sua politica aggressiva, d'estes ultimos annos, que o tornou pobre, o imperio japonez deu provas da mais alta comprehensão dos seus destinos.

Logicamente, o Dai Nippon, impellido pelas circumstancias creadas pela situação politica que attingiu, partilha hoje, com todas as nações do Occidente, da desenfreada loucura da expansão dos armamentos; assim consome, anno a anno, o melhor dos seus recursos monetarios, na acquisição esteril de navios e no desenvolvimento do exercito, com grave prejuizo de outros ramos das energias nacionaes — agricultura, industria, commercio, etc. — que conviria proteger com mais carinho. Deveria acaso deter-se e mudar o seu proposito? Não, porque, desprovido de meios de ataque e de defeza, saltava-lhe a America, ou a Russia, ou não sei que outra potencia. O problema dos armamentos apresenta-se complicadissimo; não é para aqui tratar-se; digamos apenas que vai definhando todas as actividades productivas das nações, alastrando a miseria mundial, sem se prever sequer como dar-lhe remedio ou qual seja a solução calamitosa que o futuro nos reserva. Em todo o caso, não compete por certo ao Japão, n'esta época de

grandes cobiças que atravessamos, o tomar a iniciativa, por si só, de um movimento pacifista, diminuindo os seus meios de defeza; tem, pelo contrario, de cuidar a todo o custo de augmental-os, para assim se impôr ao respeito mundial pela unica logica dos tempos: a força.

O começo do anno de 1913, que marca propriamente o inicio da éra de Taishô, que succede á éra de Meiji, pouco indica, em materia de predições, sobre qual seja o aspecto das manifestações futuras do imperio japonez. Devemos, comtudo, imaginar esta nova éra menos brilhante do que a precedente, mais cautelosa, mais impregnada de utilitarismo, mais prosaica. O Japão irá perdendo dia a dia a feição caracteristica dos seus aspectos, dos seus costumes — lamentem-no os devotos da graça, os devotos da arte; — *occidentalisando-se*, pelo menos em apparencia. Varios problemas sociaes, importados de longe, agitarão as massas. Mas permanecerá intacta a alma japoneza; d'ella deve esperar-se ainda muito, mesmo em beneficio da humanidade inteira.

— Transcrevo alguns interessantes commentarios, escriptos por notaveis publicistas japonezes, da época corrente, sobre o caracter nacional.

Diz o snr. Tagawa Daikichiró:

"Será por causa da sua sentimentalidade de insulares, ou em resultado de longos seculos de isolamento; mas o que é fóra de duvida é que os japonezes se olham uns para os outros e para os estrangeiros como inimigos e que elles constituem um grupo combativo. Nós mostramos mais actividade em disputar do que em qualquer outra coisa. Nada me acode dizer contra este nosso espirito competitivo. Mas isto acarreta uma certa impetuo-

sidade, que é perigosa. Somos um povo excitavel e a nossa excitabilidade leva-nos por vezes muito longe.»

Diz o snr. Kamada Eikichi:

"Afigura-se-me que a nossa mais saliente caracteristica consiste na promptidão com que aprendemos das outras nações o que é digno de ser conhecido (espirito aberto, grande receptibilidade). Nós importamos muito da India, da China, da Coréa, do mundo occidental, retendo embora o que era de valor dos nossos instinctos herdados, dos nossos sentimentos, dos nossos principios. Uma das nossas fraquezas, todavia, é a tendencia a sermos levados aos extremos. Quando enlevados em coisas estrangeiras, queremos tudo que seja estrangeiro, bom e mau. Quando anti-estrangeiros ou conservativos, admittimos que tudo que é estrangeiro é inferior ás coisas japonezas. Mas a noção, agora propagada por certos estranhos, de que nós vamos no caminho da decadencia, é falsa; os nossos marasmos são de curta duração e invariavelmente seguidos de energicos movimentos progressistas.»

Diz o dr. Inoué Tetsujiró:

"O povo japonez é muito excitavel. Seja por causa do clima ou por outra razão que eu desconheço, o que é certo é que somos uma raça muito emocionavel; e, quando excitados pela colera, bulhamos uns com os outros pela mais rustica maneira. Em verdade, porém, a colera passa depressa no nosso povo, como um aguaceiro, não deixando vestigios. Isto prova sinceridade e ingenuidade de temperamento e é elogiado por certa gente como um dos nossos meritos. Sem duvida, a rapida compostura após a disputa vale mais do que o resentimento enraizado por longo tempo; no entretanto, a tendencia ao mau humor por causas triviaes deve ser condemnada.

"Volubilidade é tambem uma das nossas fraquezas. Nós amamos a mudança pelo prazer da mudança. E'-nos difficil fixar-nos por longo tempo a qualquer coisa, a qualquer ideia. Falta de fixidez e de constancia é um dos defeitos nacionaes.

"Nós somos uma nação de optimistas. Somos uma raça de povo sorridente. Sorrimo-nos de tudo. Quando dois japonezes se encontram, hão-de forçosamente sorrir. Sorrimo-nos em enterros, como em bodas. Até quando a gente vai dar pezames a um amigo, fal-o muitas vezes a sorrir. Seja embora este nosso optimismo susceptivel de ser considerado como leviandade, é elle bem preferivel ao pessimismo. Esta habitual disposição para a alacridade diz muito pelo futuro do imperio.

"Nós somos, em todas as coisas, adoradores da simplicidade. Nota-se isto nas nossas casas, nas nossas refeições, no nosso vestuario, nas nossas relações sociaes de cada dia. Quando os estrangeiros se dão beijos e apertos de mão, nós saudamo-nos por um simples inclinar da cabeça. Falta de artificio é a caracteristica de todas as nossas coisas. Alguem poderá chamar a isto creancice, mas isto tem a graça de ser perfeitamente natural. Somos uma nação de grandes admiradores da natureza, como poderá imaginar-se pelo facto de que até muitos dos mais miseraveis individuos da nossa gente encontram meios para comprar um pinheirinho ou umas hastes de cerejeira em flôr. Tão amantes somos de todas as coisas naturaes, que não só o canto dos passaros nos enleva, mas até o ruído dos insectos.„

XXIII

28 de Março de 1913

Lafcadio Hearn; uma referencia á sua obra; segue-se o exemplo de Hearn: traducção de uma composição ingleza do joven Miho «As aspirações dos novos»; falla-se das luctas da existencia, do amor e, por ultimo, da natureza.

LAFCADIO Hearn, o delicioso contista de coisas japonezas, de quem eu não me canço de fallar, Lafcadio Hearn ignorava, quasi por completo, a lingua japoneza, embora houvesse permanecido, por longos annos, no Japão; o que parecerá, por certo, estranho áquelles que se familiarisaram com a sua obra litteraria, tão recheada de lendas, de referencias e crendices populares, que só se aprendem em palestra com o povo, não nos livros.

Hearn, que foi professor da lingua e litteratura inglezas, em varios collegios e universidades do Japão, recorria frequentemente, nos seus estudos, a um engenhoso processo, que de certo modo substituia, muitas vezes com vantagem, as conversas com o povo, que elle era incapaz de entabolar. Querido dos seus discipulos, inqueria d'elles informações sobre um determinado estudo, sobre os antigos cancioneiros ou os ritos funeraes, por exemplo; ou pedia-lhes a opinião pessoal sobre um evento; o resto, que era quasi tudo, consistia

em transportar as informações colhidas para a sua prosa admiravel, que ia encantar leitores.

Pois tambem eu hoje, dentro dos limites da minha modestissima maneira de rabiscar artigos sobre coisas do Japão, vou fazer como Hearn, apresentando, n'este caso, em versão litteral, a traducção de uma composição ingleza, de certo moço Japonez, com quem travei conhecimento.

O moço, snr. Miho, tem vinte annos de idade e acaba de concluir, em Kobe, o curso superior de commercio. A composição ingleza foi apresentada no exame final, como era de rigor. O snr. Miho é intelligente, vivo, expansivo, um bello typo de rapaz. As suas ideias pódem bem tomar-se como as ideias da geração nova japoneza, sahida das escolas; offerecem, pois, especial interesse para quem estuda este povo, na sua grande evolução social e nas suas palpitantes aspirações.

Segue, pois, a composição ingleza do joven Miho, ou antes, a traducção portugueza que d'ella fiz, rabiscada sobre o joelho.

AS ASPIRAÇÕES DOS NOVOS

Carlyle disse: — «A historia da humanidade é a historia dos seus grandes homens». — Eu desejo accrescentar que esses grandes homens são os novos, dotados de nobres aspirações, inexcediveis. As aspirações dos novos constituem a verdadeira potencia vital na existencia das nações e na evolução das raças.

Relanceando a velha historia das luctas da humanidade, vêmos como ella se illustra por acontecimentos de uma immensa transcendencia. Lembrando os factos como elles se passaram, reconhecemos que as infatiga-

veis aspirações dos jovens athenienses levaram a Grecia á culminação da sua esplendida independencia. A revolução franceza realisou-se ao custo de milhares de preciosas vidas, aspirando pela liberdade. Porque foi levada a cabo a revolução italiana? foi o joven e intrepido Garibaldi quem guiou a Italia inteira a uma união gloriosa; grande é o respeito do mundo pelo destemido general. Todas as revoluções, que assignalaram uma mudança radical na ondulação das marés da civilisação humana, foram obra das gerações nascentes. Invocando um exemplo caseiro, tambem a restauração da éra de Meiji foi levada a effeito pelos intrepidos sacrificios dos novos d'aquelles dias.

No anno passado, os chinezes revoltaram-se; ainda então, a força motora residia nos sentimentos dos jovens, aspirando por um governo que préviamente idealisaram.

No momento presente, em que nós todos nos encontramos aqui reunidos, gozando os dons da juventude, quaes serão as ideias que affluem ao meu espirito e quaes as vossas ideias, companheiros? Tanto quanto me é permittido assegurar, é a esperança, é o amor e é o encanto das bellezas naturaes, que enchem o pensamento de toda esta mocidade.

Comecemos pela esperança. As creanças pensam só no presente; os velhos enchem as bôccas, fallando dos seus passados dias de gloria, completamente indifferentes ao futuro, excepto no que respeita o espantalho da morte proxima. Mas nós, os novos, pensamos no futuro; os nossos pensamentos encontram-se cheios de esperanças, de nada mais senão esperanças.

Pelo presente, eis-nos afortunadamente desprovidos da posse do oiro, admittidos, comtudo, no reino dos

illimitados ideaes, cujos ricos campos só esperam pelo esforço corajoso das nossas charruas. Cravamos os olhos no vasto espaço, animado de variadissimos aspectos, que se estende diante de nós. Tudo isto vale mais do que imperios, tudo isto é o sublime paiz dos sonhos. Achamo-nos no fóco d'onde irradiam jubilos sem conta, inaccessiveis á comprehensão das almas decrepitas.

A nossa esperança é vaga, mas real. Deixai-nos esperar, esperar sempre; deixai-nos collocar o nosso ideal na mais alta culminancia, esperando ainda, até que, finalmente, possamos attingir a terra promettida. Possivelmente, não conseguiremos alcançal-a; mas não é isto motivo para que deixemos de aspirar. Bacon asseguranos que "um attento observador deve dar com a fortuna, que é cega, mas não é invisivel."

No excitamento das luctas da existencia e quando possuidos pelo enlêvo dos desejos, pouco nos farão soffrer os combates e os golpes, que em condições differentes nos causariam dôr intensa. Paciencia e perseverança são os productos directos do poder da aspiração. Com nobres aspirações nos nossos corações, poderemos embora vêrmo-nos atormentados por embaraços, mesmo sentirmo-nos abysmados em ruína sem remedio; mas esses mortificantes incidentes nunca conseguirão tolher o vôo das azas infatigaveis de nossas almas esperançosas.

Fallemos agora do amor. Bôlos para as creanças, lindos vestidos para as mulheres, um golo de agua a quem morre de sêde e amor para os novos, são imposições naturaes, no mundo em que vivemos. O amor juvenil é um elemento imperativo, que consome o nosso pensamento e a nossa alma.

Pensadores e philosophos usam fazer grandes car-

rancas a proposito das coisas intimas dos nossos corações; mas falta-lhes o bom senso para conhecerem que os seus longos e benemeritos discursos servem apenas para aguçarem-nos os desejos, na insaciavel sêde do amor. Cegos pensadores, cegos philosophos: esqueecivos de que os sentimentos humanos jámais poderão ser sujeitos aos dictames da razão.

Que heroe ha ahi, que possa afastar-se, de bom grado, da presença do ente querido? Nós possuimos todos os meios de conquista que pódem subjugar uma nação; mas quanto fracos nos sentimos em presença de uma mulher!... Póde o seu bello rosto estar distante; mas a lembrança dos seus sorrisos casuaes virá perturbar o somno, a memoria das palavras que soltou exaltará a nossa alma até aos paroxismos da paixão...

Sir John Lubbock diz: — "O amor é a musica da existencia. Mais ainda: ha musica nas bellas e silenciosas notas do amor, mais suaves de que o som de qualquer instrumento."

Tendes ouvido contar de novos, de idades varias, cujos crimes atrozes os arrastaram ao mais tragico fim. Mas não tereis comprehendido que esses indesejaveis incidentes estão raras vezes livres da morbida experiencia de um amor insaciado?... Amigos: erguei os vossos rostos e escutai os preceitos da prudencia; não vos entregueis á dôr, não vos exaspereis; aspirai a ser grandes, a ser fortes, porque grandeza e valor masculo são os unicos caminhos que levam á conquista do coração do ente mais encantador de todos os encantadores.

Permitti que passe agora a considerar as bellezas naturaes. Quero chamar a vossa attenção especial para o facto de nos acharmos rodeados de mil enlevos naturaes. Quem póde resistir ao feitiço dos deliciosos scena-

rios do nosso adorado torrão patrio, supremos, magestosos?...

O calmo e maravilhoso mar interior e o sagrado e solemne monte Fuji bastam para constituirem um perfeito poema por si só; o mais terno e o mais sublime poema de todos que poderão commover o poetico sentir do mundo inteiro.

Que enorme privilegio de satisfação nos é concedido, quando nos convencemos de que, para qualquer lado que nos voltemos, sômos sempre saudados por tamanha lindeza de paizagens, por tamanha diversidade de scenarios, por tão variadas côres do céo!...

Deixai-nos, pois, permanecer no seio da nossa natureza de sonhos, enlevando-nos no delicioso canto das aves, no mysterioso ruido das ramas, no silencioso arfar das aguas irisadas, que banham as praias de areia.

Nós iremos mergulhar no tumulto e na algazarra da vida fadigosa; mas nunca devemos esquecer que o legitimo objectivo da existencia humana é attingir a maior sublimidade de deleites.

Eu bem sei que o alvo dos intuitos de nós todos não é sermos poetas, sonhadores. Mas deixai-nos aspirar a sermos attrahidos pela insondavel profundidade do Incognito, tentando distrahir o nosso pensamento com as maravilhosas legendas que a natureza dicta.

E cuidado! Não vos embarqueis no barco da existencia com a ideia de ser um méro explorador dos mares vulgares. Pelo contrario, aspirai a ser admittidos no *sanctum sanctorum* do grande mysterio do universo.

FIM DO 3.º E ULTIMO VOLUME

INDICE

I

18 DE JANEIRO DE 1911

Como principia o anno referentemente á politica extremo-oriental; boatos sinistros; a attitude aggressiva da imprensa nos Estados-Unidos contra o Japão; hypothese sobre o desejo de um rompimento; como são as coisas e como são os homens; os americanos protectores da China; a idade do dinheiro e outra força tremenda: a lucta social. — Um artigo interessante do *Japan Chronicle;* a vida modestissima dos nipponicos; dados curiosos a tal respeito sobre as refeições, usos, costumes, etc.....

II

4 DE FEVEREIRO DE 1911

Julgamento de 26 criminosos — Os que soffrem de perturbações mentaes no Japão; varias considerações a este respeito — A proposito da epidemia da peste — Palestra sobre preços correntes de varios artigos — Um poema indigena em tres unicos versos..... 13

III

1 DE MARÇO DE 1911

A munificencia do imperador do Japão — Ares turvos passageiros — As miserias estupendas do Japão; observações a proposito; as peripecias de um crime — Uma scena de tragedia humana — Informações interessantes sobre as miserias de um bairro de Kobe..... 21

IV

25 DE MARÇO DE 1911

Uma pagina de Joaquim Nabuco; a instabilidade dos brazileiros; um pouco de devaneio; a lição que se tira da referida pagina, relativamente á familia japoneza; um enorme engano; explicações que interessam; não constitue uma raça pura a japoneza — Convite das dinamarquezas, para uma manifestação politica ás damas do Nippon; estas recusam por não terem ainda assentes arraiaes feministas; divagações a proposito..... 29

V

20 DE MAIO DE 1911

A proposito da delimitação de Macau; o artigo de uma folha belga, apreciando o tribunal arbitral da Haya; descreve-se a questão Savarkar; a decisão sobre um incidente do alludido tribunal; tira-se d'esta o corolario — Uma referencia ás ventarolas e leques japonezes; curiosidades a respeito de ambos; o seu commercio — O conde Okuma; um discurso notavel seu; plantação de um pecegueiro depois de proferido esse discurso..... 37

VI

15 DE JUNHO DE 1911

A epidemia da peste; a sua forma mais terrivel, pneumonica; interessante informação a este respeito; uma caracteristica notavel da alma do povo japonez — Estudo sobre a educação nipponica e valiosos commentarios — O que escreveu Lafcadio Hearn ácerca do Japão e do seu povo; tudo alli anda ao revés dos nossos modos; cita-se por mero passatempo um facto comesinho — Um costume em uso nos enterros schintôistas, que commove — «Le monde marche» e a China ainda mais; reclamações do seu governo ao do Mexico; em vista do que o que será a China no futuro?..... 44

VII

27 DE JULHO DE 1911

Os gritos dos vendilhões, diurno e nocturno: assumptos que poderiam ser tratados, mas para o que não ha pachorra; o calor e os tormentos inherentes: a sêde e as pulgas — O general Noghi e o almirante Togo; interessantes referencias sobre estes dois heroes do Japão — A questão do feminismo; dois livros sobre ella, um pró outro contra; o que o auctor Uesughi, auctor d'este, pensa sobre o assumpto; o que diz o outro, o dr. Kawada; commentario — A respeito de commerciantes portuguezes, do continente e das colonias; esclarecimentos... 51

VIII

10 DE DEZEMBRO DE 1911

Divagações destinadas aos «touristes»; a vida no Japão para o estrangeiro; phenomenos psychologicos e casos curiosos. — Póda ao rabicho chinez; a apologia do mesmo... 58

IX

27 DE JANEIRO DE 1912

O grande drama actual da China; o prolongamento do armisticio; dois regimens a funccionar; ainda um episodio interessante. — A proposito da evolução chineza; mostra-se que o salto da China não é tão extraordinario como parecia. — O presidente da republica chineza Sun-Chung-Shang nascido em Macau; o que elle tem passado. — O novo estado de coisas da China; o chinez vestido á europeia; e o chinez de cabaia e rabicho amputado. — Uma nota perfeitamente japoneza..... 66

X

24 DE FEVEREIRO DE 1912

Os acontecimentos da China; como se téem desenvolvido — Um rescripto imperial notabilissimo; algumas palavras

sobre a actual situação dos chinezes; os festejos no Japão pelo advento da nova republica — As primeiras flôres da ameixieira 74

XI

30 DE MARÇO DE 1912

A revolução chineza; explosões de desordem; seu caracter e seus iniciadores; grave situação da China — Conspiração republicana em Sião; influencia dos progressos do Japão sobre o espirito asiatico — O commercio do Japão com Portugal; esclarecimentos a proposito d'este assumpto; chama-se a especial attenção dos negociantes portuguezes para um caso que se expõe..... 80

XII

30 DE ABRIL DE 1912

A republica chineza; manifestações graves de independencia; pormenores interessantes e anecdotas ligeiras; resposta do «Japan Chronicle» a um inquerito jornalistico, e na qual se fazem revelações interessantissimas; promessa de commentarios a essas revelações 86

XIII

30 DE MAIO DE 1912

As coisas na republica chineza; falta muito dinheiro; põe-se em duvida a habilidade do presidente; a lucta de raças — A fealdade do japonez, que não é tão feio como o pintam; a questão está no trajo; coisa curiosa que se dá com as creanças do Japão; a japoneza acha feios os loiros da Europa: chama-lhes «olhos de peixe» — Curiosidade de negociantes portuguezes..... 93

XIV

25 DE JUNHO DE 1912

As coisas da China; as desordens e rapinas; falta de dinheiro; o reconhecimento da republica — A carestia do

arroz; o pão do japonez; scenas de miseria e angustia; tragedia que produz lagrimas — Uma nota mercantil — As diversas classes da sociedade do Japão; o que ellas são 99

XV

30 DE JULHO DE 1912

Morte do imperador do Japão; dados biographicos; a sua familia; as suas virtudes; exemplo que deixa na historia 105

XVI

7 DE SETEMBRO DE 1912

Sobre a morte do imperador Mutsuhito; o seu glorioso reinado; registro dos principaes acontecimentos d'este; uma explicação sobre a designação de «Nengô», que ao mesmo se dá; o funeral do imperador — Uma breve referencia sobre a China..... 108

XVII

15 DE OUTUBRO DE 1912

As homenagens funebres ao imperador Mutsuhito; o nome com que este fica na historia — O conde Noghi; as suas proezas e as suas ideias cavalheirosas; o que o supremo acto da sua vida representa — Duas palavras sobre a China; um dos seus grandes males; o reconhecimento da republica..... 114

XVIII

15 DE NOVEMBRO DE 1912

Ainda a morte do general Noghi; considerações sobre esse facto — Uma histerica? Discorre-se a proposito — Uma velha historia — Assumpto prático; as pautas aduaneiras do Japão..... 120

XIX

9 DE DEZEMBRO DE 1912

O calor, que occasionou a interrupção d'estas cartas; até O'-Toki San rapa as sobrancelhas á navalha; regresso á faina; as peripécias occorridas durante aquella interrupção: o que se está passando na China; o travão que se oppõe á sua civilisação; entra em scena uma outra China — A maneira como o imperador do Japão passa o estio; o que elle pensa sobre o luxo; os seus repastos e a sua distracção com o canto dos insectos — Os bichos que fallam; um morcego finorio mystifica uma doninha e um rato..... 125

XX

20 DE DEZEMBRO DE 1912

Falla-se do Japão para não perder antigos habitos; casos curiosos de um artigo de critica; interessantes commentarios a proposito de europeus — As coisas pela China — A' ultima hora..... 132

XXI

28 DE DEZEMBRO DE 1912

O momento critico que atravessa a China; novas referencias ácerca d'esse vasto paiz; um phenomeno que se produziu repentinamente; a falta de iniciativas; receios das potencias; affirma-se que o imperio chinez, tal como era, cahiu por terra — Um homem de lettras do Japão; a sua historia; uma anecdota emocionante — Um jogador de sabre nos tempos do feudalismo japonez; um incidente interessante, que teve benefica influencia nos tempos de então..... 138

XXII

28 DE JANEIRO DE 1913

O anno de 1912 no Japão; referencias a acontecimentos d'esse anno; os triumphos militares do imperio; considerações a proposito — Commentarios interessantes sobre o caracter nacional d'aquelle paiz..... 145

XXIII

28 DE MARÇO DE 1913

Lafcadio Hearn; uma referencia á sua obra; segue-se o exemplo de Hearn: traducção de uma composição ingleza do joven Miho «As aspirações dos novos»; falla-se das luctas da existencia, do amor e, por ultimo, da natureza 151

PORTUGAL-BRASIL

SOCIEDADE EDITORA

Rua da Condessa, 80—LISBOA

AFFONSO LOPES VIEIRA

O Romance de Amadis (2.ª ed.)	15$00
País Lilás, desterro azul	7$00
Diana	10$00
Auto da barca do inferno	4$00
Bartholomeu Marinheiro	10$00
Canto (O) coral	2$00
Gil Vicente	4$00
Versos	15$00
Povo (O) e os poetas portugueses.	3$00

CARLOS MALHEIRO DIAS

A esperança e a morte (2.ª ed.)	8$00
A Verdade Nua (2.ª ed.)	9$00
Carta aos Estudantes	2$00
Exortação á Mocidade	8$00
O «Piedoso» e o «Desejado»	8$00
Paixão de Maria do Céu (2.ª ed.)	10$00

EDUARDO SCHWALBACH

A Historia da Carochinha	4$00

H. LOPES DE MENDONÇA

Sangue Português (3.ª ed.)	8$00
Gente Namorada (2.ª ed.)	8$00
Lanças n'Africa (2.ª ed.)	8$00
Capa e espada (2.ª ed.)	8$00
Fumos da Índia (2.ª ed.)	8$00
Santos de casa	8$00
Almas penadas	8$00
Argueiros e cavaleiros.	8$00
O Crime de Arronches (teatro)	4$00
Vasco da Gama na Historia Universal	2$00
Epopeia de hoje	2$00
Lux perpetua	3$00
Orphãos de Calecut	15$00
Trovas de Portugal	1$00
A Morta (2.ª ed.) (teatro)	8$00

JOÃO DE DEUS

Campo de Flores, 2 vols.	25$00

JOÃO DO RIO

A Mulher e os Espelhos	8$00
Rosario da Il usão	8$00
Correspondencia de uma estação de cura (2.ª ed.)	7$00
Eva, 3 actos	7$00
Bella Madame Vargas, 3 actos.	7$00
Que pena ser só ladrão	7$00
Na conferencia da paz, 2 vols.	10$00

WENCESLAU DE MORAES

Serões no Japão, 1 vol.	12$00
Relance da alma japoneza, 1»	12$00
Edições especiaes em papel couché	25$00
Cartas do Japão, 3 vols.	30$00
Ed. esp. em papel couché	60$00

JÚLIO DANTAS

Cartas de Londres	8
Como elas amam (3.ª ed.)	8
Espadas e rosas (5.ª ed.)	8
Mulheres (6.ª ed.)	9
Sonetos (5.ª ed.)	4
Abelhas doiradas (2.ª ed.)	8
Ao ouvido de M.me X (5.ª ed.)	9
Os galos de Apollo (2.ª ed.)	8
Êles e Elas (4.ª ed.)	8
Arte de Amar (2.ª ed.)	8
O Heroísmo, a elegancia, o amor	6
Outros tempos (3.ª ed.)	8
Figuras de ontem e de hoje	8
Patria Portuguesa (4.ª ed.)	10
O amor em Portugal no século XVIII (3.ª ed.)	12
Eva	10

TEATRO:

A Severa	8
D. João Tenorio, 6 actos	8
Rosas de todo o anno	2
1023, episodio em verso	2
Auto de El-Rei Seleuco	3
Um serão nas Laranjeiras	8
A Castro	3
Sôror Mariana	3
D. Beltrão de Figueirôa	3
Primeiro beijo	2
Mater Dolorosa	3
D. Ramon de Capichuela	2
Poço de Veiros	4
Carlota Joaquina	3
Rei Lear	9
Santa Inquisição	6

L. A. REBELO DA SILVA

Contos e Lendas	6
Casa dos phantasmas	7
Lagrimas e thesouros	7
Odio velho não cansa	7
A Mocidade de D. João V (2 vols)	15

PEDRO IVO

Sello (O) da Roda	6
Contos (no prélo)	
Serões de inverno	6

SAMUEL MAIA

Sexo forte	8
Entre a vida e a morte	7
Luz Perpétua	7
Mudança d'ares	10
Por terras estranhas	4
Manual de medicina	15
Meu (O) menino	10

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
00027413157